Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 335 Quinta-feira, 9 de Abril de 1987 Preço 40$00

EM LISBOA

CARNE DE BOI SUBIU MAIS QUE A INFLAÇÃO NO ANO PASSADO

Pág. 11

Cem milhões de escudos/ano

AMERICANOS FOGEM AO FISCO NAS LAGES

Quem o diz é o deputado e antigo presidente da Assembleia Regional dos Açores, Álvaro Monjardino: as finanças do arquipélago são defraudadas todos os anos em 100 milhões de escudos devido à fuga do, destacamento dos EUA estacionado nas Lajes, ao fisco português . Ao abrigo dos acordos com Portugal, as autoridades americanas das Lajes deveriam proceder ao desconto e entrega das importâncias devidas pelo emprego de pessoal português na base. No entanto, isso não é feito, embora os responsáveis já tenham sido avisados pelas Finanças de Angra do Heroísmo. A recusa do comando americano tem uma razão, segundo Monjardino: esta situação serve para justificar o não pagamento, aos trabalhadores portugueses, de salários mais elevados. Instado a comentar a notícia, o Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa, não pode responder até ao fim da manhã.

Pág. 11

Campeões Europeus

FC Porto ainda está no patamar de Viena

Alegria e preocupação depois dos 2-1 obtidos frente ao Dínamo de Kiev. O F.C. Porto tem uma etapa difícil a vencer no campo do poderoso adversário. Mas um empate servirá as aspirações da turma das Antas.

Pág. 15

Cem anos de rádio-IV

Construa o seu receptor

António Parra

Um aparelho receptor de rádio é um instrumento maravilhoso, capaz de captar o que se move nas ondas do espaço, convertendo a energia electromagnética em sons. Esta caixa de Pandora é simultaneamente muito fascinante e simpes. Com alguns conhecimentos de electrónica, umas válvulas, umas tirasde estanho e de cobre, qualquer pessoa o poderia construir. Quando éramos estudantes e nos iniciávamos nos princípios da Física e da radiofonia (ciência que estuda os fenómenos acústicos produzidos pela energia radial, e seguindo o princípio que todo o corpo em contacto com a luz e com o calor emite sons e de que toda a matéria tem um poder radiofónico, conforme observações feitas no princípio do século XIX por Tyndall, o qual encontrou as «chamas cantantes» e por Schwartz, que o comprovou com um lingote de prata ao rubro, deixando-o depois esfriar junto a outro metal e obtendo sons harmónicos) construímos a nossa própria rádio no nosso dormitório ou no nosso quarto de colégio.

O rádio galena é um aparelho muito simples, quase troglodita, mas que capta sinais emitidos a uma distância de até sete quilómetros e para cujo funcionamento não é necessária antena.

Para se fazer um rádio galena caseiro basta escolher um muro cujo plano esteja orientado para a estação emissora. Sobre o muro pregam-se 4 pregos, que determinam os ângulos de um rectânguo de 3 por 3 metros aproximadamente. Neste rectângulo, bobina-se um arame em espiral e dispõe-se um detector de galena, um condensador de capacidade variável e um receptor telefónico de uns 500 ohmios de resistência.

O detector de galena é formado por dois tubos impermeáveis, sobre os quais, no sentido do comprimento, se coloca uma prancheta de ebonite, que se leva a cada extremo dos bornes de ligação para cada um dos dois arames, e no centro do cristal de galena, embrulhado em papel de estanho, sobre o qual repousa a ponta finamente talhada de um fio de cobre, que pode deslocar-se à vontade sobre a superfície do cristal de galena (sintonizador).

Com um instrumento tão sensível é possível apanhar as emissoras que enchem o ar de uma cidade, por maior que seja (Paris, Nova Iorque, Madrid, Buenos Aires).

Os componentes

Para captar sinais emitidos a mais de 40 quilómetros são necessários uma antena e um receptor de rádio. Todo o receptor de rádio tem os seguintes componentes; sintonizador, detectores, amplificadores, circuitos de neutrodyno e alimentação, a qual pode ser por bateria ou directamente da rede eléctrica.

O sintonizador consiste num circuito de oscilação de indução. Assim, por exemplo, se a nossa antena cata dois tipos de sinais: um, numa longitude de onda de 300 metros e outro numa longitude de 600 metros, isto quererá dizer que o primeiro tem uma frequência (e a frequência obtem-se dividindo 300 000 000, velocidade das ondas hertzianas, pelo número da longitude de onda) de um milhão de vibrações por segundo e a segunda de meio milhão de vibrações por segundo. O sintonizador ou selector de banda selecciona-se e distribui-as conforme as regras métricas das suas instruções.

O detector ou rectificador só permite a passagem da corrente, adaptando as oscilações da onda, de tal maneira que sejam audíveis e captáveis pelo ouvido humano. A onda que vem em duas direcções transforma-se, graças ao rectificador, numa linha contínua. Em ermos mais simples, a metade de uma onda radial é eliminada quando entra no aparelho. Os rectificadores têm sido fabricados com minerais (zinco, galena, ebonite etc.). Contudo, Fleming descobriu que os efeitos da rectificação podem ser efectuados por uma simples válvula: uma lâmpada que continha um filamento incandescente, que proporciona uma grande quantidade de neutrões e que fazem com que a corrente agnética viaje numa só direcção. Válvula amplificadora.

Depois da válvula veio a rede ou ralo. Actualmente, nem uma nem outra são utilizadas nos aparelhos de rádio, já que os transístores são autênticos circuitos integrados.

Os amplificadores potenciam o sinal recebido. Estes dispositivos servem para condensar esse sinal, venha ele em oscilações de alta ou de baixa frequência. Costumam ser reunidos a um transformador de corrente.

Por fim, os circuitos de heterodino ou neutrodino libertam a recepção de múltiplas interferências acabam com esse ruído, mediante aparelhos reguladores, que recebiam ao sintonizar, sobretudo, emissoras de onda curta, situadas a milhares de quilómetros de distância da nossa base, inclusive em continentes distantes. E a bateria ou rede de alimentação é a parte do aparelho receptor que permite primordialmente a transformação das ondas luminosas em sonoras, induzindo a corrente.

Um simpes receptor de rádio, por muito velho e estropiado que esteja, é uma estação electrónica. Um aparelho simultaneamente humilde e maravilhoso. Para os leigos, o seu funcionamento diário parece quase um milagre. Um milagre que está aí graças à técnica de Marconi e de Hertz.

V — SUA MAGESTADE O TRANSÍSTOR, O MÁGICO DAS ONDAS

SINAIS DE FOGO

Carlos, 17 anos, empregado de balcão

"É péssimo ser patrão"

— *Trabalhas há muito tempo?*
— Vai para três anos.
— *Deixaste de es tudar?*
— Os meus pais abriram um café e eu fui para lá aju - dar, por isso deixei o liceu. Mas para o ano contínuo os estudos à noite.
— *Gostas do que fazes?*
— Embora não seja um trabalho muito bom, porque é cansativo, vai-se fazendo. E é uma segurança, pelo me - nos sei que não sou despedido. Só me falta um ano para acabar o liceu, mas provavelmente quando chegasse ao fim não encontrava trabalho. Ao menos ali estou a traba - lhar no que é meu.
— *Têm mais empregados?*
— Está lá a trabalhar connosco uma rapariga.
— *Gostas de ser patrão?*
— Não, é péssimo. O patrão é o que trabalha mais e tem mais preocupações. O empregado sai à sua hora e ainda trabalha menos.
— *Não estás a ser in justo para os empregados?*
— Não. Também já fui empregado e sei como é. Não tinha que me preocupar com os lucros, era só receber o meu ao fim do mês.
— *Não admira, os lucros não são para o empregado.*
— Pois não, mas se não houver, não há emprego.
— *Ainda há quem vá até ao café con versar um pouco?*
— Cada vez são menos as pessoas que se sentam a conversar. Chegam, bebem o café, almoçam a correr e saem. No entanto este ainda é um dos ramos que está a dar mais dinheiro.
— *Os teus clientes almoçam refeições completas?*
— Não, já ninguém faz isso, ficam-se todos pelas meias-doses e a bica. Não gastam mais de 280$00.
— *Como ocupas os tempos livres?*
— Faço escutismo.
— *Se pudesses governar o que é que mudavas?*
— Tirava aos ricos e dava aos pobres.
— *Não achas que isso é utópico?*
— Talvez não.

Solicitará Mitterrand um novo septenato em 1988?

Nenhum presidente da República Francesa terminou o seu segundo mandato no Eliseu

Michel Varde

Sempre que François Mitterrand aparece na televisão, fala na rádio ou faz discursos, tanto os profissionais dos media como os espectadores e ouvintes, esperam que o Presidente da República se pronuncie «enfim» mais claramente **sobre as suas intenções de se apresentar ou não às eleições de 1988. Mas ficam sempre desapontados. Pode mesmo dizer-se que quanto mais a data se aproxima mais o «mistério» aumenta.**

O «mistério» que, na realidade, não é um mistério. Porque, a suprema arte oratória do locatário do Eliseu, que ainda recentemente se pôde constatar na sua «Uma hora, um ano», com Anne Sinclair, ele começa regularmente por um «Não serei evidentemente candidato» que faz estremecer os jornalistas em busca de um «scoop» sensacional seguido alguns instantes depois do sempiterno . . . o obrigatório . . . «Salvo se», «na condição de». Reserva que anula totalmente a precedente e categórica afirmação.

Três reeleitos: Jules Grévy, Albert Lebrun, Charles de Gaulle

Sabe-se que um dos principais argumentos que milita pela retirada pura e simples de Mitterrand (o que não o impediria de recomendar calorosamente X ou Y para a sua sucessão) é o facto, recordado abertamente e sem complexos, entre outros por Michel Rocard, que, desde a instauração da República, nenhum presidente terminou nessa qualidade o seu segundo septenato.

Três e só três o tentaram: Jules Grévy, que esteve no Eliseu 8 anos e dez meses, mas teve de pedir a demissão em Setembro de 1887, há um século, devido ao chamado escândalo das condecorações, de Wilson, seu genro; Albert Lebrun, presidente de 6 de Maio de 1932 a 10 de Julho de 1940, 8 anos e 2 meses, e que foi posto fora — foi isso mesmo — pelo marechal Pétain; e, por fim, Charles de Gaulle, chefe do Estado durante sete anos, de 1 de Janeiro de 1959 ao fim de 1965, reeleito (numa segunda votação) mas, que pediu a demissão a 28 de Abril de 1969, visto ter, sido afastado pelo referendo que propusera aos franceses. Esteve pois no seu posto dez anos e quatro meses incompletos, o que constitui, até agora, o recorde de longevidade presidencial.

Não há retirada legal para os ditadores

O caso é diferente no estrangeiro. Sem contar com os regimes totalitários, onde os ditadores só deixam o poder quando são derrubados, assassinados, ou quando morrem: Estaline, 29 anos; Mussolini, 23 anos; Hitler, 12 anos; Salazar, 28 anos; Mao Zédong, Tchang Kai Tchek, ou Janos Kadar, na Hungria, mais de trinta anos; Habib Bourguiba, semiditador, 30 anos, etc.

Nos países democráticos é provavelmente o finlandês Urbo Kaleve Kekkonen, quem detém a palma, visto ter sido presidente da República durante 26 anos, de 1956 a 1982.

Na República Federal, o mandato presidencial de cinco anos só é renovável uma vez. A duração global de dez anos não pode pois ser ultrapassada, o que foi, por exemplo, o caso do muito popular Théodor Heuss.

Itália: um septenato

Em Itália, os presidentes Einandi Gronchi, Leone, Pertini, um só mandato presidencial de sete anos — mas o segundo lugar depois de Kekkonen, a Tomas Masaryk, presidente democraticamente eleito da República checoslovaca durante dezassete anos (!) de 1918 a 1935.

O seu sucessor, Eduardo Benes, teve muito menos sorte. Afastado uma primeira vez, em 1937, ao fim de dois anos, de regresso ao seu país em 1945, foi definitivamente «demitido» em 1948, depois do primeiro «golpe de Praga».

Sabe-se que nos Estados Unidos nenhum presidente pode ficar na Casa Branca durante mais de dois mandatos de quatro anos. A única excepção deu-se durante a Segunda Guerra Mundial, com Franklin D. Roosevelt, eleito em 1932, reeleito em 1936, 40 e 44, mas falecido em Abril de 1945, algumas semanas antes da capitulação do Terceiro Reich.

Mistério total

François Mitterrand, nascido a 26 de Outubro de 1916 terá pois 71 anos e meio a 10 de Maio de 1988, quando expirar o seu primeiro mandato, menos que o general de Gaulle quando da sua reeleição em 1965. Mas se for reconduzido para um segundo septenato, teria 78 anos e meio no fim desse septenato, em Maio de 1995 — isto sem esquecer a sorte que se encarniça em França desde 1871, sobre esses . . . readmitidos, nenhum dos quais ficou no Eliseu mesmo até à primeira metade do segundo «tempo regulamentar».

O homem que deve o seu êxito ao tempo e à tenacidade, tentará a sua sorte? Na hora actual não se pode fazer razoavelmente nenhuma aposta sobre as suas intenções. Mesmo os seus íntimos evitam fazê-la.

Por um Governo de Abril

Joaquim Ribeiro Simões (*)

1. Em artigo publicado neste jornal em fins de Julho do ano transacto, intitulado «A Esquerda e o comboio da Fortuna», previa a queda do Governo de Cavaco Silva para os começos de 1987. **Os nossos «brilhantes» analistas mais uma vez foram apanhados desprevenidos, mesmo alguns que vestem roupagens de Esquerda, mas que se vão encostando aos suaves veludos da Direita no Poder.**

Era inevitável a presente crise. Em pouco mais de um ano este Governo minoritário conseguiu indispor-se com a Assembleia da República e foi criando um rosário de situações conflituais com vastos sectores da sociedade portuguesa, concretamente na educação e ensino, na agricultura, na assistência, nas Forças Armadas, no mundo do trabalho. A vaga de clientelismo alastrou-se como um cancro, provocando situações chocantes que têm sido desmascaradas pelos partidos da Oposição. A arrogância, a sede ilimitada de Poder deste Governo minoritário conduziram-no ao beco actual: a condenação unânime de toda a Oposição à sua Esquerda.

O mau perder tem sobressaído da conduta dos principais responsáveis pelo Governo PSD: desde que o PRD anunciou a apresentação da moção de censura têm-se multiplicado as tiradas insensatas, autênticas provocações: **até já marcaram a data das eleições! Onde chegou o desarrazoado!** Como se não existisse o cargo de Presidente da República!

2. **A actual Assembleia da República foi eleita por sufrágio popular para um período de quatro anos. É esta a verdadeira e legal sondagem.** A única que o PR terá de respeitar. Enquanto não houver alternativa, não é lícito dissolvê-la. São preceitos democráticos mínimos que todo o cidadão tem de aceitar. Alternativas existem e compete ao PR analisá-las e tomar depois uma decisão.

Logo que o Governo seja derrubado, o problema passa para o Presidente. Só a este cabe a decisão, que lhe será impossível de obter.

Se o Partido Socialista estiver disposto a enfrentar o desafio, tudo será fácil à partida, uma vez que o PRD parece estar pronto para colaborar em qualquer alternativa. **Um Governo PS-PRD, apoiado pelo PCP e MDP, seria uma solução equilibrada e durável, mas para tanto exige-se que socialistas e renovadores estabeleçam uma plataforma de entendimento, vasta e operacional,** que aponte para o final da legislatura. por outro lado, tanto o PCP como o MDP e «Os Verdes» terão de ser ouvidos nas negociações a haver, porque sem os votos dos deputados da ex-APU não existe passagem.

Entendo que, no actual momento, não é aconselhável que o PCP colabore com ministros num executivo a formar: a opinião pública dos países da CEE tremeria de alto a baixo, os falcões da NATO afiariam as garras, as emboscadas ao futuro Governo de Esquerda logo seriam montadas.

3. A hipótese de um Governo do Partido Socialista sozinho, forte do ponto de vista operacional, é muito perigosa para este partido: seria o único a acarretar o ónus da governação. Embora apoiado pelo PRD e PCP, o governo socialista ficaria com um espaço de manobra muito reduzido, pelo que não se aconselha esta solução.

Quanto a um possível Governo de independentes, do tipo Lurdes Pintasilgo, que abrangesse pessoas competentes do campo democrático e socialista, entendo que seria perfeitamente possível e realista. Se conseguise o apoio do PS, PRD e PCP, um Governo de personalidades não aliadas, com elevada craveira profissional e moral, poderia constituir um êxito. **Afastado das clientelas partidárias, fontes de apadrinhamento e corrupção, um Governo de independentes, norteado pelos princípios expressos na Constituição, seria uma maneira correcta e airosa de se sair da presente crise.**

Um Governo capaz de prosseguir com o ideário de Abril, tão maltratado e por vezes espezinhado nos últimos anos. Cabe ao Presidente, no segredo do seu gabinete, a decisão para a problemática em curso. **A mesma maioria que o elegeu está apta a enfrentar as responsabilidades do momento.** A queda de um Governo minoritário não passa afinal de mero acidente, pelo que não devemos dramatizar a situação.

4. A hipótese de eleição antecipada, como pretende (pretenderá mesmo?) o líder do PSD traria largos inconvenientes para o País, que veria a sua imagem política obscurecida na cena internacional. **Os parceiros da CEE não veriam com bons olhos a instabilidade do nosso sistema e a credibilidade de Portugal seria fortemente afectada.**

O País seria abalado por mais uma campanha eleitoral, com impantes custos económicos, de resultados certamente semelhantes à actual composição da Assembleia da República. Mais três ou quatro por cento para o PSD e seis ou sete por cento para o PS, com alguma quebra do PRD, seriam diferenças que não compensariam os vultuosos inconvenientes. **Se é credível que o PSD continuária como o partido mais votado, este nada poderia fazer contra a larga maioria expressa pelos partidos à sua Esquerda. E a crise, em vez de solucionada, agravar-se-ia.**

O mais racional (e razoável) será portanto encontrar uma das soluções alternativas apontadas no quadro da actual Assembleia da República, expressão legal do voto popular, eleita por um período de quatro anos.

(*) Coronel na Reserva
Escritor

Contactos em Belém prosseguem hoje e amanhã

SOARES COMUNICA DECISÃO ANTES DO FIM DO MÊS

Antes do fim do mês, o País conhecerá a posição do Presidente da República sobre a saída para a crise desencadeada pelo PRD. Quem o disse foi o próprio Mário Soares, indicando que a sua decisão será tornada pública depois de 25 deste mês. Antes, a 23 ou 24, ouvirá o Conselho de Estado. Nesta altura, recorda-se, o primeiro-ministro em exercício, Cavaco Silva, já estará de regresso da sua deslocação ao Extremo Oriente. Até lá, o Presidente prosseguirá os contactos iniciados imediatamente após o seu regresso do Brasil. Hoje, irá a Belém o vice-presidente do PRD, Hermínio Martinho, e amanhã de manhã será a vez do secretário-geral do PS, Vítor Constâncio. Ontem, depois da partida de François Mitterrand, estiveram em Belém o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, e o presidente do MDP/CDE, José Manuel Tengarrinha.

À margem destas consultas, os partidos parlamentares movimentam-se. Ontem, enquanto o PS prosseguia os contactos que os seus dirigentes nacionais vêm realizando com as bases — António Guterres está na Madeira com esse objectivo —, o CDS reunia a sua Comissão Permanente e convidava Freitas do Amaral a integrar as suas listas de candidatos a deputados. Hermínio Martinho falava, entretanto, na Televisão e, em Estrasburgo, o socialistas Jorge Campinos — citado pela «Lusa» — denunciava «uma tentativa de lançar sobre o Presidente da República a responsabilidade exclusiva pela solução da crise política».

Esta declaração de Jorge Campinos — que a «Lusa» não esclarece como e porque surgiu: iniciativa daquele deputado europeu? comentário solicitado pela agência? — corre no sentido de intervenções anteriores, no quadro da Comissão Política do PS, onde defendera a abstenção do seu partido na votação da moção de censura e fizera a defesa do Presidente da República e da necessidade de não provocar situações de desgaste da sua imagem.

Agora, Jorge Campinos critica a existência de tentativas de responsabilização exclusiva do Presidente pela solução da crise e atribuí-as a «dirigentes do PRD, e não só». Campinos não esclarece quem pretende atingir com o «aposto ou continuado», embora a sua declaração tenha surgido na mesma altura em que se fala de contactos que pelo menos um dirigente do PS teria estabelecido com o PRD, antes deste anunciar a apresentação da moção de censura. António Guterres teria sido esse dirigente.

O contexto em que se teriam desenrolado estes contactos surje de forma nebulosa e tem sido alvo de algumas referências indirectas nos órgãos de Informação. Em algumas áreas socialistas, como em círculos próximos de Belém, diz-se, no entanto, que a figura de Mário Soares teria sido referida à luz das implicações que o processo desencadeado teria no seu consulado. Com que intenções? Ninguém esclarece, mas as fontes que referem este assunto dizem não se tratar de um «rumor», mas de um facto concreto.

A alternativa

Já no que diz respeito às alternativas que o PS procuraria encontrar para o caso de vir a formar Governo, fontes socialistas bem colocadas dizem que, as notícias últimamente vindas a público, são «mera especulação jornalística».

Trata-se de uma solução, ontem referida com alguma insistência, que passaria pela constituição de um executivo com base socialista mas incluindo diversos independentes e mesmo uma figura do PRD, que, no entanto, não participaria na qualidade de militante daquele partido. Os nomes apontados são os de Silva Pinto, Silva Lopes, Correia Gago, Helena Roseta e Baião Horta.

Uma fonte socialista atribuiu as notícias que circulam com estes nomes a «ilações ilegitimas» resultantes do facto de ter havido contactos com algumas destas personalidades, mas sem «qualquer outra intenção que não fosse a de as ouvir sobre o momento político».

Algumas destas informações apontam também para a participação do CDS numa solução governativa alternativa ao actual Governo, indicando-se mesmo que Basílio Horta seria uma figura daquele partido a incluir num futuro executivo de base PS. Também aqui as mesmas fontes indicam nada haver de concreto e remetem para o comunicado de ontem da Comissão permanente dos centristas.

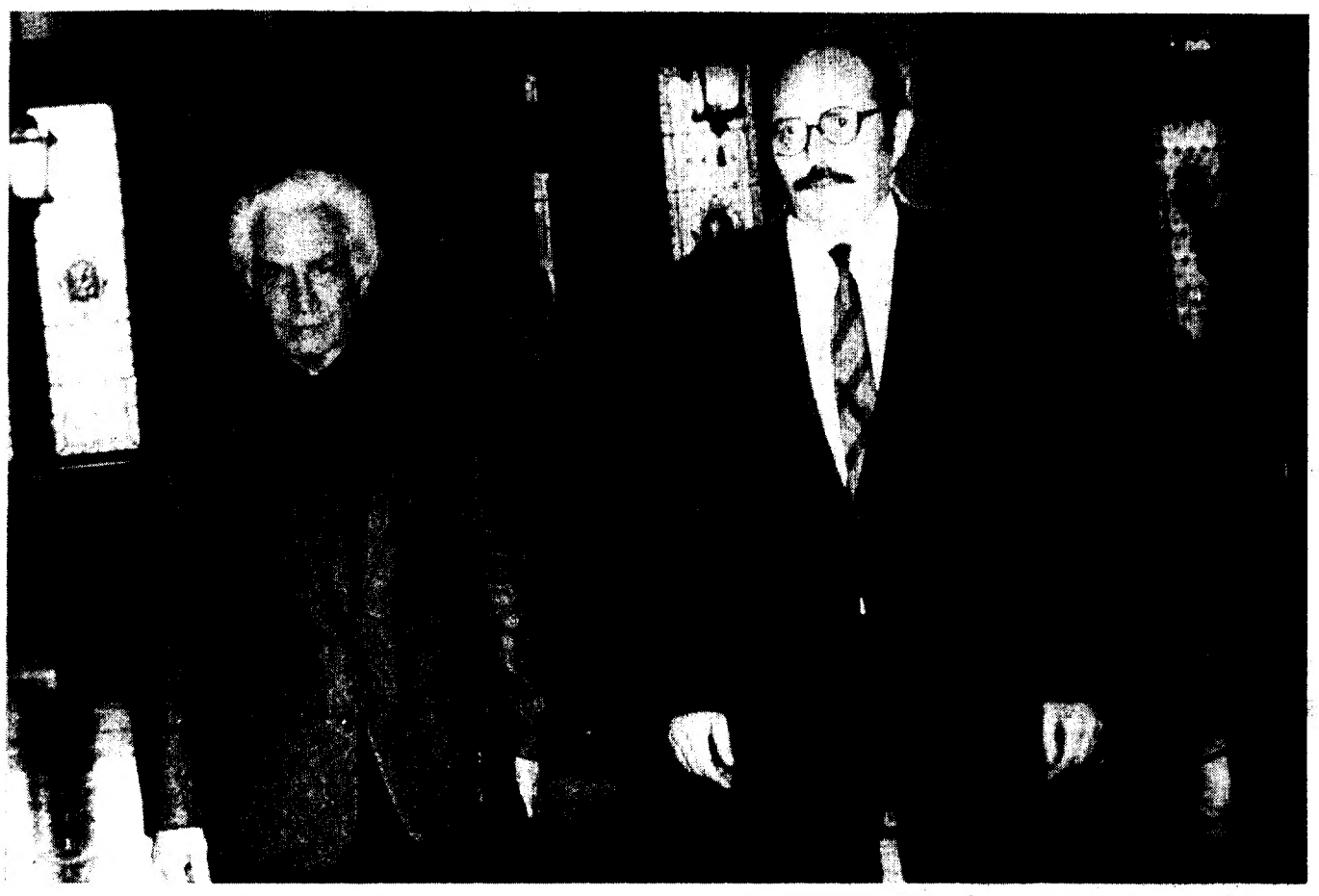
Ambiguidade

Este comunicado dos centristas pode ser classificado como um modelo de ambiguidade. Dois parágrafos apenas, num total de doze linhas, para recordar «que o CDS foi o único partido que fez uma proposta construtiva, na A.R., ao PSD, para conseguir em eleições gerais antecipadas a clara maioria parlamentar coerente de que o país necessita, na fundada convicção de que nenhum partido conseguirá sózinho esse objectivo. É a tarefa de reconstrução do País que está em causa, a qual exige a convergência explicita das forças políticas e sociais da mesma área, contra o frentismo de esquerda». Este o primeiro parágrafo. No segundo, diz o comunicado que foi decidido, «para reforçar a intervenção da democracia cristã nessa eleições gerais, chamar à participação personalidades representativas das forças da sociedade civil e convidar o prof. Freitas do Amaral, fundador do CDS, para integrar as candidaturas apoiadas pelo partido».

Deste comunicado tanto se pode inferir, como a agência «Lusa» fez numa primeira leitura, que o CDS é a favor de eleições gerais antecipadas, como, ainda segundo a mesma agência num despacho posterior, que o «comunicado não específica que a Comissão Permanente entenda a ideia de eleições gerais antecipadas como a melhor solução para a presente crise política».

Que quer o CDS? Aparentemente tudo: estar preparado para eleições e não fechar a porta a qualquer entendimento que as evite.

Um dos seus dirigentes, José Maltez, dizia ontem à



S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Alpiarça, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1224, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Alpiarça, de uma linha aérea a 30 KV, com 661 metros, do poste n.º 2 da linha para o PT APC 2 do Bairro do Eucaliptal ao PT APC 7C de CM de Alpiarça.

Linha aérea a 30 KV, com 90 metros, do poste n.º 4 da linha para o PT APC 7C de CM de Alpiarça ao PT APC 2C de José João da Costa Duarte, sito no Casal dos Gagos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 20 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Chamusca, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1242, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Vale de Cavalos, concelho de Chamusca, de uma linha aérea a 30 KV, com 2239 metros, do poste n.º 108 da linha para o PT APC 1 de Alpiarça ao PT CHM 32 C de Miguel Maria de Sousa Campilho, sito no lugar de Sesmarias.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 19 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1207, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Malhou, concelho de Alcanena, de uma linha aérea a 30 KV, com 15 metros, do poste n.º 5 da linha para o PT ACN 1C da VIBRAL, LDA., ao PT ACN 76 de Malhou.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 19 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

noite que «eleições antecipadas não modificarão a situação política do País se não houver uma coligação entre o CDS e o PSD».

«Temos perfeita noção, clara, cientifica, de que as eleições antecipadas, a realizar-se na actual disposição dos partidos e forças políticas, não trarão qualquer mudança política», acrescentou, sublinhando: «Pelo contrário, a situação agravar-se-à».

Referiu que o PSD «ainda não deu resposta às propostas apresentadas pelo presidente do CDS, Adriano Moreira, na sua intervenção no decorrer do debate da moção de censura no Parlamento», mas adusiu que «há contactos» com o PSD.

A convicção centrista de que, em próximas eleições, nenhum força política obterá maioria absoluta — posição que começa a ser partilhada por outros partidos e que faz parte, também, da análise que Belém faz da situação — tem servido para que aquele partido não desista de uma coligação eleitoral com os sociais-democratas, única forma de tal maioria ser alcançada.

Mas enquanto o PSD não responde, o CDS mantem a porta aberta a todas as hipóteses e, segundo fonte ouvida pelo «DL», tem-se mostrado receptivo a sondagens feitas pelo PS.

Novidade

Inesperada foi, entretanto, a afirmação ontem feita na TV por Hermínio Martinho de que o seu partido admitia a formação de um executivo da «área do PRD» chefiado pelo general Ramalho Eanes, no caso de o PS «assumir publicamente» que não quer ou não pode formar Governo.

Martinho escusou-se a dizer que possibilidade teria um tal Governo de passar no Parlamento, mas indicou aquela hipótese como uma de várias alternativas que os renovadores têm para a crise e as quais comunicará hoje ao Presidente da República, numa audiência marcada para o fim da tarde.

O vice-presidente do PRD defendeu que o Presidente da República deve dar uma oportunidade ao centro-esquerda para provar ao eleitorado se, na actual conjuntura económica, é possível ou não «fazer mais e melhor» do que o Governo Cavaco Silva. Considerou, também, que à luz dos resultados eleitorais de 6 de Outubro, seria «estranho se fosse feita a proposta de um Governo de base PS sem coligações, hipótese colocada terça-feira pelo secretário-geral dos socialistas.

Audiências

O encontro de hoje de Hermínio Martinho com Soares foi antecido, ontem, de audiências separadas do Presidente da República com Álvaro Cunhal e José Manuel Tengarrinha.

Para Cunhal, falando no final da entrevista, a possibilidade de eleições antecipadas é «uma má hipótese» pelo que o seu partido estaria disposto a apoiar qualquer tipo de Governo considerado à esquerda do PSD, assente na actual estrutura parlamentar.

O secretário-geral do PCP disse ainda ter transmitido ao Presidente da República que a aprovação da moção de censura «não é um facto ocasional», mas sim produto de «um processo que estava em gestação», bem como que se torna conveniente «uma nova política», o que poderá ser feito no quadro actual do Parlamento, sem recurso a eleições.

Por sua vez José Manuel Tengarrinha assegurou que as condições do seu partido para dar apoio parlamentar a um novo executivo não terão a ver com a composição deste.

Também o dirigente do MDP considerou que o derrube de Cavaco Silva não implica eleições antecipadas, pois a «Assembleia da República contem soluções melhores do que este Governo».

Partida amanhã para Pequim

BANGKOK E MACAU NO PROGRAMA DE CAVACO

Deslocações a Macau e à Tailândia culminarão a visita que Cavaco Silva inicia amanhã à China para assinatura do acordo sobre a transferência do território macaense.

A assinatura do acordo terá lugar segunda-feira em Pequim, seguindo-se encontros de Cavaco com vários dirigentes chineses e, depois, uma viagem por várias cidades.

A deslocação a Macau, a primeira de um Primeiro-Ministro português ao território, ocorrerá no final da próxima semana e terá como objectivo, segundo fonte governamental, «explicar à população e aos orgãos representativos de Macau o conteúdo do acordo, o modo como o processo de negociações foi conduzido pelo Governo e os objectivos que se pretende ver atingidos».

A visita à Tailândia, nos dias 20 e 21, é feita a convite do chefe do Executivo de Bangkok, Prem Tinsulanonda. No dia da chegada à capital tailandesa, Cavaco Silva dará uma conferência de Imprensa na embaixada de Portugal, instalada numa antiga feitoria portuguesa, agora completamente restaurada e de grande beleza arquitectónica. Recorde-se que o ministro tailandês dos Negócios Estrangeiros, Siddhi Savetsila, visitou Portugal em 1985, era então Primeiro-Ministro o dr. Mário Soares. Os dois governos manifestaram, na altura, interesse no incremento do comércio bilateral.

MNE na comitiva

Cavaco Silva é acompanhado na sua viagem pela esposa, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros e por vários funcionários e diplomatas, incluíndo os negociadores do acordo luso-chinês sobre Macau.

Fontes governamentais referem a possibilidade de a viagem ser ainda aproveitada para um novo relacionamento, nos planos político, económico e cultural, entre Portugal e a China. O chefe do Executivo português deverá encontrar-se, segunda-feira, em Pequim, com o líder chinês Deng Xiao-ping e com o presidente Li Xiannian, horas antes da assinatura do acordo.

Acompanhado por Soares

Mitterrand foi ao "Tavares" antes de regressar a Paris

François Mitterrand regressou ontem a Paris depois de uma visita oficial de três dias a Portugal. Antes de partir para o aeroporto, o chefe do Estado francês almoçou no Restaurante «Tavares». Acompanharam-no Mário Soares e, ainda, de acordo com a «Lusa», alguns «intelectuais portugueses, entre os quais Eduardo Lourenço, Almeida Faria, Manuel Vilaverde Cabral, Isabel da Nóbrega e Clara Ferreira Alves».

O almoço, oferecido pelo presidente da República, reuniu também o ministro português dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, a secretaria de Estado da Cultura, Teresa Gouveia, os ministros franceses Bosson e Longuet, e os embaixadores de Portugal em França e de França em Portugal. À saída do restaurante algumas centenas de pessoas saudaram os dois presidentes, enquanto duas jovens rompiam o cordão de segurança para oferecer rosas vermelhas a Mitterrand e Soares.

A visita do chefe do Estado francês a Portugal mereceu entretanto algumas referências nos jornais parisienses, não obstante o facto de a maioria do noticiário ser consagrado à moção de confiança votada na Assembleia Nacional francesa e que obtivera, por margem confortável, a aprovação.

Abolida a taxa e a licença de saída

DEPUTADOS CONCLUÍRAM LEI DO SERVIÇO MILITAR

A nova lei do serviço militar, que entrará em vigor em Janeiro de 1988, extingue a taxa militar e a necessidade de apresentação de licença para saídas do país. O diploma, que deverá subir ao plenário da AR nos últimos dias de Abril, foi ontem aprovado na especialidade pela comissão parlamentar de Defesa.

Segundo a nova lei, os prazos para o serviço militar obrigatório serão de 12 a 15 meses para o Exército e de 18 a 20 para a Marinha e a Força Aérea. O diploma estabelece que o Governo deverá, até 1993, fixar os prazos mínimos previstos para o serviço militar obrigatório. As mulheres são dispensadas das obrigações militares podendo, no entanto, exercê-las voluntariamente, em regime normal, ou noutras modalidades.

Subsídio para jovens

Entretanto, a comissão parlamentar de juventude concluíu, com os votos contra do PSD e a abstenção do CDS, a aprovação do texto final do subsídio a jovens candidatos ao primeiro emprego. O diploma prevê um subsídio de 17.500 escudos a atribuír a jovens entre os 18 e os 25 anos, inscritos nos centros de desemprego e cujo agregado familiar não tenha um rendimento per capita superior 12.500 escudos, ou seja 50 por cento do salário mínimo nacional.

No âmbito da comissão parlamentar de Administração Interna, foram ainda concluídos os textos dos diplomas sobre os estatutos do Eleito Local e do Bombeiro.

A conferência de líderes agendou, por outro lado, para o próximo dia 24, a discussão dos projectos de lei relativos às eleições de deputados portugueses ao Parlamento de Estrasburgo.

A mesma reunião dos responsáveis dos diferentes grupos parlamentares decidíu, devido à crise política, suspender a visita que uma delegação da AR deveria efectuar em Maio próximo à Hungria. A mesma razão, recorde-se, foi invocada para suspender semelhante deslocação à Coreia do Norte.

Nas sessões de hoje e de amanhã, o plenário vai apreciar a ratificação pedida pelo PS e pelo PCP sobre o decreto-lei das Universidades privadas e deverá votar o estatuto remuneratório dos titulares de cargos políticos. Amanhã ainda, vota-se a Lei de Segurança Interna.

No dia 23 é apreciado o projecto-lei sobre a responsabilidade criminal dos titulares dos cargos políticos e no dia 25 haverá sessão solene comemorativa da queda do Fascismo, com a presença de Mário Soares.

Provedor de Justiça defende militares do "16 de Março"

O provedor de Justiça considerou «injusta» a situação em que ainda se encontram os militares que participaram na intentona de 16 de Março, saída das Caldas da Rainha.

Em entrevista ao programa da RDP «Risco ao Meio», Almeida Ribeiro explicou que lhe foram apresentadas 32 queixas por oficiais milicianos que estiveram naquela operação.

«Trata-se de militares que estiveram presos e que depois nunca foram colocados na escala de antiguidade» - disse o provedor. E acrescentou que nenhum desses oficiais atingiu ainda um posto superior a major, quando outros com a mesma antiguidade já foram promovidos a generais.

«Espero que esta situação injusta venha a ser reparada pela Assembleia da República» - disse ainda Almeida Ribeiro sobre este caso.

Almeida Ribeiro lembrou que os militares têm o direito de recorrer ao provedor de Justiça, «uma vez esgotadas as vias hierárquicas estabelecidas na lei».

Os militares podem recorrer aos serviços do provedor - acrescentou - em caso de «acções ou omissões dos poderes públicos que afectem os seus direitos, liberdades e garantias, excepto em matéria operacional ou classificada».

O provedor disse que tem havido «um bom relacionamento institucional» entre este órgão e a hierarquia militar.

Almeida Ribeiro elogiou ainda os militares portugueses «por se terem apagado voluntariamente e devolvido o poder aos civis» após o 25 de Abril.

O provedor disse que esta atitude contrasta com a do «antigo regime, em que os militares eram usados para tudo, mesmo em funções destinadas aos civis, como as de governadores civis e presidentes das principais Câmaras Municipais».

Governo de Mota Amaral quer aumentar vencimentos dos secretários regionais

Os presidentes da Assembleia e Governo regionais dos Açores passarão a ter vencimentos idênticos ao ministro da República, se entretanto for aprovada uma proposta nesse sentido do Gabinete de Mota Amaral.

A iniciativa do Executivo Regional, apresentada ontem à Assembleia, prevê a equiparação, em termos salariais, dos cargos de secretário regional por forma a igualar os seus vencimentos aos que já se praticam na Madeira. A proposta, para cuja apreciação é suscitada urgência e dispensa de análise em comissão, propõe ainda aumentos para deputados à Assembleia Regional.

Congresso da JSD

Na cidade da Horta começam amanhã os trabalhos do quarto congresso regional da JSD, durante os quais será discutida a criação de uma subsecretaria de Estado para a Juventude e a participação dos jovens sociais-democratas na Assembleia dos Açores. Para a JSD, a criação deste novo departamento poderia permitir «uma política integrada de juventude de âmbito horizontal, a ser apoiada pelo Conselho Regional da Juventude e a participação de vários organismos juvenis organizados politicamente». A Juventude Social-Democrata defende a participação de um grupo de deputados jovens na Assembleia Regional, porque esta «precisa de ser dirigida com uma nova geração». Participarão no Congresso, que se prolonga até dia 12, cerca de cem congressitas.

O PSD e Rocha Vieira

Entretanto, no Parlamento, o PSD regional anunciou ontem a sua oposição a um projectado encontro entre uma comissão especializada da Assembleia e o ministro da República, brigadeiro Rocha Vieira. A posição dos sociais-democratas, que inviabiliza a realização do encontro que chegou a estar agendado, foi justificada por a reunião ser considerada desnecessária.

O PSD entende que, se a Assembleia Regional necessita de informações, deve antes de mais dirigir-se ao Governo Regional que está a par dos problemas sobre os quais os socialistas querem ouvir o ministro.

COMPRE MÓVEIS

COM GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

SEM ENTRADA E SEM JUROS

ATÉ 36 PRESTAÇÕES MENSAIS

NAS LOJAS DARTY MÓVEIS CONFIANÇA
E NO NOSSO AGENTE MÓVEIS PICA - PAU

DARTY MÓVEIS LDA CONFIANÇA

MOVIGRUPO CONSÓRCIO

MONTIJO — Rua José Joaquim Marques, 40
ODIVELAS — Fábrica: R. Alfredo Ruas, 50-A Pedernais 982 60 54/56 (à Ponte da Bica)
LISBOA — Av. Almirante Reis, 125 - ☎ 530076
LISBOA — Est. Benfica, 174-176 - ☎ 780599
AMADORA — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-B - ☎ 4945691
QUELUZ — Av. António Enes, 20-B - ☎ 952306
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 - ☎ 2769001
COVA DA PIEDADE — R. Conceição Semeiro Antunes, 13-B - ☎ 2754952
PAIVAS — Est. Nacional 10, Lote 30 - ☎ 2210067
V.F.XIRA — R. Alves Redol, 80-B - ☎ 24011
Mem Martins — Rua Chabi Pinheiro, 8 - Tel. 9217294
SETUBAL — Av. D. Manuel I, 80 (Frente ao centro Com. Dufa)
BARREIRO — R. Dr. Manuel Pacheco, 92-A - ☎ 2077237
ALVERCA — Av. Capitão Mateças, 34-A - ☎ 2582403
LISBOA — R. Lucieno Cordeiro, 18-A - ☎ 521384
COIMBRA — Av. Fernão de Magalhães, 60 - ☎ 26185
FARO — R. Eça de Queirós, 2 - ☎ 27580
LOULÉ — R. Ataide de Oliveira, 18

AGORA SETUBAL E MONTIJO

NOTA: As lojas de Lisboa, Amadora, Queluz e Mem Martins estão abertas ao Sábado de tarde.

CANTO do CAMÕES

Restaurante Típico

FADO DE LISBOA PELO ELENCO PRIVATIVO DA CASA

FADISTAS

ODETE MENDES
ESMERALDA MARIA
JOSÉ ALBERTO
LÚCIO DE OLIVEIRA

Guitarra: FRANCISCO CARVALHINHO
Viola: CARVALHINHO JÚNIOR

ALMOÇOS / JANTARES (Encerrado ao domingo)

Travessa da Espera, 38 Tel. 365464 - 1200 Lisboa

Colóquio Tecnologia e Liberdade': Polémica

'MOVIMENTO SINDICAL ESTÁ A MORRER'

Rui Eduardo Paes

TECNOLOGIA e Liberdade, Serão possíveis relações harmoniosas entre ambos? E de que modo, porquê, com que objectivo? Estes os parâmetros do Colóquio Internacional de Estudos ontem iniciado pela manhã, envolvendo participações portuguesas e estrangeiras no Padrão dos Descobrimentos, em Belém. Questões que ficaram necessàriamente em aberto, ou não fossem os intervenientes militantes libertários e investigadores universitários.

Particularmente debatida, e com alguma polémica, foi a questão da falência do sindicalismo, introduzida pelo economista José Maria Carvalho Ferreira na sua comunicação. Defendeu ele a tese de que o movimento sindical se integrou definitivamente na lógica capitalista e os tempos vão-no matando.

«De um primeiro tempo, entre os fins do século XIX e princípios do XX, em que o sindicalismo era reivindicativo e conflitual, mas sobretudo emancipalista, passou-se para a institucionalização e o consenso», sintetizou Carvalho Ferreira para o «Diário de Lisboa».

«O capitalismo teve capacidade de resposta em relação aos sindicatos e acabou po integrá-los, ganhando estes uma dignidade institucional. É hoje o terceiro interlocutor, com o patronato e com o Estado, e já não os põe verdadeiramente em causa», disse.

Alternativa: a busca do possível

Considera o economista português que a introdução das novas tecnologias ainda vem agravar mais o cenário. Não só porque nos dias que correm, na sua visão, a classe trabalhadora não é mais um tecido social homogéneo, «há assalariados que ganham 200 contos mensais e outros que recebem 20», mas sobre tudo porque o operário contemporâneo já não domina os utensílios com os quais labora.

«A partir da segunda revolução industrial a automação e a robótica inverteram as rlações de funcionalidade e alteraram mesmo a identidade do trabalhador, que pouco mais é hoje do que uma entidade expectante, reduzida a carregar nos botões. Roubou-se o saber fazer, afirmou o expositor perante a assistência do colóquio.

«O movimento sindical está em plena fase de desadaptação — prosseguiu ainda —, encontra-se desfasado em relação ao tempo e vai deixando nas mãos do patronato e do Estado todo o poder. Pois bem, agora mais do que nunca, ou o sindicalismo abandona o esquema reivindicativo ou soçobra».

José Maria Carvalho Ferreira concordou ser esta uma perspectiva negativa, mas delineou a alternativa: «Temos de encetar uma busca do possível, pugnando por vertentes de índole ética. Um sindicalismo diferente terá de ser, na minha opinião, descentralizador e microssociológico, actuando à nível de cada empresa e aí conquistando zonas de poder. Dizendo de outro modo, o movimento sindical tem de ser novamente emancipalista.»

O rei vai nu

Eduardo Orey, também universitário pôs das bancadas mais uma acha na fogueira, ao defender a noção de que o sindicalismo não nasceu por necessidade de organização colectiva dos operários pela sua defesa, mas porque foi o próprio Estado que, na sequência da Revolução Industrial, o quis como interveniente dentro do sistema económico, para que fosse possível a formulação de um Direito do Trabalho.

E disse: «O sindicato só começou a decair quando por alturas da Grande Guerra se envolveu com o poder político». Tal perspectiva foi refutada de várias formas, tendo a socióloga suíça Marianne Enckell chamado a atenção para o facto de nos países autoritários as primeiras organizações a serem reprimidas são precisamente os sindicatos, acrescentando que nos EUA sempre se arranjam soluções para os excluir dos processos de negociação.

Mais polémica foi a afirmação do norueguês J. Oestmoe: «Não podemos falar em sindicalismo em termos gerais. A maior parte dos sindicatos são defensores de um «statusquo», quando não mesmo reaccionários. É uma discussão inútil».

O economista Luciano Lanza, vindo de Itália, interveio no mesmo plano de trabalhos, considerando que a dinâmica da tecnologia não tem uma lógica própria: «É sua a lógica do económico, e tanto assim que se tornou no principal construtor de sentido social».

«A economia - disse - é uma ideologia, representa uma realidade e define-lhe os componentes». A sua lógica, em suma, é uma lógica do domínio. De maneira que, no seu parecer, «uma tecnologia em sintonia com a liberdade só pode existir descodificando a economia. Para a anular, pondo-a a nu».

Ou, na persdpectiva paralela de Carvalho Ferreira, acabar por exemplo com o trabalho assalariado, exigência radical do anarquismo, do que pensamos ser a perfeição», segundo as suas palavras à reportagem do «DL».

Quando se falou de Robinson Crusoé

Stephen Schecter criticou Lanza, pelo que classificou como uma perspectiva determinista do económico. O sociólogo canadiano lembrou-lhe uma velha ideia do libertarismo: que a economia fique subordinada ao político, ao contrário do que pensam os marxistas. Luciano Lanza respondeu-lhe que «enquanto não se criam os instrumentos de um outro pensamento temos que usar a metodologia e a racionalidade económicas».

E acrescentou: «Na União Soviética quiseram controlar o económico através da dominação política. Todos conhecemos os resultados.» A decisão é sempre, como se sabe, política, e daí que José Maria Carvalho Ferreira tenha retomado a palavra para referir um aspecto que tomou como fundamental: «O sindicalismo só intervém no momento da fabricação. Fica de fora quando se trata de decidir e conceber».

Tens Oestmoe, profissional no Fundo Norueguês para a Investigação do Mercado e da Distribuição, fez a esquematização política do que situou como áreas de graduação entre estatismo, capitalismo e anarquia. Seguindo um princípio: o de que a organização social é uma parte importante na tecnologia. «Para o reconhecer pensemos um momento numa existência humana desprovida de organização social, quando toda a gente vive como se fosse o Robinson Crusoé. O solitário Robinson não é livre, porque não tem possibilidade de satisfazer as suas necessidades sociais».

Segundo Oestmoe quase todas as sociedades são estatistas e capitalistas ao mesmo tempo. A hierarquia é característica do capitalismo, ainda que exista no chamado socialismo real. Foi nesta linha de pensamento que considerou que «os marxistas e os liberais não conseguem perceber este ponto, misturando o capitalismo e o estatismo com empresas privadas e públicas respectivamente».

O investigador norueguês contrapôs à organização social hierárquica a organização horizontal e coordenada, que pressupõe uma específica utilização das tecnologias disponíveis. E, do ponto de vista libertário, tudo reside, de facto, nas utilizações. A técnica não é, por si só, nem boa nem má.

Isso referiu ao «Diário de Lisboa» o canadiano Stephen Schecter depois de apresentar a sua própria comunicação: «Não se pode fetichizar a tecnologia», disse-nos, «fazê-lo é dar-lhe uma importância que não tem intrinsecamente».

M)Não está numa definição do que é a técnica ser libertadora ou ser factor de dominação: «Depende de quem a controla e com que propósitos. A tecnologia é trabalho morto: foi Marx quem a analisou assim. Hoje todos querem esquecê-lo, mas conviria que o relessem.»

A espada de dois gumes

Para já, e sobre isso falou Schecter no colóquio, as novas tecnologias estão a ser mal usadas. O cenário presente é o desemprego — disse —«apesar do que dizem os profetas da revolução tecnológica». Diminui o número de agricultores e operários, na manufactura e na indústria já não se criam novos empregos, e no entanto, nota o libertário que lecciona na Universidade do Quebeque, «assistimos a uma extensão do trablaho assalariado».

Com problemas graves: a desqualificação do operariado, ou o trabalho a tempo parcial sem sindicalização e segurança social de qualquer tipo. Mais: «O trabalhador informático é persuadido, controlado, rotinado, e estou persuadido de que a diminuição do tempo de trabalho produtivo a que assistimos irá repor a disciplina do Capital sobre os assalariados», disse Setphen Schecter.

É o reino dos tecnocratas, organização social que impede uma formação cultural e técnica que favoreça o controlo democrático, considerou o sociólogo. O mecanismo social que permitirá «aos seres humanos organizar a produção, assegurando que os bens sejam produzidos e distribuídos aos membros da sociedade», ainda terá que ser encontrado. E de maneira que a «produção esteja conforme e se sujeite às decisões tomadas colectiamente».

Esse mecanismo social é para Schecter a comunidade, «única organização verdadeiramente socialista». A decisão é comunitária, a partilha comum, e a propriedade. «Só assim poderá haver uma organização democrática das horas de trabalho» — continuou.

Frank Harrison, docente de ciências políticas no Canadá, seguiu-se-lhe afirmando que «o anarquismo sempre achou que a ciência e a tecnologia são adendas à vida total». E enuerou os exemplos de Proudhon, Bakunine e Kropotkine, os «históricos»: «Kropotkine disse mesmo que a tecnologia é a base do progresso anarquista.»

No entanto, «é uma espada de dois gumes». Os gregos antigos achavam-na algo de «bom», mas «a mentalidade autoritária tornou-o num meio de dominação: dominação instrumental, organizativo e psicológico». Era pressuposto, na óptica de Frank Harrison, que a tecnologia só fizesse aquilo que as pessoas não poderiam ou não deveriam fazer. Agora, no entanto; passam a fazer aquilo que nós também podemos fazer: «Deixamos de ser necessitados».

E perguntou: «Pode uma tecnologia ser integrada num sistema descentralizado? Como usar a técnica de uma forma libertadora?» Bakunine, por exemplo — disse — «achou que a técnica deve depender da escolha humana, é isso, a ciência deve ser propriedade de todos».

O hipopótamo e o burro

Sobre ciência tratou Jorge Dias de Deus, físico de partículas no Instituto de Física Matemática, e foi à génese primeira do problema. recordou um desenho de Durer de 1915, no qual se representava um rinoceronte, símbolo que ficou do mito da ciência então em nascimento.

E contou o cientista que Durer nunca viu realmente o rinoceronte, o primeiro a ser trazido á Europa. Desenhou-o a partir de descrições. Resultou um horizonte fantástico, como a ciência emergente, rinoceronte que foi aliás a sua primeira vítima: foi mandado ao papa mas o barco em que seguia afundou-se.

«O saber científico clássico — disse — era arrogante, unidimensional. Um saber-dominação, saber-poder. Serviu inclusivamente para justificar determinados argumentos, como os racistas. A ciência clássica revestiu-se dos atributos que se referem a Deus, a objectividade e o determinismo correspondendo à omnipresença, omnipotência e omnisciência divinas.»

«A crítica da ciência clássica — prosseguiu Jorge Dias de Deus — começou com a física quântica, no sentido de acabar com a ciência dos deuses. Partindo do princípio de que a objectividade nunca pode ser total e sabendo que é a complexidade que está no lugar do determinismo, é esta perspectiva que hoje temos de continuar: a ciência não é um sistema linear e fechado, de 'input-output'.»

Existe, pelo contrário, a escolha e a bifurcação, o 'feed-back' e a reacção, sistemas abertos, com entradas e saídas múltiplas, até ao caos. «A ciência não tem possibilidade alguma de prever o que se vai passar», considerou o universitário português.

Daí o exemplo do burro, como nas fábulas: ele vai na estrada e esta bifurca: «É impossível prever se o burro irá para a esquerda ou para a direita.» E adiantou: «Não há planificação ou directores-gerais que possam fazer seja o que for do futuro.» Necessária, portanto; uma mudança paradigmática, uma ciência à dimensão do homem, inserida numa estrutura horizontal, onde caibam a diferença e a multiplicidade, a subjectividade e o livre arbítrio. «Há uma ordem na complexidade e no caos», pensa Jorge Dias de Deus.

Comunidade portuguesa introduz a novidade

ÚTERO "EMPRESTADO" GERA PORTUGUESES NA ÁFRICA DO SUL

Os filhos da primeira «mãe emprestada» na África do Sul serão portugueses, por essa ser a nacionalidade do pai. O caso passa-se com Alcino Ferreira Jorge, de 34 anos, técnico de refrigeração, e sua sogra, Pat Anthony, de 48 anos, cuja gravidez está a ser acompanhada por um ginecologista sul-africano, que anunciou já o nascimento de três bebés.

O avô, Raymond Anthony, afirma-se satisfeito com a ideia de ser pai emprestado já que a sua filha Karen Anthony Ferreira Jorge, não pode voltar a ter filhos, por lhe ter sido retirado o útero após o nascimento do seu primeiro filho, em 24 de Fevereiro de 1984 em Tzaneen, cerca de 500 quilómetros ao norte de Joanesburgo, província do Transval.

A fecundação foi efectuada inicialmente «in vitro» tendo os ovos sido depois transplantados para o útero da mãe-avó, que vai dar a Alcino Ferreira Jorge, filhos-cunhados.

Os dois casais anuíram ao projecto pelo facto de desejarem possuir uma fámília maior.

O caso tem merecido grande controvérsia nos meios religiosos sul-africanos e foi ontem objecto de debate na televisão sul-africana entre médicos, juristas e elementos do clero.

Alcino Ferreira Jorge encontra-se registado no Consulado Geral de Portugal como sendo natural de Sobral, Mortágua (Viseu), onde nasceu a 25 de Outubro de 1953.

É filho de José Ferreira Dias Jorge e de Alda de Jesus Ferreira e chegou à África do Sul como refugiado de Angola.

Casou na África do Sul com a cidadã sul-africana Karen Anthony, não se encontrando o matrimónio registado no Consulado.

Contudo teve o cuidado de registar o seu filho no consulado em Joanesburgo como cidadão português.

A jovem Karen, com a qual casou quando esta ia completar 21 anos, possui um ginásio de «aerobics» na cidade de Tzaneen, onde a família é muito considerada, e os sogros são proprietários naquela pacata localidade de uma loja de cortinados e retrosaria.

A família Anthony vendeu já os direitos da história a uma publicação britânica, que vai comparticipar financeiramente na criação dos trigémeos.

Assaltada a garagem do Ministério dos Negócios Estrangeiros

A garagem do Ministério dos Negócios Estrangeiros no Palácio das Necessidades, em Lisboa, foi alvo «de uma tentativa de assalto, mas os seus autores não conseguiram os seus intentos» — disse um porta-voz daquele ministério, sem explicitar que intentos seriam os visados.

O embaixador Brito Cunha adiantou que na tentativa de assalto «nada foi roubado».

Uma fonte diplomática disse que «os assaltantes entraram em todos os carros ali estacionados, incluindo o do ministro, mexeram nos livretes de condução, mas nada levaram».

A mesma fonte frisou que, após a descoberta da eventual tentativa de assalto à garagem «não foi efectuada qualquer busca de segurança ao local».

Descarga eléctrica provoca avaria telefónica no Porto

Cerca de 600 postos telefónicos do Porto ficaram ontem inactivos devido a uma avaria proveniente de descarga eléctrica na rede local dos TLP.

Fonte dos TLP do Porto disse que uma brigada de 30 funcionários procederam à substituição de cabos subterrâneos em algumas zonas da baixa portuense, afectados pelos curtos-circuitos que se seguiram à descarga eléctrica.

Esta avaria afectou as comunições de três jornais diários do Porto, nomeadamente o «Jornal de Notícias», «O Jogo» e «O Primeiro de Janeiro» e a Radiodifusão Portuguesa.

Esta manhã a situação estava praticamente normalizada segundo informação obtida junto dos TLP.

Não está praticável a pista de esqui da serra da Estrela

Os nevões que esta semana ocorreram na serra da Estrela não permitem a utilização da pista de esqui da Torre, disse o presidente do Clube Nacional de Montanhismo da Covilhã.

José Pinho disse que apesar da grande quantidade de neve caída, esta não é suficientemente sólida para a prática daquele desporto, até porque ocorreram chuvadas após os nevões do fim-de-semana.

Defendeu a aquisição, com o apoio das entidades regionais de turismo e desporto, de duas máquinas de fazer neve artificial que possibilitem a utilização da pista de esqui de uma forma regular.

O dirigente desportivo comentou que a serra da Estrela está turística e desportivamente mal aproveitada e defendeu que qualquer tipo de investimentos deve ter em conta a preservação do ambiente e qualidade de vida da região serrana.

Tabaco americano é o principal artigo de contrabando

Na actividade desenvolvida com vista a desencorajar a prática de infracções fiscais aduaneiras a Guarda Fiscal veio a apreender, durante o mês de Março, tabaco de origem americana no valor de 21 mil 885 contos, informa uma nota da GF.

Entre outros artigos e mercadorias do mesmo modo apreendidas naquele período destacam-se o vestuário no valor de 14 mil contos: gado avaliado em 12 mil contos; material de som orçado em sete mil contos, cinco mil contos de géneros alimentícios e 4 mil contos de peles; calculando-se em perto de 100 mil contos o total das apreensões.

Juntamente com os artigos apreendidos seriam do mesmo modo objecto de apreensão 27 viaturas utilizadas no transporte das mercadorias contrabandeadas.

A GF adianta ainda que o Governo aprovou já a criação do Gabinete Coordenador da Fronteira de Vilar Formoso que terá como objectivo coordenar a resolução dos problemas relacionados com aquela fronteira, em vista a articular as diversas acções em curso para a tornar devidamente eficaz e funcional; pois não vinha dispondo de condições em infra-estruturas e equipamentos

Morte suspeita de sexagenária

A locatária de uma habitação da Rua Poço dos Negros, em Lisboa, foi ontem à tarde encontrada morta na sua casa em circunstâncias estranhas que levaram a Polícia Judiciária a suspeitar de homicídio, apesar de uma aparente encenação de suicídio por enforcamento.

Albertina Tavares Soares, de 62 anos, de idade, vivia sozinha e o seu corpo apresentava-se enforcado e suspenso da maçaneta de uma das portas da residência, mas outros sinais exteriores de violência, entre os quais alguns hematomas, levaram os investigadores criminais a afastarem a hipótese de suicídio que em princípio se poderia admitir.

Foram vizinhos, que admirados por não verem, como habitualmente acontecia, Albertina Soares, quem alertou os familiares e, forçada a entrada, dariam com o cadáver.

7º Salão de Velharias da Costa do Estoril

Pavilhão dos Congressos do Estoril

10 a 19 Abril

Semana • 18-24h
Sáb. e Dom. • 15-24h

INAUGURA-SE AMANHÃ

Organização:
Junta de Turismo da Costa do Estoril

design: a. ventura

COMÍCIO
amizade

INTERVENÇÕES DE

GERARDO IGLESIAS
Secretário Geral do Partido Comunista de Espanha

ÁLVARO CUNHAL
Secretário Geral do Partido Comunista Português

LISBOA
5.ª FEIRA / 9 DE ABRIL 87 / 21.30 H.
CINEMA ALVALADE

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

14.º JUÍZO

ANÚNCIO

O Juiz de Direito da 1.ª Secção do 14.º Juízo Cível de Lisboa.

FAZ SABER que por este juízo e secção correm seus termos uns Autos de Acção Especial de Despejo, n.º 12 746 que CARLOS AUGUSTO PIMENTA FERNANDES e MARIA DE FÁTIMA PINHEIRO DE ALMEIDA CALHEIROS DE ABREU movem a JOSÉ ADELINO MARTINS DIAS, com última residência conhecida no Largo Eugénio dos Santos, lote 9-A-r/c-letra A – Reboleira – Amadora, ficando o réu deste modo citado para a dita acção em que é pedida a sua condenação no despejo do r/c-Esq.º-Frente do Lote 9-A, no Largo Eugénio dos Santos, Reboleira – Amadora, ficando duplicado da petição à sua disposição na Secretaria, e para comparecer neste Tribunal no dia 21 de Abril próximo pelas 11 horas a fim de ter lugar a tentativa de conciliação, podendo fazer-se representar por advogado com poderes especiais para transigir e ainda para no prazo de dez (10) dias a contar da data da tentativa, no caso de a mesma se frustrar, contestar, querendo, a acção, podendo deduzir em reconvenção o pedido de benfeitorias e indemnização a que se julgue com direito, sob pena de condenação no pedido.

Lisboa, 18-3-987

O Juiz de Direito,
José António da Cruz

A Escrivã Adjunta,
Maria Teresa Pena dos Santos

«DL» 9/4/87 — 2.ª pub.

TRIBUNAL JUDCIAL DA COMARCA DE LOURES

ANÚNCIO

PROC.º N.º 1.453/86 1.ª SECÇÃO 2.º JUÍZO

Pelo Segundo Juízo do Tribunal Judicial da comarca de Loures, nos autos de Acção de Resolução com Processo Ordinário, registados sob o n.º 1.453/86, da Primeira Secção, que a Autora «Sousa Freitas & Freitas, Limitada», com sede na Rua Ilha da Madeira, lote 58-r/c-Esq.º – Olival Basto – Loures, move contra o Réu JOÃO AFONSO MENDES LOURENÇO, industrial, com últimas residências conhecidas na Rua Cadetes de Toledo, n.º 14 – Castelo Branco, e na Estrada Nacional N.º 1, Restaurante Palmeira, Vila da Feira, e actualmente residente em parte incerta, e este Réu CITADO para, no prazo de VINTE DIAS, que começa a correr depois de finda a dilação de TRINTA DIAS, contada da data da segunda e última publicação do anúncio, contestar o pedido da Autora, que consiste em que a acção seja julgada procedente e provada e, consequentemente, ser declarado resolvido o contrato de compra e venda, com reserva de propriedade, com a correspondente entrega e transmissão para a A., do veículo automóvel pesado, marca MAGIRUZ DEUTZ, matrícula ET-54-29; ser o Réu condenado a pagar à A. a quantia de 550 000$00, pelos prejuízo causados; e ainda ser o Réu condenado no pagamento das custas e procuradoria, conforme melhor consta do duplicado da petição inicial, que se encontra neste Juízo e Secção, à disposição do Réu, o qual lhe será entregue dentro das horas normais de expediente, sob pena de, não contestando, serem considerados confessados os factos articulados pela Autora.

Tribunal Judicial de Loures, 23 de Março de 1987

O JUIZ DE DIREITO,
José dos Santos Martins

A Escrivã-Adjunta,
Cristina Casquilho

«DL» 9/4/87 — 2.ª pub.

Direcção-Geral das Florestas afirma desconhecer o assunto

INDUSTRIAIS ESPANHÓIS PRETENDEM PLANTAR EUCALIPTOS EM PORTUGAL

De acordo com um comunicado da Liga para a Protecção da Natureza industriais espanhóis da província de Huelva pretendem plantar eucaliptos em Portugal. No entanto, a Direcção–Geral das Florestas afirma desconhecer o assunto.

«Se eles vierem para cá plantar eucaliptos, temos que dar um parecer, e até agora nada apareceu sobre o assunto», declarou esta manhã ao «DL» o sub–director da Direcção–Geral das Florestas, comentando a denuncia da Liga para a Protecção da Natureza.

A mesma fonte adiantou que, «caso queiram plantar em zonas impróprias ou que provoquem danos, o nosso parecer será negativo», afirmando, «não se correr o risco de uma eucaliptização maciça».

No entanto, segundo o comunicado divulgado à Imprensa pela Liga de Protecção para a Natureza (LPN), a «Papeleira de Huelva», que possui já uma área de 50 mil hectares de eucaliptos na Andaluzia, com plantações em Zafra, visíveis da estrada velha que liga aquela cidade a Sevilha, confrontada com a oposição das associações ecologistas espanholas e com os danos causados aos agricultores, procura agora instalar–se em Portugal.

«A forte contestação ao aumento da área de eucaliptos levou a administração espanhola a impedir a continuação das plantações», refere a (LPN), organização filiada na Agência Nacional do Centro Europeu de Informação para a Conservação da Natureza do Conselho da Europa e membro não governamental da União Internacional para a Conservação da Natureza.

Alerta veio de Espanha

Perante este facto, a «Papeleira de Huelva», de acordo com um alerta comunicado à LPN pela Coordenadora Ecologista de Huelva, já terá a trabalhar em Portugal agentes que tentam alugar ou comprar terras para conseguir a expansão da sua área de eucalipto.

Este assunto será, aliás, tema de trabalho entre as duas associações ecologistas que pretendem coordenar as suas acções no sentido de sensibilizarem as populações dos dois países para os danos que esta intensa monocultura pode acarretar.

«A Liga para a Protecção da Natureza embora reconheça a importância que a indústria de celulose tem tido na economia nacional, considera que o mais importante neste momento é estabelecer claramente os limites a impôr à florestação com eucaliptos pelo efeito negativo desta monocultura do ponto de vista ambiental, agrícola e social», sublinha o texto.

De acordo com o comunicado, a Federação das Organizações Ecologistas da CEE já alertou a Comunidade para os perigos das monoculturas florestais, referindo especificamente o caso do eucalipto em Portual. «A expansão incomtrolada do eucalipto no sul de Portugal», conlclui o comunicado da LPN, «irá acelerar a destruição do montado de azinho e irá também ocupar gravemente a área de montado de sobro que se impõe recuperer a expandir, dada a sua reconhecida importância económica e natural».

A possível instalação no nosso país, nomeadamente no Alentejo, de plantações da «Papeleira de Huelva», é legalmente possível pois os dois países ibéricos estão integrados na Comunidade Económica Europeia e, apesar da zona fronteiriça não ter condições para a eucaliptização, a exiguidade da faixa continental e a existência de boas vias de comunicação terão pesado na possível escolha do nosso território.

Em causa está investimento em Aldeadávila

"Alcaides" de Portugal e Espanha unidos contra laboratório nuclear

«Alcaides» de Portugal e Espanha vão reunir–se brevemente em Sayago a fim de estudarem as formas de luta comuns contra a instalação em Aldeadávila de um laboratório nuclear.

A reunião, na qual comparecerão autarcas portugueses, como o presidente da Câmara Municipal de Mogadouro, concelho que, como o de Freixo de Espada à Cinta se encontra relativamente perto da projectada instalação situada a cerca de 10 quilómetros da fronteira entre os dois países, destina–se a coordenar a acção contra o laboratório nuclear.

O edil de Mogadouro, que tem participado em encontros com os seus homólogos espanhóis em representação de 63 Municípios portugueses, declarou à agência Lusa que «para combater a projectada instalação do laboratório nuclear foi nomeada uma Comissão Cooordenadora constituída pelos alcaides das Câmaras fronteiriças das provincias de Zamora e Salamanca.

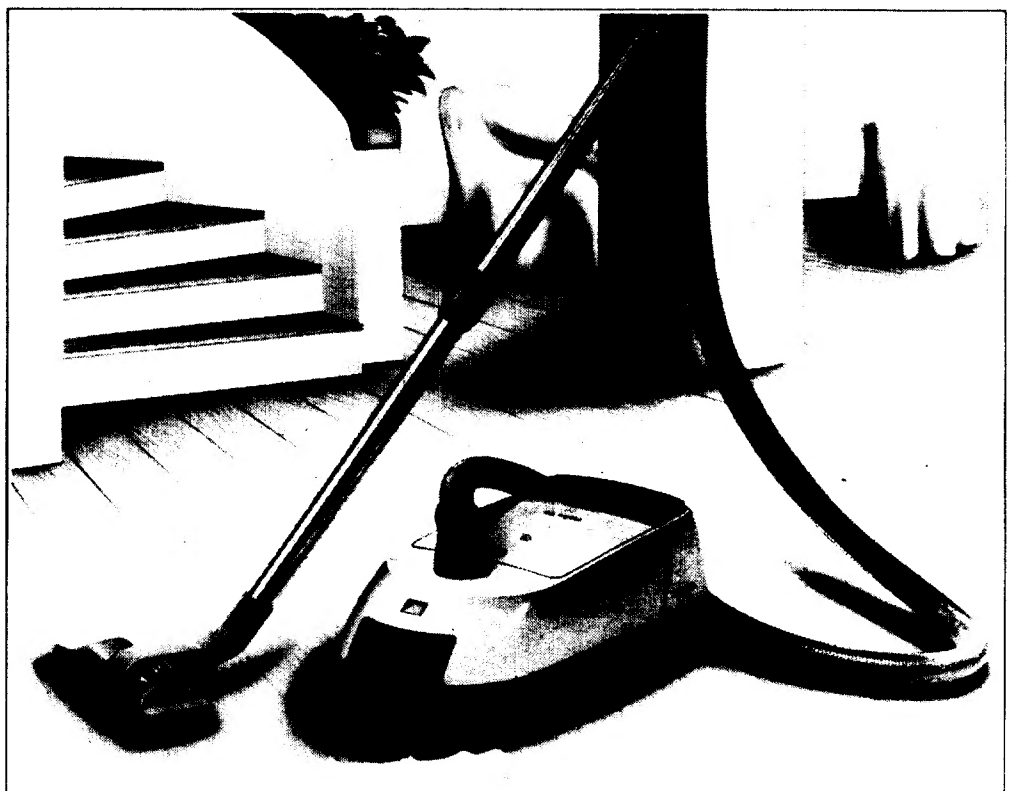
Protesto a várias vozes

De acordo com o presidente desta Comissão, o alcaide de Aldeadávila, «os representantes das regiões que mais podem ser afectadas com o lançamento de tal empreendimento, junto ao Douro internacional, lançarão mãos de todos os meios para procurar evitar que tal projecto seja levado a cabo».

Deste modo, e numa campanha de sensibilização que abrange os dois lados da fronteira, a Comissão Coordenadora vai iniciar uma campanha de protesto nos jornais diários das regiões de Zamora e Salamanca e ainda no semanário português do nordeste transmontano «Mensageiro de Bragança».

No encontro foi igualmente deliberado promover uma conferência de Imprensa com os governadores Civis de Zamaora, Salamanca, Bragança e Vila Real, e director provincial da Iberduero, empresa financiadora, para conhecer a posição destas entidades sobre a questão.

Recorda–se que as empresas espanholas interessadas no projecto, a Iberduero e a Enresa, dispõem de fundos da CEE, entre 700 mil a dois milhões de pesetas, para o arranque daquele projecto.



A Grande Limpeza da Primavera voltou...
com um Aspirador Míele

Antigamente, mal raiava o primeiro sol em céu limpo, as casas eram viradas do avesso para começar a grande Limpeza da Primavera.
E eram semanas de janelas abertas, carpetes penduradas em varandas, sofas cobertos por lençóis.
Hoje, Você não dispõe de tempo e vai limpando dia a dia. Mas a Grande Limpeza da Primavera não deixou de ser uma necessidade: passou só a ser muito mais fácil e a levar menos tempo.
Com produtos adequados e... o seu aspirador Miele. Os aspiradores Miele têm uma enorme mobilidade em todos os sentidos, um filtro «air clean» para uma circulação de ar livre de impurezas, acessórios integrados sempre à mão, selecção da potência para cada tipo de sujidade, feita apenas com a ponta do pé e ainda um transporte e uma forma de arrumação práticos, fáceis. Retome a tradição da Grande Limpeza com a modernidade do seu aspirador Miele. Ele é ainda melhor do que Você pensa. Mas é também mais acessível do que Você supõe.

Miele
Uma decisão para toda a vida

R. Reinaldo Ferreira, 31-A-C - 1799 LISBOA CODEX • R. do Campo Alegre, 636 - 4100 PORTO • R. Aboim Ascenção, 66 - 8000 FARO

Vieram para ficar

Reféns da Renamo chegaram a Lisboa

As três portuguesas reféns da Renamo chegaram ontem a Lisboa, magras e com ar visivelmente cansado.

A irmã Maria Adelaide da Silva, de 47 anos, freira da Congregação do Amor de Deus, disse que estavam as três «muito cansadas». Acrescentou que não ia regressar «para já a Moçambique».

As outras duas reféns, Clarinda Rodrigues Alves e a sua filha Ana Alexandra, disseram pretender ficar em Portugal.

Clarinda Rodrigues Alves, que se escusou a prestar mais declarações, alegando «grande cansaço», disse que iria aguardar a chegada do marido. Afirmou ainda que este lhe confessara não ter coragem para continuar a trabalhar em Moçambique, nomeadamente em Nauela, província da Zambézia, onde a Renamo capturou em 16 de Novembro as três portuguesas.

A irmã Maria Adelaide calculou em 600 quilómetros a distância percorrida entre Nauela e a fronteira com o Malawi, onde a Renamo as entregou à Cruz Vermelha Internacional, e salientou que durante o período de cativeiro tinham sido «bem tratadas».

Durante o cativeiro nunca tiveram possibilidade de efectuar contactos com o exterior e, afirmou a religiosa, nunca contactaram outros cidadãos portugueses eventualmente ainda em poder da Renamo.

Interrogada sobre as relações entre as populações e os elementos da Renamo, a religiosa considerou que as pessoas gostam dos rebeldes, mas que são obrigadas a dar-lhes comida.

Maria Adelaide, que estava desde 1984 em Moçambique, tinha já estado entre 1965 e 1971 na então província colonial.

Durante o período de cativeiro foram conduzidas até Morrumbala, onde chegaram a 22 de Dezembro. Daí iniciaram uma marcha até à fronteira com o Malawi, onde foram entregues à Cruz Vermelha Internacional.

Desconhece-se o paradeiro

Dois portugueses raptados em Novembro

Dois portugueses foram raptados pela Renamo em Novembro na província moçambicana de Nampula e o seu paradeiro é desconhecido desde então, disse o familiar de um deles.

O caso só recentemente foi dado a conhecer à estrutura consular portuguesa em Moçambique, de acordo com a mesma fonte.

Henrique Morgado, natural de Passos da Beira, distrito da Guarda, e outro cidadão português cuja identidade era desconhecida pela fonte, teriam sido raptados numa localidade da província de Nampula em Novembro pelos rebeldes antigovernamentais.

Morgado era responsável por uma loja do povo. É casado com uma cidadã moçambicana.

O caso só há algumas semanas foi dado a conhecer à Embaixada de Portugal, depois de familiares de Henrique Morgado terem estranhado pela ausência de correspondência nos últimos meses.

o jornal

Vinhos

Para quem o vinho é um acto de cultura

Festa é festa!

Um número especial de 48 páginas comemorativo do 3.º aniversário

Amanhã 10 de Abril

Agora sob a forma de revista distribuído juntamente com «O Jornal»

Prepare-se para a sua leitura favorita

De hoje a domingo na FIL

OBRAS DE ARTE EM CHOCOLATE ADOÇAM A VIDA NAS CERCI'S

MIL e seiscentas peças trabalhadas em chocolate, algumas delas de grandes dimensões, vão estar expostas num espaço da Feira Internacional de Lisboa, entre hoje e domingo, onde serão vendidas a favor das CERCI's.

Para todos aqueles trabalhos, que têm pesos que vão de 250 gramas aos nove quilos, foram necessárias quase duas toneladas de chocolate. Mais correctamente, gastaram-se mil e oitocentos quilos de chocolate (escuro e branco) na confecção das 1662 peças, repartidas por seis dezenas de motivos diferentes.

Duzentas horas úteis, repartidas por dois meses, foram gastas pelos 32 asteleiros (mestres e oficiais de primeira, em pastelaria), que frequentaram um curso de aperfeiçoamento em trabalhos de chocolate, no centro de formação profissional para o sector alimentar, ministrado pelo mestre João de Sousa.

A mostra, cujo produto reverterá para as Cooperativas para Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas e integrada na campanha «Pirilampo Mágico», será inaugurada, na FIL-Artesanato, pelo ministro do Trabalho às 15.00 de hoje.

As pessoas que ali se deslocarem vão certamente surpreender-se com muitas centenas de maravilhas, dos pequenos «asterix» aos castelos bem defendidos por altas e elegantes torres recortadas de ameias, ou das torres de Belém, acaso dos expressos do Oriente, porventura das «enferrujadas» torres Eiffel.

Um «pirilampo mágico» DE GRANDES DIMENSÕES, FEITO DE CHOCOLATE, «estará» à entrada da sala de exposição para dar as «boas-vindas» aos visitantes e lembrar-lhes o filantrópico destino das peças ali à venda.

Segundo Rodrigues Correia, director do centro, a frequência deste curso só foi facultada aos mestres e pasteleiros de 1.ª classe, que se considera «serem os mais habilitados a assimilar técnica mais avançada em trabalhos de chocolate, um labor que requer faculdades que nem todos têm ou que terão, talvez, permanecido um tanto adormecidas».

Porém, com a entrada para o, agora, «Clube dos Doze», a necessidade de concorrência começa a ser prioritária e o centro de formação em causa tê-lo-á sentido, pelo que, com este segundo curso, tenta implantar em Portugal uma tradição de que a Espanha se orgulha e «que é, de facto, ali, muito grande».

São responsáveis pelo curso o director do centro e João de Sousa, que foi monitor na ex-escola de confeitariae pastelaria de Lisboa e que transitou para aquele centro de formação.

Além das categorias exigidas, para serem admitidos no curso, os pasteleiros tinham de possuir carteira profissional e cartão de sanidade.

Submeteram-se a testes tecnológicos de pastelaria, a um pequeno teste prático de decoração e a um outro de desenho à vista.

O monitor do curso foi João da Silva, um mestre competente, de 55 anos, diplomado num curso de formação pedagógica regido peio mestre holandês Berentz e com diversos cursos de aperfeiçoamento tirados em Portugal e no estrangeiro.

João de Sousa conquistou já diversos galardões em concursos internacionais de confeitaria, pastelaria, designadamente oito medalhas de ouro (em Viena de Áustria, Luxemburgo Tóquio, Manágua e Lisboa), de uma de prata (Bruxelas) e três de bronze (Paris), tendo ainda sido galardoado pelo governo português com a medalha de Mérito Industrial.

Valerá a pena lembrar que o centro de formação profissional para o sector alimentar absorveu as antigas escolas de panificação e de confeitaria de Lisboa, além do centro de restauração colectiva (que trata do pessoal especializado em cantinas). No âmbito do mesmo organismo foram criados núcleos de geladaria e de cozinha, quer para formação quer para aperfeiçoamento de geladeiros e de cozinheiros.

O mestre João de Sousa vai brevemente ao Brasil ministrar um curso em tudo semelhante ao que agora terminou e de que resultou a exposição das peças de chocolate que estará a partir de hoje patente na FIL.

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

3.º Juízo

ANÚNCIO

Pelo 3.º Juízo do Tribunal de Família — 2.ª Secção da Comarca de Lisboa, no processo de Divórcio Litigioso n.º 6050 em que é autora Dalila Maria Aflado de Sousa Dias, residente na Rua General João de Almeida, n.º 30 – 1.º, em Lisboa, e réu CARLOS MANUEL CARREIRA DIAS, que teve a sua última residência conhecida na R. Heliodoro Salgado, n.º 8-A, em Lisboa e ora ausente em parte incerta, correm éditos de **30 dias,** contados da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando o referido réu para, no prazo de **20 dias,** decorrido o dos éditos, contestar o pedido de divórcio litigioso que lhe move a sua mencionada mulher e, no mesmo prazo, deduzir, querendo, oposição ao pedido de assistência judiciária requerido pela mesma, pelos motivos constantes da petição inicial e cujo duplicado se encontra à sua disposição neste Juízo e Secção.

A autora baseia o seu pedido de divórcio nos termos dos art.os 1672.º, 1674.º, 1675.º e 1679.º do C.C. e 1781.º al. a) e b) do mesmo Diploma e o de concessão do benefício de assistência judiciária na carência de meios económicos.

Lisboa, 30 de Março de 1987

O Juiz de Direito
(Ilegível)

O Escrivão Adjunto
(Ilegível)

«DL» 9/4/87 – 2.ª Pub.

CASELCOOP — COOPERATIVA DE CONSTRUÇÃO E HABITAÇÃO

ECONÓMICA S. FRANCISCO XAVIER, C.R.L.

CONVOCATÓRIA

Nos termos do n.º 3 do Artigo 35.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral a reunir em sessão EXTRAORDINÁRIA no Edifício do Caselas Futebol Clube, Rua 5, em Caselas, Lisboa, no dia 25 de Abril de 1987 pelas 15 Horas, com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

1.º Eleição, de harmonia com o disposto no n.º 2 do Artigo 33.º do Regulamento Interno, dos três membros que irão integrar o Conselho Social;

2.º Concessão de poderes à Direcção para em nome da Cooperativa outorgar no contrato do empréstimo a contrair junto do Instituto Nacional de Habitação.

3.º Aprovação das listas definitivas de atribuição de Tipologias.

Na falta de «quorum», a Assembleia reunirá meia hora mais tarde com qualquer número de membros presentes.

Lisboa, 8 de Abril de 1987

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Joaquim António Cabral Rolo

Acusa deputado do PSD

AUTORIDADES MILITARES DOS EUA FOGEM AO FISCO NOS AÇORES

As finanças públicas açorianas estão a ser defraudadas anualmente em 100 000 contos pela fuga ao fisco português do destacamento norte-americano das Lajes, afirmou ontem o deputado social-democrata Álvaro Monjardino.

Segundo Álvaro Monjardino, antigo presidente da Assembleia Regional, os autoridades norte-americanas das Lajes não cumprem com o disposto no acordo com Portugal, que as obriga a «proceder ao desconto e entrega das importâncias» devidas pelo emprego de pessoal português ao seu serviço na base.

Embora instados pelas Finanças de Angra do Heroísmo a procederem a tal operação, as autoridades norte-americanas não a concretizam.

O deputado do PSD, que falava no período de antes da ordem do dia da sessão plenária da Assembleia, disse que o comando norte-americano encontra no pagamento destes impostos às finanças regionais «o argumento sistematicamente usado» para não pagar aos trabalhadores portugueses salários mais elevados.

Segundo Álvaro Monjardino, os benefícios do não pagamento de impostos «revertem, em última análise, para o Tesouro dos Estados Unidos».

O deputado social-democrata retomou uma crítica ao facto de os Açores não estarem representados na Comissão de Execução do Acordo das Lajes, ao contrário do que acontece no caso do acordo luso-francês das Flores.

Tutela desmente Gerência da CP

O Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações desmentiu ontem as declarações da Gerência da CP, nomeadamente proferidas pelo seu presidente Carvalho Carreira, relativamente ao encerramento para breve de linhas e ramais de reduzido tráfego.

«É completamente infundada» essa previsão, afirma o gabinete de imprensa daquele ministério, uma vez que «a CP ainda não apresentou ao ministério a versão do plano a médio prazo que tem vindo a estudar».

Contudo, segundo informações de Carvalho Carreira, presidente do Conselho de Gerência da CP, ainda não desmentidas, teria partido do próprio Ministério a orientação de reelaboração daquele plano, onde se encontra integrado o programa de renovação da via.

Conforme o «DL» recentemente noticiou, o Ministério não veria utilidade no investimento de avultados recursos em vias de reduzido tráfego, algumas delas sem qualquer trabalho de renovação desde a sua montagem, datada dos princípios do século ou antes mesmo.

Segundo Carvalho Carreira, o Governo «seja ele qual for» deverá decidir até Junho o futuro das linhas de caminhos de ferro portuguesa, ao apreciar o novo plano de investimentos a ser entrega dentro de dias à tutela.

Recorde-se que as afirmações do actual presidente Conselho de Gerência da CP sobre o encerramento de linhas, como as dos troços de Pocinho–Barca d´Alva, Amarante–Arco de Baulhe, Tâmega ou a linha do Tua que festejou o seu centenário há pouco tempo, levantaram uma onda de protesto por parte das autarquias atingidas.

Trabalhadores da Gelmar ainda sem indemnizações

Os 647 trabalhadores despedidos da Gelmar, encerrada há três anos pelo Governo, ainda não receberam as indemnizações, num total superior a 230 mil contos, denunciou ontem o Sindicato do Comércio, Escritórios e Serviços de Lisboa (CESL).

O comunicado distribuído afirma que a maioria dos trabalhadores continua desempregada sem receber subsídio de desemprego há cerca de dois anos, tendo-se já verificado casos de suicídio.

De acordo com o comunicado, esta situação verifica-se enquanto o montante realizada com a venda do património da empresa, avaliado em um milhão de contos, «é utilizado nas despesas de liquidação da empresa.

Segundo o sindicato, os trabalhadores têm feito inúmeras diligências sem qualquer resultado, o mesmo sucedendo com uma comissão formada há um ano por orientação do actual Governo cujo relatório, de acordo com informações dadas ao sindicato, «acabou por ficar congelado ora por falta de dactilografia ora por necessidade de alegados acrescentos».

17 500$00 de subsídio para jovens candidatos ao primeiro emprego

A comissão parlamentar da juventude aprovou, ontem, com o voto contra do PSD e abstenção do CDS, o texto do projecto lei que prevê a atribuição de um subsídio de 17 500$00 aos jovens candidatos ao primeiro emprego.

O projecto de diploma que vem revogar o decreto governamental de 31 de Março, estabelece que a ele terão direito os jovens com idades entre 18 e 25 anos que, cumulativamente, estejam inscritos nos Centros de Emprego da sua área de residência há pelo menos três meses, nunca tenham trabalhado ou «não tenham atingido a média de 180 dias nos últimos 360 anteriores à data do desemprego» e cujo agreago familiar não aufira um rendimento per capite superior a 12 500$00.

O subsídio social de desemprego é pago mensalmente e será concedido durante um período de 15 meses, sendo o beneficiário obrigado a fazer prova no sexto e décimo segundo mês em como continua a reunir os requisitos. É possível requerer nova atribuição do subsídio depois de decorrido um ano sobre a cessação de atribuição, desde que se mantenham as condições exigidas.

Não se espera qualquer dificuldade na sua aprovação, depois de ter sido aprovado na Generalidade e de haver inscrita no Orçamento uma verba de 750 mil contos para este ano.

Preços da carne subiram mais do que a inflação

Os preços da carne de frango e de bovino, praticados em Lisboa nos 12 meses que terminaram em Fevereiro, aumentaram mais que a taxa de inflação anual.

Segundo a Direcção-Geral do Comércio Interno (DGCI), os preços médios de venda em Lisboa subiram, naquele período, 14 por cento para o frango e 12 por cento para a carne de bovino de primeira qualidade, enquanto a inflação se situou em 11,1 por cento.

Em relação ao abastecimento de carne à cidade de Lisboa, a DGCI refere que os talhos e supermercados foram os principais responsáveis pelos acréscimos de venda referidos, destacando os registados na carne de bovino nacional (34,5 por cento) e nas costeletas de lombo (46 por cento).

A evolução das vendas de carnes e respectivos preços no mês de Fevereiro, relativamente a Janeiro, traduziu-se num decréscimo das médias diárias de bovino nacional e frango de 4 e 7 por cento, respectivamente, tendo os correspondentes preços médios de venda crescido 1,5 e 10 por cento.

Das opiniões recolhidas sobre a evolução do mercado, verificou-se «uma quase completa unanimidade» entre os comerciantes relativamente à ausência de dificuldades no abastecimento.

Quanto aos motivos invocados para as alterações de preços, reconhecidas por 87 por cento dos comerciantes, encontram-se «situações de escassez e/ou excesso de oferta no mercado».

Quotas de bacalhau da CEE não satisfazem

O Governo português poderá vir a contestar a proposta de repartição das quotas de captura de bacalhau, ontem aprovada em Estrasburgo pela Comissão europeia. A proposta em questão refere-se à faina nas águas designadas por «Nafo», situadas entre as zonas económicas exclusivas do Canadá e da Groenlândia, e por «Spitzberg», a norte da Noruega.

Nas negociações das quotas para 1986 Portugal já se opusera infrutiferamente à atribuição de 30 450 toneladas à frota nacional para zona «Nafo», sustentando que o mínimo aceitável seriam 50 mil toneladas.

Desta vez, a Comissão propõe-se conceder a Portugal, de acordo com um método de repartição assente no esforço de pesca tradicional e comum a todos os paises membros, uma quota de bacalhau de 35 950 toneladas para aquela mesma zona.

Nas negociações para 1986, a delegação portuguesa contestou os dados estatísticos usados pela Comissão Europeia

Desnacionalizações consideradas inconstitucionais

A desnacionalização das sociedades TUCO — Turismo e Comércio, e Stal — Sociedade Torrejana de Automóveis, ocorrida em Dezembro de 1986, foi ontem declarada inconstitucional, segundo um acordão publicado no Diário da República.

A apreciação preventiva de constitucionalidade tinha sido solicitada pelo Presidente da República relativamente a um decreto aprovado pelo Conselho de Ministros em 23 de Dezembro de 1986.

O Tribunal Constitucional decidiu no sentido da inconstitucionalidade, dado estar-se perante «um caso típico de desnacionalização».

Este acto é constitucionalmente vedado pelo número 1 do artigo 83 da Constituição, já que aí se estabelece que «todas as nacionalizações efectuadas depois de 25 de Abril de 1974 são conquistas irreversíveis das classes trabalhadoras».

O acórdão foi votado favoravelmente por todos os juízes que compõem o Tribunal Constitucional, com a excepção de Mário de Brito, que votou o acordão «com reserva quanto à competência do Tribunal».

Integram ainda o Tribunal Constitucional Nunes de Almeida, Martins da Fonseca, Mário Afonso, Cardoso da Costa, Magalhães Godinho, Vital Moreira, Raul Mateus, Monteiro Dinis, Messias Bento e Marques Guedes.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51$00	57$00
ALEMANHA FED. (marco)	76$05	77$25
ÁUSTRIA (xelim)	10$80	11$00
BÉLGICA (franco)	3$471	3$721
BRASIL (cruzado)	3$700	6$200
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	107$05	109$55
(notas de 5 a 1000)	107$55	110$05
DINAMARCA (coroa)	20$15	20$55
ESPANHA (peseta)	1$058	1$178
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	140$10	143$60
(notas de 5 a 1000)	140$60	144$10
FINLÂNDIA (marka)	31$30	31$90
FRANÇA (franco)	22$05	23$55
HOLANDA (florim)	67$45	68$55
IRLANDA (libra)	204$40	208$40
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$912	$967
NORUEGA (coroa)	20$40	20$90
REINO UNIDO (libra)	226$70	231$20
SUÉCIA (coroa)	21$90	22$40
SUÍÇA (franco)	91$40	92$90
VENEZUELA (bolívar)	5$60	6$60

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Os médicos de hospitais públicos e estudantes de medicina manifestarm-se ontem em Madrid, durante uma greve de três dias em protesto contra o modelo de retribuição e de funcionamento do sistema hospitalar público

Um sueco de 23 anos que electrocutou a namorada depois de ver uma cena de tortura num filme de Rambo foi considerado culpado de homicídio e condenado a prisão. O procurador Rolf Warno, do Tribunal Distrital de Varnamo, no sul da Suécia, disse que o acusado tinha explicado que uma cena daquele filme de Silvester Stallone o inspirara a ligar fios eléctricos ao corpo da namorada, num acto de sadismo sexual, em Janeiro. A mulher morreu assim que os fios foram ligados à corrente. Como prova, o procurador mostrou ao Tribunal uma sequência do filmne «Rambo II» onde o protagonista é atado à cama e torturado com electrochoques.

Crianças palestinianas no campo de refugiado sírios ocuparam quarta-feira posições no interior do Burj Al Barajneh, em Beirute, e supervisionaram palestinianos do campo de Shatilla, pondo fim a mais dos campos pelas milícias xiita Amal

Cenas de pesadelo em Zeebruge

Os mergulhadores que removeram 123 corpos do «ferry boat» meio submerso, ao largo de Zeebrugge, descreveram as cenas penosas e de pesadelo a que assistiram, incluindo a de uma menina que ainda agarrava a sua boneca. O balanço dos mortos resultante do naufrágio do «Herald of Free Enterprise», ascendeu quarta-feira para 184 pessoas, podendo ainda aumentar para 200. Mais de 500 pessoas estavam no navio que faziam o trajecto entre os portos de Zeebrugge, na Bélgica, e Dover em Inglaterra, quando naufragou ao largo da costa belga em 6 de Março. Os mergulhadores presenciaram um espectáculo pungente quando entraram no «ferry», tendo um deles visto um jovem casal morto ainda abraçado. Um outro relatou que viu uma criança agarrada à sua boneca, enquanto outros mergulhadores, dominados pela emoção, não conseguiram falar. «Fiquei realmente impressionado quando retirei a miúda de 11 anos abraçada à boneca», disse Paddy Doonan, de 32 anos. O comandante Jack Burkett, que dirige a equipa britânica de mergulhadores, classificou a cena de «totalmente devastadora». «As crianças foram o que mais nos impressionou», frisou. «É quando vemos as bonecas e outros brinquedos a flutuarem neste mar de lama que nos pomos a pensar. Lembrei-me dos meus quatro filhos», acrescentou o comandante. As equipas de salvamento descreveram as condições de pesadelo no interior dos vários convés, agora acima da superfície da água, designadamente os bares, os restaurantes e os «duty-free shops» onde estavam os cadáveres. «Todas as anteparas internas tinham desaparecido. Os cadáveres estavam por todos os lados sob os destroços. estava tudo impregnado de lama e óleo. Estava um ambiente horrífico», disse Burkett.

Relações URSS/Israel

Um responsável soviético disse ontem que medidas concretas para a convocação de uma conferência internacional sobre o Médio Oriente beneficiariam um eventual reinício de relações diplomáticas entre a União Soviética e Israel. Contudo, assessores do ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Shimon Peres, que participa numa sessão da Internacional Socialista em Roma, disseram que este afirmará a Moscovo que deveria restaurar as relações antes da realização da conferência. Karen Brutents, do Departamento Internacional do Partido Comunista soviético, convidado na sessão da Internacional Socialista, disse que a disputa árabe-israelita era o principal problema para um reinício das relações, cortadas por Moscovo durante a guerra do Médio Oriente de 1967. «Os laços diplomáticos foram cortados em 1967, devido à agressão israelita contra os árabes, e este motivo mantém-se válido», disse a jornalistas. Acrescentou que, caso Israel mude de posição «e dê passos para resolver a situação, isso terá uma influência positiva nas nossas relações».

RFA compra 40 presos

A Alemanha Federal comprou a liberdade de mais 40 presos da vizinha Alemanha Democrática, disse quarta-feira o jornal «Bild». O jornal, que dispõe de boas fontes de informação nos círculos da segurança da Alemanha Federal, adiantou que os detidos, sentenciados por tentarem fugir para o Ocidente, foram libertados na terça-feira e autorizados a seguir para Bona. «A sua libertação foi comprada pelo governo federal», afirmou o periódico, acrescentando que os 40 libertados aumentam para 200 o total de detidos comprados, este ano, pelo seu país. O governo de Bona, que raramente comenta a operação com receio de a pôr em perigo, escusou-se a confirmar ou negar a notícia do «Bild», que não referia o valor pago por cada detido. O custo estimado atinge actualmente os 50 000 marcos, contudo os preços têm mudado.

ESPIONAGEM NA EMBAIXADA DOS EU
DOMINA VISITA DE SHULTZ A MOSCO

O secretário norte-americano de Estado, George Shultz, afirmou ontem que o caso de espionagem na Embaixada do seu país em Moscovo lançou uma «pesada sombra» sobre as conversações da próxima semana com o seu homólogo soviético, Eduard Shverdnadze. Também ontem, o presidente Ronald Reagan, falando no início de uma reunião de rotina dos chefes de Estado Maior do Pentágono, mostrou-se «preocupado» pela presença de cinco submarinos nucleares soviéticos nas manobras do Atlântico Ocidental.

«Infelizmente, como é frequente quando estamos no meio de discussões potencialmente prometedoras com os soviéticos, elas têm lugar num ambiente difícil gerado pelas suas acções», sublinhou George Shultz. O secretário de Estado,que visita Moscovo entre os dias 13 e 16, adiantou que Ronald Reagan lhe deu instruções para discutir com Shevardnadze todas as questões de controlo de armas e não somente os mísseis de médio alcance.

A visita de Shultz a Moscovo está rodeada de extraordinárias precauções, na sequência de um escândalo de «sexo e espionagem» envolvendo fuzileiros norte-americanos e mulheres soviéticias na Embaixada dos EUA na capital da URSS. Este envolvimnto permitiu, alegadamente, a entrada de agentes soviéticos nas áreas mais seguras da Embaixada.

O conselheiro da administração Reagan para a Segurança Nacional, Frank Carlucci, disse a jornalistas que, depois de terem sido descobertas as falhas de segurança na Embaixada de Moscovo, foram tomadas medidas para que Shultz tenha pelo menos uma sala segura, de onde contactará com Washington a partir de um «trailer».

Reagan disse, entretanto, que a questão da segurança na Embaixada dos EUA em Moscovo será um dos principais tópicos da agenda de conversações de Shultz com os lideres soviéticos.

Submarinos nucleares

Segundo informações do Pentágono, a União Soviética tem vários submarinos nucleares de ataque no Atlântico Ocidental, que têm como objectivo simular um ataque, em caso de guerra, contra duas cidades da costa Este dos Estados Unidos.

Os submarinos estão espalhados por uma grande área a leste das Bermudas e são vigiados em permanência por aviões «P-3 Orion» da marinha norte-americana colocados na Islândia, Bermudas, e New Brunswick, Canadá, e por torpedeiros e fragatas dos EUA e da NATO.

Trata-se aparentemente da maior movimentação de submarinos soviéticos no Atlântico Ocidental desde 1985.

Em Moscovo está, entretanto, uma delegação da União Europeia Ocidental (UEO), que manteve já conversações com a comissão do Soviete Supremo encarregada dos problemas da paz e

Argentina

Defensores dos direitos humanos criticam João Paulo II

Defensores dos direitos humanos na Argentina criticaram a decisão do Papa de não visitar os campos clandestinos de detenção que funcionaram durante o regime militar. As Mães da Praça de Maio, o Movimento Judeu pelos Direitos Humanos , e o Serviço de Justiça e Paz, entre outras entidades, divulgaram um documento onde se recorda que João Paulo II «não terá entrevistas com dirigentes dos direitos humanos, nem visitará alguns dos campos clandestinos».

Numa nota enviada à Nunciatura Apostólica, (no mesmo dia em que os Tribunais argentinos ordenaram a detenção de quatro generais na reserva por estarem ligados à violação dos direitos humanos na Argentina) são enumerados os campos que funcionaram no Paraná e Corrientes, cidades que o Papa visita hoje.

O Papa, que ontem esteve em Córdoba, segunda maior cidade do país, dedicou todo o seu sermão ao tema da família e atacou fortemente o divórcio, questão contorversa na Argentina, onde está a ser debatida legislação que o legalize.

Este país é um dos poucos do mundo sem uma lei que autorize o divórcio. No entanto, o Supremo Tribunal decidiu recentemente que a lei que proibe o divórcio era inconstitucional, tendo a Câmara de deputados aprovado uma proposta de lei que o legaliza. O debate sobre esta proposta no Senado foi adiado até depois da visita doo Papa à Argentina..

Ontem, João Paulo II afirmava que «não é de estranhar que o alastramento do divórcio seja acompanhado por uma redução da moralidade pública em todos os sectores».

Ameaças

A polícia se San António está a investigar uma série de telefonemas anónimos com ameaças contra a vida do Papa quando este visitar aquela cidade do Estado norte-americano do Texas, em Setembro próximo. Os telefonemas, feitos por um homem para a Igreja de St. Vincent de Paul, em San Antonio, começaram em Janeiro e aumentaram para quatro no passado fim-de-semana, informaram fontes policiais.

Malawi-Moçambique: no
passam por defesa de Na

A decisão do Malawi de enviar
caminho de ferro que o liga ao por
cala comprova as novas relações
desde a morte do presidente Samo
sua edição de ontem o jornal bri
diário salientava ainda que a deci
com o reconhecimento público de
tar o enorme afluxo de refugiados
mero atingiu já 165.000.

A primeira grande vaga de refu
Setembro e Outrubro de 1986, qua
várias localidades no centro de M
as forças da Renamo utilizadas nes
pulsas pelo presidente malawiano,
Moçambique, Zimbabwe e Zâmbi
suas fronteiras com o Malawi se
dar guarida aos rebeldes. Em Dez
Chissano e Kamuzu Banda asinarar
ça entre os dois países. No entant
mes», continuam a existir dúvida
pequeno exército malawiano de def
ro de Nacala, apesar deste ser vit
efeito, antes de 1981, mais de 90
portações e exportações circulava
rectas para os portos moçambican

ados de Shatilla. Soldados do campo de refugiados de ram a retirada de civis is de cinco meses de cerco

UA OVO

desarmamento. Os represen - tantes da UEO manifestaram - -se a favor das negociações em curso entre os Estados Unidos e a URSS sobre a eli - minação dos euromísseis, mas salientaram também a importância da redução e posterior eliminação de ou r - so tipos de armas.

Gorbachev em Praga

O lider soviético Mikhail Gorbachev chegou hoje a Praga, iniciando a sua pri - meira visita oficial e este país, a qual foi adiada três dias devido a uma «gripe li - geira» do número 1 do Kremlin.

Este adiamento provocou uma série de especulações em meios jornalisticos e diplo - máticos acerca de possíveis divergências entre as lideran - ças checoslovacas e soviéti - ca quanto às reformas a que o Kremlin está a proceder.

novas relações Nacala

iar tropas para defender o porto moçambicano de Na - es com Maputo encetadas amora Machel, escrevia na ritânico «The Times». O cisão do Malawi coincide de que já não po de supor - s moçambicanos, cujo nú -

efugiados registou-se em uando a Renamo capturou Moçambique. Crê-se que estas operações foram ex - no, Kamuzu Banda, quando bia ameaçaram encerrar as se este país continuasse a Dezembro último, Joaquim ram um acordo de seguran - nto, como salienta o «Ti - das sobre a capacidade do defender o caminho de fer - vital para o Malawi. Com 90 por cento das suas im - vam pelas vias férreas di - anos de Nacala e Beira.

África Austral

Oferta de Jonas Savimbi ligada a interesses militares dos EUA

IPS

Os recentes factos diplomáticos no Sul da África, aparentemente apontando para solucionar a guerra em Angola, geraram preocupação em Washington devido às «novas orientações» da política dos Estados Unidos na região, segundo vários diplomatas na Organização das Nações Unidas (ONU).

Os Estados negros independentes da África Austral «estão preocupados face ao que parecem ser esforços para obrigar» Angola e seus vizinhos «a capitular» perante o movimento rebelde que tenta derrubar o governo de Luanda, afirmou o embaixador do Zimbabwe, Isack Mudenge, perante o Conselho de Segurança da ONU.

Mudenge expressou a esperança de que estas acções não sejam indícios de «uma degeneração» da política norte-americana do «compromisso construtivo para o destrutivo».

O diplomata interveio durante o debate do Conselho de Segurança sobre a Namíbia. O Movimento de Países Não Alinhados (NOAL) e o Grupo Africano pedem sanções globais e obrigatórias contra a África do Sul, tendo em vista pôr fim à sua ocupação ilegal do território namíbio, rico em minerais.

A maioria das declarações na abertura do debate, na segunda-feira, pediram, especialmente aos Estados Unidos, Alemanha Federal e Grã-Bretanha, a utilização da sua influência para pressionar o regime de Pretória a aplicar o plano da ONU para a independência da Namíbia.

A preocupação expressa por Mudenge e outros diplomatas africanos pelos recentes factos ocorridos na região ocorre depois de, na semana passada, ter sido informado que o dirigente rebelde angolano Jonas Savimbi, mostrou a intenção de permitir a reabertura da vital linha de caminho-de-ferro de Benguela.

Numa declaração a 27 de Março, Savimbi, líder da direitista União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), disse que permitiria a reabertura da linha férrea, sem condicionar isso a negociações directas com o Governo de Luanda.

Esta via férrea, que foi fortemente danificada pelos ataques da UNITA, é vital para o transporte das minas de cobre do Zaire e Zâmbia para o porto angolano do Lobito, no Oceano Atlântico.

A sua reabertura é vital para os esforços dos países regionais para reduzir a sua dependência das linhas de transporte sul-africanas, e para se protegerem a si próprios de Pretória, caso aquele governo decida aplicar medidas de retaliação contra as nações da África Austral, em resposta às sanções da comunidade internacional contra o «apartheid».

O «apartheid» é o sistema institucionalizado de discriminação racial existente na África do Sul, país governado por uma minoria branca.

Savimbi não explicou as razões que o levaram a fazer a sua oferta, e funcionários do Governo dos Estados Unidos disseram à IPS que Washington não está por detrás dessa decisão.

Uma tentativa de «chantagem»

Mas Mudenge situou a proposta no contexto da «recente procura de instalações logísticas na região para uma possível ampliação da presença militar (norte-americana)».

O diplomata do Zimbabwe acrescentou que isto «causou muita apreensão relativamente às novas orientações que a política norte-americana poderia vir a ter na região».

Mudenge não forneceu pormenores sobre essas instalações, mas o embaixador de Angola, Elísio Figueiredo, disse que o governo do presidente Reagan «procura obter novas bases em África».

Numa entrevista posterior, Elísio Figueiredo afirmou que os Estados Unidos pretendem obter o controlo da enorme base de Kamina, no Sul do Zaire, assim como meios para reabastecer, a UNITA e projectar interesses militares mais amplos em África.

Segundo algumas fontes nos EUA, considera-se que Washington apoia a oferta de Savimbi, como uma forma de tentar fazer com que o Zaire conceda o controlo da base aérea de Kamina.

«As implicações de uma base norte-americana em África, são como é evidente muito sérias», considerou Elísio Figueiredo.

Considera-se também que Washington, Pretória e Savimbi estão de acordo que a clara dependência da UNITA do regime de Pretória, enfraquece a sua reclamação de ser um movimento popular legítimo, e aumenta a credibilidade dos líderes africanos que acusam Savimbi de ser um agente do «apartheid».

Uma mudança nessa percepção poderia fortalecer o pedido de Savimbi de compartilhar o poder com o governo de Luanda, segundo analistas em Washington.

Aparentemente, Washington deseja reabastecer as forças de Savimbi a partir da base de Kamina e «dar a falsa impressão de que os fantoches da UNITA romperam os seus vínculos com os protectores da racista Pretória», afirmou Elísio Figueiredo.

O objectivo, disseram diplomatas africanos, é que os países da região, acossados pela desestabilização e pelos onerosos acordos comerciais, sejam atraídos pelas possibilidades de uma via segura em Benguela, de forma suficiente a permitir discretamente uma expansão da presença militar dos Estados Unidos na área.

No entanto, Mudenge insistiu que a oferta da UNITA é uma tentativa de «chantagem» e advertiu que Washington não deve identificar-se com uma política «desacertada e destinada ao fracasso».

Jonas Savimbi cumprimenta reféns da UNITA na Jamba

24 HORAS

Violência em Belfast

Apoiantes do IRA lançaram hoje bombas incendiárias contras forças policiais e imcendiaram viaturas no quarto dia consecutivo de tumultos em protesto pela repressão policial. Cerca de 5.000 apoiantes do IRA desfilaram quarta-feira por várias áreas católicas de Belfast para assistirem ao funeral, por duas vezes adiado, de Lawrence Marley, de 41 anos, assassinado por atiradores protestantes na semana passada.

Fuga nuclear nos EUA

Uma central nuclear do esatdo norte-americano de Washington, semelhante à de Chernobyl, contaminou rapidamente grandes extensões do noroeste do país, segundo um documento oficial ontem divulgado. A declaração sublinha que, em 25 anos de funcionamento, a central localizada em Hanford libertou grandes quantidades de água contaminada com elementos radioactivos, pondo em perigo os habitantes da zona. Os cientistas que analisam a situação supõem que as águas do rio Colúmbia poderão ter recebido num só ano um nível de contaminação que deveria registar-se num milénio.

Bomba de neutrões francesa

A França tem capacidade para fabricar a bomba de neutrões, mas prefere manter a incerteza sobre a necessidade de produzi-la ou não, disse hoje o ministro francês da Defesa. Falando a uma emissora de rádio, André Giraud disse que o fabrico de uma bomba do género «não é mais caro do que a de uma bomba nucelar tradicional».

Angola: retirada cubana em conversações

Washington reiniciou conversações com Luanda sobre a retirada militar cubana de Angola, após mais de um ano de interrupção de contactos, confirmou ontem a Secretaria norte-americana de Estado. O subsecretário de Estado para os Assuntos Africanos, Chester Crocker, reuniu-se segunda-feira durante mais de duas horas com o ministro angolano do Interior, Alexandre Rodrigues «Kito», em Brazaville, capital do Congo.

Polícia mata dois membros do ANC

A polícia sul-africana matou ontem, num tiroteio perto de Ventersdorp, dois indivíduos suspeitos de pertencerem ao Congresso Nacional Africano (ANC). A polícia disse que após o incidente, as autoridades sul-africanas encontraram em casa e na viatura das duas vítimas «diverso material bélico de fabrico soviético».

Diários de Reagan vão ser analisados

Investigadoes do Congresso dos EUA chegaram a acordo com a Casa Branca para analisar excertos de três diários de Ronald Reagan relacionados com o caso Irão-Contras. Os dirigentes da comissão do Congresso que está a investigar o caso anunciaram ainda que a comissão votou no sentido de garantir a imunidade a mais duas testemurhas.

Sismos na América Central

Tremores de terra abalaram ontem uma vasta região da América Central, abrangendo a Nicaráguam El Salvador e Costa Rica. Apesar do pânico registado em algumas das zonas afectadas, não há, até agora, conhecimento de vítimas nos sismos ocorridos durante a manhã e a tarde.

Jornada com muitas surpresas

BAYERN JÁ ESPREITA VIENA

Cumprida a primeira «mão» das meias-finais, as vitórias dos campeões portugueses e alemães federais, respectivamente sobre o Dinamo de Kiev, por 2-1, e o Real Madrid, por 4-1, abrem hipóteses de qualificação, sobretudo germânicas.

O FC do Porto ao vencer a equipa soviética, pelo tangencial 2-1 transformou a deslocação a Kiev num dos jogos mais difíceis da história do clube das Antas, pela segunda vez às portas de uma final europeia.

Entretanto, o Bayern de Munique, campeão europeu entre 1974 e 1976, candidata-se ao seu quarto título, depois do triunfo por 4-1, na RFA, sobre o Real Madrid.

Esta primeira «mão» das meias finais dos campeões foi porém bem «estranha»: dois dos quatro golos do Bayern foram marcados de grande penalidade e o Real terminou o encontro com nove jogadores, depois das expulsões de Juanito, aos 40 minutos, e Serrano, aos 72, e entrou em campo sem os importantes concursos do argentino Valdano (doente,) e do mexicano Hugo Sanchez (suspenso).

É certo que o Real Madrid, que foi campeão europeu pela última vez há 21 anos, bateu já na capital espanhola o Anderlecht por 6-1 e o Inter de Milão por 5-1, depois de desaires na primeira «mão», mas será difícil certamente impedir, em Madrid, que o Bayern esteja na próxima final da mais importante taça europeia de clubes.

●

Entre os vencedores de «Taças» houve uma semelhança: os visitantes ganharam e ficaram, teóricamente, finalistas.

O Ajax de Amesterdão venceu em Saragoça por 3-2, depois de ter chegado a 3-1, e o Bordéus foi surpreendentemente batido pelo Lokomotive Leipzig, da RDA, 0-1.

Ajax e Lokomotive Leipzig são assim os grandes favoritos para a final, em 13 de Maio, em Atenas.

●

O IFK de Gotemburgo, Suécia, que venceu a Taça UEFA em 1982, parece também um finalista certo da actual edição desta Taça, depois de ter vencido por 4-1 os austríacos dos Swarovski Tirol.

Os suecos marcaram os quatro tentos num espaço de 28 minutos, o último dos quais foi um autogolo do jugoslavo Kalinic, ao serviço dos austríacos, estreantes em meias finais europeias.

Finalmente, o Borussia de Moenchengladbach, que nos quartos-de-final afastou o Vitória de Guimarães, conseguiu empatar sem golos no campo do Dundee United, na Escócia, e parece ser o adversário do Gotemburgo, na final a duas 'mãos».

Porém, o Dundee venceu nos quartos-de-final em Barcelona, pelo que esta será uma das mais problemáticas segundas «mãos» das taças europeias, no próximo dia 22.

Ainda como notas salientes da quarta-feira europeia, ficaram o desaire das duas equipas espanholas, práticamente afastadas das finais, 19 golos marcados, quatro dos quais de grande penalidade, e quatro jogadores expulsos (dois do Real, um do Saragoça e outro do Ajax).

Foi assim

Dos seis encontros realizados ontem a contar para as três competições uefeiras ressalta o retumbante «quatro-um» com que o Bayern contemplou o lendário Real Madrid — recorde-se que na ronda anterior havia «esmagado» o Anderlecht por 5-0 — os triunfos dos visitantes na Taça das Taças (Ajax e Lokomotive) e também o claro quatro-um averbado pelos suecos do IFK perante o Tirol. Eis o quadro dos resultados:

Taça dos Campeões

FC Porto (Portugal)-Dynamo Kiev (URSS) 2-1
Bayern (RFA)-Real Madrid (Espanha) 4-1

Taça das Taças

Saragoça (Espanha)-Ajax (Holanda) 2-3
Bordéus (França)-Lokomotive Leipzig (RDA) 0-1

Taça UEFA

IFK Goeteborg (Suécia)-Tirol (Áustria) 4-1
Dundee United (Escócia-Moenchengladbach (RFA) 0-0

Os encontros da segunda «mão» realizam-se no dia 22.

"Europeu" de juniores

"Portuguesitos" na fase final

Dois golos de Zé Manuel garantiram a Portugal o apuramento para a fase final do Europeu de Futebol de juniores B ao derrotar a Roménia por 3-0 em encontro da segunda «mão» da fase de apuramento disputado no Estádio Nacional.

Ao intervalo, as equipas estavam empatadas a zero golos e os autores dos golos foram **Folha** aos 46 minutos e **Zé Manuel** aos 68 e 75 minutos.

Depois da derrota na Roménia por 1-0, no encontro da primeira «mão», a turma de José Augusto fez o que lhe competia e assentou o seu futebol no meio-campo contrário, mas lacunas na finalização e a habitual estratégia da lateralização quase deitaram tudo a perder.

O primeiro período funcionou exclusivamente no meio do terreno dos romenos que se limitaram a «tapar» a zona central mediante a aglomeração de jogadores, mas os atacantes portugueses também pouco fizeram para «furar» o esquema adversário.

Aos 46 minutos, o jovem Folha, o melhor jogador em campo, a par de Zé Manuel, apontou o primeiro golo da partida mediante um bom pontapé a castigar uma falta à entrada da grande área.

A vencer por 1-0, o fio de jogo dos portugueses modificou-se, passando a actuar com muito maior velocidade e discernimento aproveitando bem as faixas laterais mediante as boas infiltrações atacantes dos laterais Nelson e Hélio.

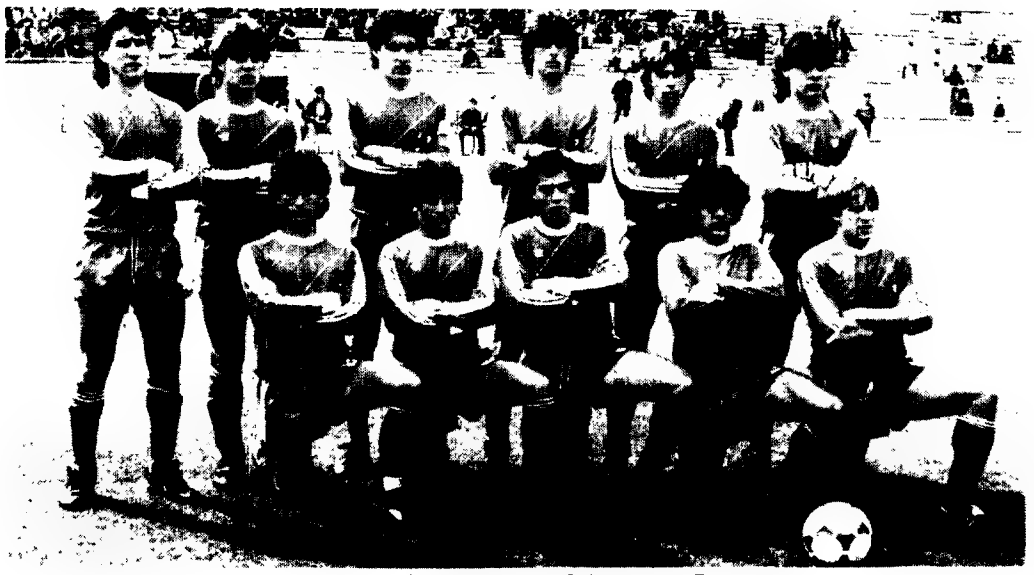
O 2-0 ocorreu aos 68 minutos e foi seu autor Zé Manuel num remate desferido próximo da grande área, e o mesmo jogador dilatou a vantagem para 3-0 num bom golpe de cabeça a concluir um cruzamento de Folha.

Sob a direcção de Ramos Marcos, Espanha, auxiliado pelos portugueses Jorge Coroado e Paulo Correia, alinharam:

Portugal: Ivo, Nelson, Paulo Sérgio, Bilro; Hélio, Sousa, Sérgio e Barbosa (Rosário aos 40 m); Zé Manuel, Paulo Oliveira (João Pires aos 67m) e Folha.

ROMÉNIA — Constatin; Calefir, Ionita (Savoiu aos 71m), Moise, Munteanu; Himcinschi, Mihai, Duda, Sima; Rivis e Fulga (Popa aos 33m).

Acção disciplinar: cartões amarelos a Munteanu e a Sima.



Eis os «bebés» de José Augusto que vingaram os «adultos» de Rui Seabra

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 15/87, DE 12 DE ABRIL DE 1987

Diário de Lisboa: 111 111 122 1X2X; O Diário: 111 12X X22 122X; Correio de Coimbra: 111 1XX 11X 1XX1; Ecos de Cacia: 111 1XX 222 121X; Eu Sei Tudo: 111 XXX 122 1212; Gazeta das Caldas: 111 1X1 122 1XX; Rádio Totobola: 11X 1XX 122 X2X1; O Jornal da Lixa: 111 1X1 122 1111; Notícias do Douro: 111 11X 12X 1211; O Mensageiro: 111 X11 12X 1XXX; Notícias de Guimarães: 111 12X X22 X22X; Notícias de Viana: 111 XX1 1XX XX11; Reconquista: 11X 122 112 2X11; Rádio Altitude: 111 1XX 1XX 121X; Jornal de Sintra: 11X 1XX 122 1XX2; Voz de Lamego: 111 12X 1X2 X211; Rádio Altitude: 111 111 1X2 1X11; Gente Gira: 111 X1X 1X2 1211; Pista de Dança: 11X 1XX 112 11XX; Clube da Manhã: 111 X2X X12 2X2X; Manhã, Manhã: 11X 1XX 122 12X2; Rádio Comercial/Secção Desportiva: 111 12X 1X2 1222; Tempo de Desporto: 11X 1X1 122 X222; Jornal do Fundão: 11X 1XX 1X2 1X11; Folha do Domingo: 111 1X1 1XX 12XX; O Algarve: 111 1XX X22 12XX; Jornal da Beira: 111 121 1X2 1XXX; Linhas de Elvas: 11X 111 112 1X11; A Voz do Domingo: 111 11X 1X2 1211; Jornal de Amarante: 111 1XX 112 111X; Defesa de Espinho: 111 22X X22 212X; Correio do Vouga: 11X 11X X22 1XX1; Maria da Fonte: 111 1X1 1X2 1XXX; A Defesa: 111 1XX 12X XX1X; O Emigrante: 11X 122 X2X 1X1X; Livre e Directo: 111 1XX 1X2 XX1X; Bola Branca/RR: 11X 12X 12X XXXX; Diário do Desporto: 111 111 1X2 1211; RR/Desporto: 111 1X1 1XX 1211; Tarde Desportiva: 11X 1XX 1X2 1X1X; No Estúdio e no Estádio: 11X 1XX X22 1X11; Diário de Viseu: 11X 1XX 1X2 1XXX; Notícias de Viseu: 111 1X1 1X2 XXX1; Desporto Regional/RR: 11X 1X1 1X2 1221; Grande Sábado/RDP Centro: 111 1XX 122 1XX1; Canal Mais: 111 122 1XX 1X11; Sintonia Desportiva: 111 1X2 12X 121X; Boomerangue: 111 1XX 1XX 1X11; Programa da Manhã: 111 122 X2X 1X1X; Música com Elas: 111 122 X22 2XX; Fotogramas: 111 1X2 2X2 X2XX; Fora de Jogo: 111 1XX X22 X2X1; Bola ao Centro: 111 122 X22 1X1X; Sons da Madrugada/Rádio Altitude: 111 11X 22X 22X2; Notícias de Felgueiras: 111 1XX XX2 XX1X; O Jornal de Felgueira: 111 1XX 121 XX1X; Beira-Serra: 11X 111 X12 1X1X; Rádio Guarda: 11X 1X2 1X2 12XX; Notícias de Gouveia: 111 1X1 122 12X1; Notícias de Évora: 111 1XX 12X 1X11; Litoral: 121 1XX 12X 1211; Penalti: 111 121 122 1212; Voz do Ave: 111 X11 1X2 12X1; Rádio Sports: 111 X11 111 1111; A Ordem: 111 1XX 1X2 X2X1; O Comércio de Leixões: 111 1X1 1X2 X1XX; De Tudo um Pouco: 111 121 X2X 1XX2; Jornal de Gaia: 11X 1X1 XX2 1XX1; Jornal da Graça: 111 11X 1X2 X21X; O Primeiro de Janeiro: 11X 1XX X22 X222; Quadrante Norte: 111 111 1X2 1X11; Repórter do Dia: 111 1X1 122 1X2X; Resenha Desportiva: 11X 1X1 11X 12XX; Alvo Desportivo: 111 111 11X 1X11; Rádio Alvo: 111 111 1XX 12XX; Alvo: 111 1X1 122 1X11; Alvo Suplemento: 111 121 1X2 11XX; A Voz dos Ridículos: 111 1X1 122 1X12; Rádio Placard: 111 1XX X22 1X1X; Estúdio 64: 111 111 111 1111.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. BENFICA-SALGUEIROS	80	0	0	12	1	1
2. Porto-Braga	79	0	1	11	1	1
3. Boavista-Chaves	60	20	0	9	3	1
4. Guimarães-Rio Ave	72	7	1	10	1	1
5. Elvas-Académica	18	45	17	3	6	3
6. Farense-Portimonense	32	39	9	5	6	1
7. Marítimo-Belenenses	59	18	3	9	2	1
8. Varzim-Sporting	11	31	38	2	4	6
9. Lourosa-Espinho	3	21	56	1	3	8
10. Famalicão-Fafe	58	18	4	8	3	1
11. Mangualde-Covilhã	9	38	33	1	6	5
12. Marinhense-Feirense	40	30	10	6	4	2
13. U. Madeira-E. Amadora	33	37	10	5	5	2

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa:

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
111 1XX 122 1X1X

FC Porto, 2 - Dínamo de Kiev, 1

NO ÁTRIO DA FAMA

Neves de Sousa

Êxito dos cadetes basquetebolistas, brilharete de Acácio da Silva e, como corolário, a já ultrapassagem azul branca para a etapa maior do seu sonho. Quedaram-se os dragões por sucesso exíguo quando tudo parecia crer apostar em retumbante salto em frente, até porque o adversário estava diminuído de esquadrão e a plateia firmemente entregue às cores azuis brancas apenas esperava mais um nadinha para fechar o chapéu de chuva e aplaudir os meninos do seu olhar.

Lógico que, com as devidas precauções, Artur Jorge acautelou a defesa e preparou um contra-ataque inédito para os olhos de Lobanovsky, Eduardo Luís rendendo o incerto Inácio de Alvalade, Sousa no posto do autocondenado Frasco e Vermelhinho entrando de rompante pelo centro do terreno, a tornar úteis as tabelinhas finais entre Gomes e o rei do Montijo.

Foi exactamente Paulo Futre, estrela e senhor de um pé esquerdo deslumbrando que rasgou o terreno para que o número oito contrário, Bal de seu nome, credenciado por mil eventos, obrigasse à apresentação do primeiro rectângulo ictericia. E seria novamente FUTRE que, em termos de deslumbramento iria conseguir o golo de abertura de uma jornada que se afigurava tão difícil na parte inicial como facilitada no período complementar; quando os dragões regressaram da cabine e vendo que lhes assistia uma desvantagem de dois-cinco em matéria de cantos, resolveram carregar no acelerador e não permitir veleidades à turma que melhor representa o simétrico e calculista e futebol soviético, veio depois a expulsão do homem que trazia arame farpado na ponta das botas. E aconteceu a grande penalidade que ANDRÉ converteu primorosamente batendo a bola à meia altura para a direita do guarda-nocturno contrário. Pnde onze perante dez, imaginou-se reverso de Alvalade: Na Alameda das Linhas de Torres a expulsão de Frasco a ampliar até ao infinito a confiança e o entusiasmo verde branco. Nas Antas (quando tal se supunha) foi o deslumbramento dos alunos de Artur Jorge, que imaginaram ser o Dínamo de Kiev uma pêra doce de primeira apanha. Simplesmente o ar glacial, calculista, imaginativo e modelar como os futebolistas do esteriotipado futebol da União Soviética hoje praticam o jogo implicou uma pedrada certeira nas redes que um excepcional polaco, ao serviço do clube do saudoso Pedroto, tinha impedido de serem mais vezes violadas.

Na primeira fatia da melancia assistiu-se à toada de estudo e resposta com saldo positivo do ataque soviético. Veio depois a entrada de Juary a rasgar com maior amplitude a cortina de Kiev: e não se poderá aqui dizer que foi o árbitro vindo do país das tulipas que impediu os portistas de rapidamente se juntarem ao par Bayern ou Real Madrid na grande festa palpitada para Viena de Áustria.

Falava-se na bancada do êxito dos meninos dirigidos por José Augusto. Comentava-se o sucesso de Acácio da Silva, voltava a frisar-se o modo extremamente simpático como a direcção do FC Porto continua a ter ensejo de, de cada vez que isso lhe é porporcionado, abraçar a Comunicação Social num abraço que, ciclicamente, se repete e abre fronteiras a outros símbolos clubistas; ao mesmo tempo, na bancada, Fernando Chalana e o professor Neto trocavam olhares a significar rápido progresso em função dos exames a que o dr. Mendes está sujeitando o pequeno genial antes de Jorge Nuno Pinto da Costa e sua direcção o devolverem integralmente apto, a um Bordéus que ficou com a borda em baixo depois do primeiro choque com o Lokomotiv de Leipzig.

Lógico que quem goste de futebol ficou em polvorosa quando viu que a teia de aranha tecida por Paulo Futre era calcada pelo ímpeto destruidor de adversários que preferiam sujeitar-se ao cartão de advertência a sentirem a sua baliza baleada por disparos conclusivos imaginados no início da viagem pelo ex-leãozinho. Só que, atingido o dois-zero veio o tal deslumbramento fatídico: e agora tudo é possível de acontecer, ainda que aos «dragões», baste um nulo por qualquer amplitude para Portugal inteiro dançar a valsa em Viena de Áustria. Muito bem estiveram Yankovenko e Zavarov, obliterando e quase marginalizando um Blokine que joga a passo de ganso e um Belanov que, assoberbado por tantas propostas milionárias de diferentes quadrantes, apenas quis voltar para o avião com as meias limpas.

É preciso, porém, salientar sempre o alto colectivismo de uma turma mecanizada que, pela primeira vez, no futebol soviético tem um título profissional e vai, também ineditamente, ter patrocinador no coração da camisola. Como já o dissemos, Futre continua sendo a estrela da companhia, entre «azuis-brancos» onde Fernando Gomes, André, Vermelhinho, e «Mly» deram um tom alto de exibição aqui e além acompanhados pela regularidade de Celso e pela intenção de Madjer apenas chamado ao combate quando já estavam a varrer os destroços da batalha.

Continuam abertos todos os caminhos na mais rutilante cavalgada do futebol uefeiro, e não é ainda desta vez que Artur Jorge encontra qualquer pecadilho na na arbitragem. O erro foi que os seus homens, na grande maioria de alta calibragem e muito traquejo, tivessem perdido o mapa da mina à porta do caminho para o tesouro.

O nosso obrigado

Muitas vezes torna-se difícil encontrar um meio rápido e eficiente de transportar um serviço, mesmo entre duas cidades que moram quase braço dado. Desta feita, seja-nos permitido endereçar o nosso obrigado às instalações da Rádio Renascença, onde, a gentileza do nosso companheiro de trabalho Ribeiro Cristóvão funcionou, madrugada alta, como teletipista de serviço.

Vermelhinho e Celso não conseguiram evitar que Yakovenko (noutro lance) marcasse o golo soviético

Jaime Magalhães em esforço perante um soviético «nas calmas»

Momento de confraternização e boa disposição entre os dirigentes do FC Porto e os jornalistas

O que disseram os técnicos

«**Foi um esforço inglório** — confessou aos jornalistas Artur Jorge, visivelmente desiludido com o que designou como «**falta de sorte**» da sua equipa, acrescentando que, com o resultado (2-1), o encontro de Kiev será «muito mais difícil».

«Vamos tentar marcar no campo do Dínamo de Kiev e tentar mesmo vencer a partida e passar à final da competição», disse o técnico portista.

O mesmo responsável considerou que o FC Porto «fez o mais difícil» ao marcar dois golos a uma equipa com uma defesa sólida, reconhecendo que a sua formação «baixou de rendimento após o golo soviético». «**Da maneira como o jogo decorreu o FC Porto poderia ter já resolvido a eliminatória**», frisou Artur Jorge.

Lobanovski, técnico do Dínamo de Kiev, afirmou que a expulsão de Bal teve influência no desfecho final, dizendo: «é difícil jogar com 10 homens frente a uma equipa como a do FC Porto». «**Viemos para vencer o jogo e, na primeira parte, fechamos bem a nossa baliza**», disse Lobanovski, que referiu, «**não estar abalado com o resultado final**», e que, em Kiev, a sua equipa «irá jogar para ganhar».

Ficha do jogo

Ao intervalo: 0-0.

Golos: 1-0, Futre (49 minutos); 2-0, André, grande penalidade, (57) e 2-1, Yakovenko (73).

Com arbitragem do holandês Kaizer, as equipas alinharam:

FC do Porto: Mlynarzik, João Pinto, Lima Pereira, Celso e Eduardo Luís; Vermelhinho, Sousa (Juary, 46), Jaime Magalhães (Madjer, 83) e André; Gomes e Futre.

Dínamo Kiev: Chanov; Mikahilichenko, Baltacha, Kuznetsov e Demianenko; Rats, Yakovenko, Bal e Zavarov; Belanov (Yeveseyev, 85) e Blokhin (Morozov, 83).

Cartão amarelo: Bal (14 minutos), Chanov (43), Futre (49) e vermelho para Bal (52), do que resultou a sua expulsão.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Santarém, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1227, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de S. Vicente de Paul, concelho de Santarém, de uma linha aérea a 15 KV, com 624 metros, do poste n.º 9 da linha para o PT STR n.º 108 de Corredoura ao PT STR n.º 337 de Vale do Brejo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 19 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Chamusca, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/1249, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Chouto, concelho de Chamusca, de uma linha aérea a 30 KV, com 934 metros, do poste n.º 6 da linha para o PT n.º 315-Gaviãozinho ao PT n.º 846-Entre Águas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 30 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

Violência no futebol

CHAPÉU DE CHUVA É ARMA MODERNA

Da Repartição de Relações Públicas da GNR chega-nos mais um extenso comunicado relatando os diversos incidentes ocorridos no passado fim-de-semana nos recintos de futebol, situados na área da sua jurisdição. Trata-se afinal dum documento revelador de que a violência continua denegrir o desporto em sinal contrário da essência da sua prática. Pedradas, cuspidelas, bengaladas, murros e pontapés de tudo se servem indesejáveis espectadores para «malharem» nos árbitros, e estes teimam em não exigir à GNR o devido procedimento criminal contra os agressores, o que se nos afigura ser forma de «beneficiar o infractor». Vejamos o «relatório» da GNR:

Os militares da GNR que efectuaram o policiamento dos vários recintos desportivos localizados na sua zona de acção, registaram no passado fim-de- semana 24 incidentes em 20 jogos de futebol disputados naqueles recintos, donde se constata que, em alguns dos jogos, ocorreu mais do que um incidente.

Os tipos de incidentes registados foram: 9 agressões (ou tentativa) a árbitros ou juízes de linha, 5 arremessos de objectos, 4 invasões de campo (um foi só tentativa), 3 casos de desordem entre jogadores e a assistência, um caso de danos na viatura dum árbitro, 1 caso de insultos a um árbitro e uma ocorrência de natureza diversa.

Seguem-se resumos dos incidentes, por distrito.

- Porto: Quando a equipa de arbitragem, no final do jogo Bougadense-Vilanovense, recolhia aos balneários, um juiz de linha foi agredido com um guarda-chuva, sem consequências
- Terminado o encontro Senhora da Hora-Atlético de Vila Meã, quando os árbitros entravam na sua viatura, um juíz de linha foi agredido com um guarda-chuva por uma mulher, provocando ferimento que necessitou de tratamento hospitalar.

A agressora foi detida e notificada pela Guarda para comparecer em tribunal.

- Elementos da assistência e jogadores que disputaram o jogo Vila Chã - Balselhense, envolveram-se em desordem no final do encontro, sem consequências.
- Juiz de linha do jogo Paiço - Padroense atingido por areia e escarradelas provenientes de assistentes não identificados.
- Tentativa de agressão ao árbitro da partida Perafita - Leverense, no final do jogo, por parte do delegado dum dos clubes que havia sido expulso, evitada por intervenção da Guarda.
- Assistente (não identificado) lançou pedra para o interior do campo onde decorria o encontro Lusitanos Des. Cruz - Canelas, sem atingir ninguém.
- Tentativa de invasão de campo no jogo A.R.S. Martinho - F.C. Infesta, evitada por intervenção da Guarda e insultos aos árbitros.
- No final do encontro C.D. Aves - Gil Vicente, quando os árbitros se dirigiam para a sua viatura, espectadores provocaram danos no véiculo.
- Vila Real: Após ter expulsado dois jogadores, o árbitro da partida C. Clube Vila P. Aguiar - Vidago Sport Clube, foi agredido a murro por um deles.
- Viseu: Após os jogadores da ambas as equipas do encontro F. Aves - Carregal do Sal se terem envolvido em desordem, o árbitro deu o jogo por terminado. Foi necessário reforço da força inicial da Guarda para manter a ordem e garantir a segurança de árbitros e jogadores.
- Aveiro: No encontro Recardães - Mourisquense o árbitro foi agredido por um jogador, houve invasão de campo e agressão a um dos fiscais de linha. A força inicial da Guarda em serviço no campo, necessitou de ser reforçada para repor a ordem pública.
- No decorrer do jogo Azurva-Vila Viçosa, uma mulher entrou em campo, sem chegar a agredir ninguém. A Guarda elaborou Auto de Contra-Ordenação.
- Invasão de campo no final do jogo União de Lamas-Vila Real, com agressão à equipa de arbitragem. A força da Guarda repôs a ordem, tendo tido necessidade de ser reforçada.
- Invasão de campo no jogo Pedorido-Mosteiro com agressão à equipa de arbitragem. A força da Guarda presente repôs a ordem.
- Coimbra: Espectador (não identificado) do jogo Botafogo-Maiorca arremessou uma pedra sobre a equipa de arbitragem, não causando ferimentos. A força da Guarda presente repôs a ordem.
- Leiria: No jogo Porto Carro-Amieira, aos 40 minutos da 2.ª parte, o árbitro expulsou um jogador e foi agredido por dois dos seus companheiros. O árbitro deu o jogo por terminado e declarou à Guarda desejar procedimento judicial.
- Lisboa: Aos 28 minutos da 2.ª parte do encontro Pontero-Lense-Ass. Desp. Oeiras, o jogo esteve interrompido durante 6 minutos em virtude de dois espectadores terem entrado no recinto para fugirem ao conflito gerado entre a assistência. Os indivíduos foram retirados pela Guarda e o jogo decorreu sem mais incidentes.
- Setúbal: Já na segunda parte do enconro realizado no Campo do Arrentela/Seixal, o árbitro mandou parar o jogo e solicitou à Guarda a identificação de um indivíduo que o insultara. Obtida esta, foi elaborada participação para tribunal.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/1253, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Marinhais, concelho de Salvaterra de Magos de uma linha aérea a 30 KV, com 302 metros, do poste n.º 163 da linha SE de Almeirim-SE de Glória ao PT n.º 750-Urbanização Jorge Silva.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 30 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Torres Novas, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/3090, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Brogueira, concelho de Torres Novas, de uma linha aérea a 15 KV, com 638 metros, do poste n.º 24 da linha para o PT TNV n.º 78 de Boquilobo, ao PT n.º 43 da EPAL-Empresa Pública das Águas Livres, em Boquilobo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 30 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/3092, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Riachos, concelho de Torres Novas, de uma linha aérea a 15 KV, com 64 metros, do poste n.º 35 da linha Torres Novas-Riachos ao PT n.º 44 da EPAL-Empresa Pública das Águas Livres, na Quinta de Carvalhais.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 30 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/1247, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Almeirim, de uma linha aérea a 30 KV, com 1107 metros, do poste n.º 14 da linha para o PT ALR 38 (ex n.º 404) Vale de Barrocas ao PT ALR 74 (ex n.º 847) Marquês.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 30 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Almeirim, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/1240, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Raposa, concelho de Almeirim, de uma linha aérea a 30 KV, com 3406 metros, do poste n.º 42 da linha para o PT n.º 274 Raposa, ao PT ALR 55 (ex n.º 516) Arneiro da Volta.

Linha aérea a 30 KV, com 284 metros, do poste n.º 10 da linha para o PT ALR 55 (ex n.º 516) Arneiro da volta ao PT ALR 56 (ex n.º 517) Monte da Vinha.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 30 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/1248, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Benfica do Ribatejo, concelho de Almeirim de uma linha aérea a 30 KV, com 14 metros, do poste n.º 7 da linha para o PT ALR 20 (ex n.º 385)-Benfica do Ribatejo ao PT ALR 17-C — Quinta do Pinhal.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 30 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

MARÍTIMO: ANDAM POR LÁ MOSQUITOS POR CORDAS

O treinador do Marítimo, Manuel Oliveira, suspendeu o médio Paquito, alegando «incorrecções» do jogador após o jogo de domingo em Portimão, onde os madeirenses perderam por 1-0.

Manuel de Oliveira proibiu Paquito de participar nos treinos até que o presidente do Marítimo, António Henriques, ausente no estrangeiro, regresse ao Funchal, o que está previsto para hoje. «**Ou as coisas são encaradas com seriedade ou, a ficar tudo como está, ninguém conseguirá tirar o Marítimo da situação em que se encontra na tabela classificativa**», disse o treinador à RDP-/Madeira, sublinhando que já é altura de se «**acabar com as brincadeiras**».

Paquito declinou comentar a decisão de Manuel Oliveira, preferindo aguardar o regresso do presidente António Henriques para resolver os seus problemas, já que, em sua opinião, «**tudo está muito baralhado**».

S. Paulo pretende Juary

A contratação do avançado Juary, actualmente ao serviço do FC Porto, foi uma das alternativas propostas pelo treinador do São Paulo para colmatar a saída de Careca — disse o presidente do clube brasileiro, Carlos Haidar.

O dirigente do São Paulo atribui a preferência do técnico José «Pepe» Macia por Juary, ao bom relacionamento entre ambos, quando em 1980 trabalharam juntos, no Santos FC.

Juary Jorge dos Santos Filho, de 27 anos, natural de São Paulo, ingressou em 1985 no FC Porto, clube com quem tem contrato até 31 de Julho de 1988.

«O São Paulo precisará de um ponta-de-lança, mas só tomará uma decisão depois de se concretizar a venda de Careca para um clube italiano» — afirmou Haidar.

O presidente do São Paulo acrescentou que o impasse nas negociações para a transferência do internacional brasileiro, se deve à preferência do jogador pelo Nápoles de Maradona, actual guia destacado do campeonato transalpino. «**Não compreendemos a posição de Careca, já que a proposta do Nápoles** — cerca de dois milhões de dólares — **é ridícula quando comparada à de outro clube italiano, que ofereceu o dobro**» — acrescentou Haidar. «**Mas, pelo jeito** — concluiu o presidente do São Paulo —, **Careca deve ter algum 'negócio' com o Nápoles**».

Juniores: Boavista derrota União de Coimbra

O Boavista venceu o União de Coimbra por 4-2, em encontro de repetição da 8.ª jornada da segunda fase do Campeonato Nacional de Juniores em futebol, Zona Norte, disputado no Estádio do Bessa.

O encontro foi interrompido no passado fim-de-semana aos 22 minutos de jogo devido ao mau tempo, com o resultado ainda em branco.

Após este jogo, a classificação da Zona Norte é a seguinte: 1.º, FC Porto, 15 pontos; 2.º, Braga, 11; 3.º Boavista, 10; 4.º Famalicão, 7; 5.º, U. Coimbra, 4 e 6.º, Beira Mar, 1.

Colectividades

Clube de Futebol Varejense

Fundado no dia 1 de Abril de 1939, encontra-se a comemorar mais um aniversário, o Clube de Futebol Varejense, com sede na Rua Lopes (Lisboa). Do extenso programa festivo destacamos a realização de jogos de futebol de salão e, no passado domingo, já aconteceu o tradicional confronto futebolístico entre solteiros e casados que terminou com uma bacalhauzada feita a preceito e comida com regalo.

No sábado teremos: ténis de mesa com a participação de tenistas do clube em festa, Clube Operário de Futebol, Ginásio do Alto Pina e Clube Musical União; domingo (dia 12): grande festival de atletismo a disputar nas ruas do Bairro Lopes com início às 9 horas.

O programa prosseguirá até dia 30, destacando-se a «grande noite fadista» na sexta-feira (dia 24), baile de encerramento (dia 25) e sessão de encerramento com entrega de troféus no dia 30.

Entretanto vão-se disputando «renhidas» partidas de sueca, dominó, rami e de outras modalidades.

Luso do Barreiro

Outra colectividade em festa é o Luso Futebol Clube (do Barreiro) que no próximo dia 11 comemora o 67.º aniversário da sua fundação.

Convirá recordar que o popular Luso é uma colectividade considerada de «utilidade pública» — como todas as demais que ao desporto e educação física prestam serviços relevantes — e ostenta as medalhas de «bons serviços desportivos» do Ministério da Educação e a medalha de «ouro de bons serviços» da Câmara Municipal do Barreiro.

A direcção daquele «lendário» clube barreirense informa-nos ainda de que se encontram abertas as inscrições para as equipas interessadas em participar no seu 7.º torneio de futebol de salão, que irá decorrer no seu pavilhão gimnodesportivo.

Clube Oriental de Lisboa

Informa-nos a direcção do Clube Oriental de Lisboa, de que, pelas 20.30 horas de amanhã, irá prosseguir a sessão de assembleia geral ordinária para eleição dos futuros corpos gerentes da colectividade.

Associação de Árbitros

Da Associação Portuguesa de Árbitros recebemos um cativante ofício a comunicar de que, na assembleia geral realizada no passado dia 28 de Março, fora exarado um voto de agradecimento ao nosso jornal pela «colaboração prestada». Agradecemos a gentileza e reafirmamos o propósito de continuarmos (como nos cumpre) a dedicar à causa da abritragem a atenção devida.

Conselho de Arbitragem da AFL

As relações entre o árbitro e o futebolista é tema para um colóquio-debate que terá lugar amanhã pelas 21 horas nas instalações da Associação de Futebol de Lisboa e por iniciativa do seu Conselho de Arbitragem. Como convidados estarão o futebolista Shéu, o árbitro Jorge Coroado e o nosso companheiro de trabalho Alves Henriques, sendo moderador o jornalista Vieira de Carvalho.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	6	5	0,0	M. nub.
V. Castelo	11	9	0,0	M. nub.
Vila Real	8	7	0,0	M. nub.
Porto	9	8	0,0	M. nub.
P.Dourad.	–	–	–	—
Coimbra	10	10	0,0	Aguaceir.
C.Carvoeiro	13	13	0,0	M. nub.
C. Branco	–	–	–	—
Portalegre	7	6	0,0	Nevoeiro
Lisboa	9	9	0,0	P. nub.
Évora	9	9	0,0	Neblina
Beja	9	8	0,0	Nevoeiro
Faro	10	10	0,0	P. nub.
Sagres	13	13	0,0	M. nub.
P. Delgada	10	9	0,0	P. nub.
Funchal	14	13	0,0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 18, Porto 14, Faro 20, Ponta Delgada 18, Funchal 21.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid	9	9	Muito nub.
Londres	8	8	Chuva
Paris	9	8	Chuva
Bruxelas	9	9	Muito nub.
Amesterd.	8	8	Muito nub.
Genebra	8	-2	Chuvisco
Roma	–	–	–
Oslo	-1	-2	Muito nub.
Copenhaga	1	1	Encoberto
Estocolmo	-5	-7	Pouco nub.
Berlim	8	8	Neblina
Viena	12	11	Encoberto
Varsovia	7	6	Neblina
Atenas	–	–	–
Moscovo	0	-4	Limpo

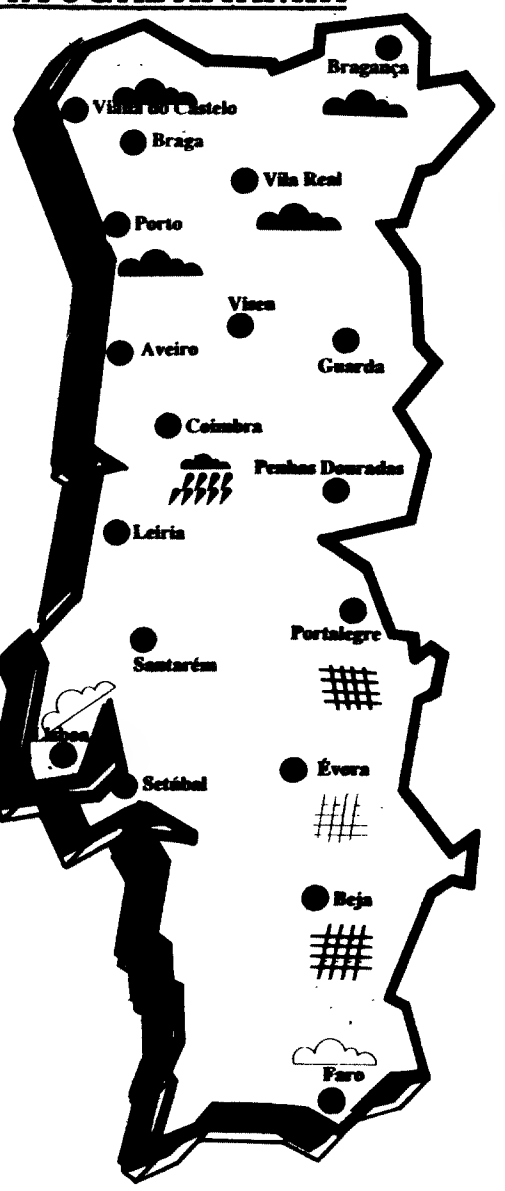
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx	Às 13 h.
Caracas	20	29	Nublado
Joanesburgo	14	27	Limpo
Los Angeles	12	24	Limpo
Montreal	7	11	Chuva
Nova Deli	21	36	Limpo
Nova Iorque	6	8	Nublado
R. de Janeiro	18	25	Nublado
S. Francisco	10	18	Nublado
São Paulo	15	23	Nublado
Tóquio	11	15	Chuva

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



TEMPO

HOJE

No Continente:

Regiões do Norte e Centro: Períodos de céu muito nublado e vento moderado de noroeste. Aguaceiros nas regiões do Norte.
Regiões do Sul: Céu pouco nublado e vento fraco ou moderado de noroeste.

Estado do mar:

***Costa Ocidental:* Mar de pequena vaga ou ondulação de noroeste de um a dois metros.**

***Costa Sul:* Mar de pequena vaga. Ondulação inferior a um metro.**

Nos Açores:

Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a bonançoso de noroeste.

***Estado do Mar:* Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação norte de um a dois metros no grupo Ocidental e noroeste nos grupos Central e Oriental.**

Na Madeira:

Céu com períodos de muito nublado. Vento moderado de norte. Aguaceiros nas vertentes voltadas a norte.

***Estado do mar:* Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação noroeste de um a dois metros na costa norte e ondulação inferior a um metro na costa sul.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado. Vento fraco a moderado de norte.

DEPOIS

Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado, nas regiões do Norte. Vento fraco a moderado de norte.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
		6.59	1,7 m
13.31	3,2 m	19.08	1,7 m

Amanhã

1.54	3,4 m	7.37	1,4 m
14.11	3,4 m	19,47	1;4 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

A EUROPA ÀS 6 HORAS

• Informação da agência Lusa

Prémios Pen Clube

PARA DAVID MOURÃO FERREIRA O DE FICÇÃO

Os prémios Pen Clube 1986 foram atribuídos a David Mourão-Ferreira (Ficção), Nuno Júdice (Poesia), Maria Alzira Seixo (Ensaio) e Luísa Neto Jorge (Tradução).

Os júris, um para cada modalidade, distinguiram «Um Amor Feliz» (David Mourão-Ferreira), «Lira de Líquen» (Nuno Júdice), «A Palavra do Romance» (Maria Alzira Seixo) e a tradução do romance de Louis Ferdinando Celine «Morte a Crédito» feita por Luísa Neto Jorge.

Arnaldo Saraiva, Clara Rocha e Maria Lúcia Lepecki integraram o júri de Ficção, Eduardo Prado Coelho, Manuel Alberto Valente e Pedro Támen o de Poesia, Ana Hatherly, Eduardo Lourenço e Fernando Guimarães o de Ensaio, Almeida Faria, José Bento e Luísa Costa Gomes o de Tradução Literária.

O Presidente Mário Soares deverá estar presente na sessão de entrega dos prémios literários do Pen Clube, agendada para a próxima semana, anunciou entretanto, a Associação.

Fundada em 1921, na Inglaterra, associação de vocação internacionalista, só depois do 25 de Abril, concretamente em 1978, o Pen Clube teve o seu primeiro centro em Portugal.

São seus objectivos defenderem a liberdade de expressão, pugnar pela liberdade de escritores perseguidos ou presos e fomentar as relações entre escritores de todos os países.

Actualmente com 60 sócios, o Pen Clube instituiu os seus prémios literários em 1980, começando então por distinguir livros de Poesia, Narrativa e Ensaio. Em 1986 acrescentou aos três prémios iniciais um quarto, para trabalhos de tradução literária.

«A tradução em Portugal — assinalou Almeida Faria — é uma actividade mal remunerada e que não tem sido reconhecida como deve, como criação.»

A história dos prémios da Associação registou uma recusa: a de Herberto Hélder, que não aceitou a distinção dada ao seu livro de poemas «A Cabeça entre as Mãos».

Um David feliz

«Um Amor Feliz» é o livro de estreia de David Mourão-Ferreira no romance.

O autor, nascido em Lisboa em 1927, assinou em 30 anos de carreira literária, iniciada em 1950 com os poemas de «A Secreta Viagem», mais de trinta títulos, em Poesia, Ficção (contos, novelas e o romance agora premiado), Ensaio e Teatro (a peça «O Irmão», de 1965).

Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa, onde mais tarde leccionou, dirigiu alguns jornais e foi, entre 1976 e 1978 e em 1979, secretário de Estado da Cultura.

Membro dos corpos gerentes da Associação Portuguesa de Escritores, a cuja direcção já presidiu, é actualmente director do serviço de bibliotecas itinerantes da Fundação Gulbenkian.

Da sua obra, com vários importantes prémios literários a distingui-la, fazem parte títulos como «Infinito Pessoal ou a Arte de Amar», «Do Tempo ao Coração», «A Arte de Amar», «Lira de Bolso», «Matura Idade» e «Entre a Sombra e o Corpo» (poesia), «Gaivotas em Terra», «Os Amantes» e «As Quatro Estações» (ficção), «Aspectos da Obra de Manuel Teixeira Gomes», «Hospital das Letras» e «Sobre Viventes» (ensaio).

Revelado em 70

Nuno Júdice nasceu em 1949, em Mexilhoeira Grande, Algarve, licenciou-se em Filologia Românica na Faculdade de Letras e é actualmente professor na Universidade Nova.

Considerado um dos mais importantes poetas revelados nos anos 70, estreou-se com «A noção do Poema», em 1972, a que se seguiram «Crítica Doméstica dos Paralelepípedos», «As Inumeráveis Águas», «O Mecanismo Romântico da Fragmentação», «Nos Braços da Exígua Luz», «O Corte na Ênfase», «O Voo do Igitur Num Copo de Dados» e «A Partilha dos Mitos».

Na ficção escreveu «Última Palavra: Sim», «Antero, Vila do Conde», «Plancton» e «O Manto Religioso».

Poeta e crítica

Maria Alzira Seixo nasceu no Barreiro em 1941 e doutourou-se em Filologia Românica na Universidade de Lisboa, em cuja Faculdade de Letras lecciona desde 1966.

Estudiosa de literatura portuguesa moderna e contemporânea, de literatura francesa clássica e de questões de pedagogia literária, tem vários títulos publicados em cada uma destas áreas, entre os quais «A Expessão do Tempo no Romance Português Contemporâneo», «Discursos do Texto», «Le Parcours du Plaisir — Essai D'Analyse d'UN Texte Français du XVII siècle» e o agora premiado «A Palavra do Romance».

É também autora das recolhas poéticas «Nove Proposições de Diana» e «A Catedral».

Maria Alzira Seixo é secretária do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários, dirige a Colecção «Textos Literários» da Editorial Comunicação e tem colaboração dispersa, de crítica e análise literária, em jornai e revistas.

Qualidade reconhecida

Nascida em Lisboa, em 1939, Luísa Neto Jorge integrou o grupo «Poesia 61» com Fiama Hasse Pais Brandão e Gastão Crz, entre outros, sendo autora de sete livros de poemas: «A Noite Vertebrada», seu livro de estreia em 1960, «Quarta Dimensão», «Terra Imóvel», «O Seu a Seu Tempo», «Dezanove Recantos», «O Ciclópico Acto» (em colaboração com o pintor Jorge Martins) e «Os Sítios Sitiados», este último com toda a poesia anterior e um caderno inédito.

Desde «Os Sítios Sitiados», de 1973, que não reúne poesia em livro, muito embora mantenha colaboração poética dispersa.

Como tradutora, Luísa Neto Jorge tem desenvolvido um trabalho de reconhecida qualidade, sendo hoje um dos nomes de primeira referência na área da tradução literária em Portugal.

Verteu para português livros de Ionesco, Raymond Queneau, Leopold Senghor, André Breton, Boris Vin, Witold Gombrowicz e Celine, entre outros.

DÉCIMO NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

NOTÁRIO: — LIC. LUÍS LOPES PEREIRA

FAUSTO DA SILVA MALVAR, PRIMEIRO AJUDANTE DESTE CARTÓRIO — CERTIFICO, para efeitos de publicação que por escritura de vinte cinco de Março de mil novecentos e oitenta e sete, lavrada de folhas trinta e três a folhas trinta e seis do livro de notas 131-E deste Cartório, foi constituída entre Marktest-Marketing, Organização, Formação, Limitada, pessoa colectiva número 501070982, com sede em Lisboa, na Rua de São José, n.º 183, 2.º andar; Rui Jorge Alves Gonçalves, residente na Rua Carvalho Araújo, n.º 100, 3.º esq. em Lisboa, casado com Maria do Carmo Dias Pires Gonçalves, no regime de comunhão de adquiridos; e Jorge Manuel Fonseca Ferreira, residente na Urbanização Maria do Lagar, lote 5, 3.º esq. em Massamá, freguesia de Queluz, concelho de Sintra, casado com Maria Rosa dos Reis Ferreira Amaro, no regime de comunhão de adquiridos, uma sociedade comercial por quotas denominada «MEDINFOR — INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO MÉDICA, LDA», com sede em Lisboa, na Rua de São José, n.º 183, 2.º andar, a qual se rege pelos artigos constantes da presente fotocópia que está conforme ao original.

Lisboa, Décimo Nono Cartório Notarial aos vinte seis de Março de mil novecentos e oitenta e sete.

O Ajudante
(Fausto da Silva Malvar)

PRIMEIRO

A soiedade adopta a denominação MEDINFOR — INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO MÉDICA, LDª vai ter a sua sede em Lisboa, na Rua de S. José, número cento e oitenta e três, segundo andar, e tem o seu início a partir de hoje.

PARÁGRAFO ÚNICO

Fica autorizada a gerência a deslocar livremente a sede social dentro do concelho de Lisboa, ou para concelho limítrofe.

SEGUNDO

A sociedade tem por objecto a realização de estudos sobre comunicação e informação médica, criação e exploração de bases de dados, nomeadamente sobre assuntos relacionados com a actividade médica e paramédica.

TERCEIRO

O capital social, é de OITOCENTOS MIL ESCUDOS e corresponde à soma das três seguintes quotas: — uma de quatrocentos e oitenta mil escudos pertencente à sócia Marktest-Marketing, Organização, Formação, Limitada, uma de cento e sessenta mil escudos pertencente ao sócio Rui Jorge Alves Gonçalves da Silva, e outra de cento e sessenta mil escudos pertencente ao sócio Jorge Manuel Fonseca Ferreira.

PARÁGRAFO ÚNICO

Cada um dos sócios já realizou a sua quota em dinheiro quanto a cinquenta por cento, devendo cada um realizar o restante, também em dinheiro, até um de Março de mil novecentos e oitenta e oito.

QUARTO

A transmissão de quotas entre vivos carece de consentimento da sociedade, ainda que se trate das cessões referidas no artigo duzentos e vinte e oito, número dois, parte final, do Código das Sociedades.

QUINTO

No caso de falecimento de qualquer sócio, os contitulares da quota, enquanto esta se mantiver em estado de comunhão hereditária, indicarão no prazo de trinta dias um representante comum.

SEXTO

Os sócios podem deliberar que lhes sejam exigidas prestações suplementares até ao montante global de dois milhões de escudos.

SÉTIMO

A sociedade é administrada e representada por um ou mais gerentes, que podem ser pessoas escolhidas de entre estranhos à sociedade.

PARÁGRAFO PRIMEIRO

Ficam desde já nomeados gerentes os sócios Rui Jorge Alves Gonçalves e Jorge Manuel Fonseca Ferreira, e ainda o não sócio Luís Teixeira Queirós, o outorgante nomeado em primeiro lugar.

PARÁGRAFO SEGUNDO

Para obrigar a sociedade são suficientes as assinaturas de dois gerentes.

OITAVO

A sociedade poderá adquirir participações em sociedades com objecto diferente do seu, em sociedades reguladas por leis especiais e em agrupamentos complementares de empresas.

NONO

A convocação das assembleias gerais deverá ser feita por carta registada dirigida a cada um dos sócios e expedida com a antecedência mínima de quinze dias, a não ser que a lei exija outras formalidades ou estabeleça prazo mais longo.

DÉCIMO

Fica permitido a qualquer sócio fazer-se representar por estranho nas deliberações sociais.

DÉCIMO PRIMEIRO

Estimam em cem mil escudos as despesas a fazer com esta escritura, seu registo na Conservatória, no Registo Nacional de Pessoas Colectivas e respectivas publicações.

«DL» 9/4/1987

TRIBUNAL JUDICIAL DO SEIXAL

ANÚNCIO

O DOUTOR MANUEL ANTÓNIO GONÇALVES RAPAZOTE FERNANDES, JUIZ DE DIREITO DO TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO SEIXAL.

FAZ SABER que nos Autos de Carta Precatória, n.º 62/87 do 1.º JUÍZO e 2.ª Secção, contra o Executado JOSÉ ISIDRO TRIPA BALSINHA, residente na QUINTA DA MIMOSA, n.º 7, no FOGUETEIRO, foi designado o próximo dia 5 de MAIO de 1987, pelas 15 horas, no Tribunal Judicial desta Comarca, para **abertura de propostas** de preço superior ao de 125 000$00 (CENTO E VINTE E CINCO MIL ESCUDOS) para lhe ser adjudicado o seguinte:

MÓVEIS

DUAS AFIADORAS MARCA FELISATTI, MOD. — F-14/A EM RAZOÁVEL ESTADO DE CONSERVAÇÃO E FUNCIONAMENTO.

As pessoas interessadas na compra destes móveis podem apresentar as referidas propostas na Secretartia Judicial desta Comarca até aquele momento de abertura.

Os referidos móveis encontram-se na posse do fiel depositário e Executado JOSÉ ISIDRO TRIPA BALSINHA, residente na QUINTA DA MIMOSA, n.º 7, no FOGUETEIRO — SEIXAL, local onde podem ser vistos por todos os interessados.

Para constar se lavrou o presente anúncio, a fim de ser devidamente publicado em dois dias seguidos no jornal de maior leitura da área da residência do Executado.

Seixal, 27 de Março de 1987

O JUIZ DE DIREITO
Manuel Rapazote Fernandes

O ESCRITURÁRIO
M. Cruz Pinto

«DL» 9/4/87 — 2.º Pub

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOURES

ANÚNCIO

CARTA PRECATÓRIA N.º 56/87 — 2.ª **Secção** — 2.ª Juízo

No próximo dia **24 de Abril**, pelas 10 **horas**, no Tribunal Judicial da Comarca de Loures, nos autos de carta precatória vinda do 10.º Juízo Cível de Lisboa e extraída da Execução Ordinária em que é Exequente EFACEC – EMPRESA FABRIL DE MÁQUINAS ELÉCTRICAS, SARL e Executada GABIMÓVEL – SOCIEDADE DE DESENVOLVIMENTO HABITACIONAL DO INFANTADO, LDª, com sede na Rua S. Tomé e Príncipe, n.º 4-r/c-esq.º no Olival de Basto, hão-de ser postos em praça para se arrematarem ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado no processo — quatro dijuntores HL-420, que se encontram na Urbanização do Infantado – Loures.

É depositário dos mesmos bens ALDO JOSÉ HENRIQUES DIAS, residente na Urbanização do Infantado-Célula 1, lote 1-11.º-F.

Loures, 30 de Março de 1987

O JUIZ DE DIREITO,
José dos Santos Martins

A ESCRIVÃ ADJUNTA,
Maria João Real Silva

«DL» 9/4/87 — 2.º pub.

Associação PORTUGAL BULGÁRIA

TELEF: 32 39 63
RUA S. NICOLAU, 119-2.º
1100 LISBOA

BOLSA DE ESTUDO NA BULGÁRIA

— ENGENHARIA —

- Atribuímos bolsa a um/a estudante por amável cedência do Estado búlgaro
- Notas do 12.º ano: Não inferiores a 14 valores.
- Aceitamos até 30 candidatos/as

O SECRETARIADO

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS *TERÇA *QUARTA *E QUINTA PREÇO UNICO: 200$00

2 ULTIMAS SEMANAS ATE DIA 19

"VICTOR" ou as crianças no poder

TERÇA A SABADO AS 21 30 H DOMINGO AS 17 H

TEXTO ROGER VITRAC ENCENAÇÃO JOÃO MOTA TRADUÇÃO LUSA SOARES

APOIOS: ALLIANCE FRANCAISE • FUNDAÇÃO GULBENKIAN • RÁDIO COMERCIAL • BRÁS & BRÁS • SECLA • FAIANÇAS • SUB.SEC

NO ESPAÇO DO **CAFE-TEATRO** * UM NOVO EXITO

FARSA VOCE MESMO!

SEXTAS e SABADOS AS 24 h

2 SALAS * 2 ESPECTACULOS * O MESMO GRUPO * PR. ESPANHA - T 726 08 18

ALCIONE: SAMBA NÃO CHEGOU PARA AQUECER O COLISEU

A promessa de um autêntico espectáculo sambista pela «rainha do samba» não chegou para encher a maior sala de espectáculos da capital, como se verificou ontem, no primeiro dos dois espectáculos de Alcione no Coliseu dos Recreios. E se o espectáculo, em alguns momentos correspondeu à promessa, no resto ficou-se pelas intenções: uma boa banda e a voz da cantora não chegaram para aquecer completamente a sala e fazê-la vibrar como num carnaval brasileiro.

O espectáculo começou passava já das 22 horas. O pano subiu, a «Banda do Sol» e os dois elementos do coro em palco «atacaram» os primeiros acordes de «Para Que Chorar», de Baden e Vinícius de Morais, enquanto a voz de Alcione se fazia ouvir. Só mais tarde a «rainha do samba» apareceu, vestida de branco, sob os aplausos do público.

Alcione soube criar uma intimidade cumplice com o público, contando com simplicidade e humor pequenas histórias da sua vida: a boneca grande que desejava quando miúda e que os pais (a mãe era lavadeira e o pai polícia) não lhe podiam comprar, pelo que a mãe lhe dizia para se pentear e pôr-se à porta à espera da sorte grande. «Só mais tarde eu comprendi que vocês pagarem para eu vir aqui cantar é que é sorte grande», concluiu.

No entanto a primeira parte do espectáculo (não houve intervalos, o concerto foi dividido pelas mudanças de roupa da cantora) decorreu de uma forma pouco convincente, sem brilho. Alcione não conseguiu, nessa altura, fazer do espectáculo uma festa.

Só mais tarde, quando interpretou «Regresso», de Amílcar Cabral e José agostinho, numa homenagem aos amigos de Cabo Verde, Angola e Moçambique, e um casal de negros subiu ao palco para dançar banboleando o corpo ao ritmo africano como só eles sabem fazer, é que o concerto ganhou vida e se sentiu o público começar a vibrar.

A partir desse momento e sobretudo depois da actuação de Tuca, Pirulito e Jaguara, os elementos da percussão, que deram um verdadeiro «show», o espectáculo se tornou mais vivo.

O espectáculo foi decorrendo entre canções com um ritmo mais lento, como «Minha Missão», «O Que Faço Amanhã» ou «A Paz de Deus» e as de ritmo sambista como «Mangueira», «Verde Rosa» ou «Tem Ximxim e Acarajé», com destaque para o trabalho dos elementos da «Banda do Sol».

No concerto não faltou um momento de fado, preenchido com a interpretação de «Canoas do Tejo», conhecido do público na voz de Carlos do Carmo, e outro de jazz, onde Alcione tocou clarinete (numa homenagem ao pai, que a ensinou, e a Louis Armstrong). «Influência do Jazz», de Carlos Lira, é uma mistura de samba e jazz, como a letra diz ,«o meu samba sofreu a ingfluência do jazz».

Alcione foi acompanhada pelas vozes de solange, a sua irmã mais nova, e Lourenço, também compositor, e pela «Banda do Sol»: Peixinho no trombone, Paulinho no trompete, António no sax e na flauta, Luís Torres na direcção, Tuca, Pirulito e Juagara nas percussões, Arnaldo no contrabaixo, Luizinho na guitarra, Moisés nas teclas e Carlinhos na bateria.

O público exigiu «encore» e por duas vezes mais Alcione voltou ao palco, interpretando, canções de Gilberto Gil ou Baden e, como não poderia deixar de ser, «Coisas da Vida».

No fim, a sensação com que se ficou é que o espectáculo deveria estar agora a meio, pois público e cantora estavam agora bem «quentes», ao sabor do samba. Porque «Quem não gosta de samba/ Bom sujeito não é/ Ou ruim da cabeça/ ou doente do pé».

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-NOVO
AVISO

Para os devidos efeitos se torna público que, de harmonia com a deliberação tomada na reunião ordinária da Câmara Municipal de 6 de Março de 1987, se encontra aberto, pelo prazo de quinze dias a contar da data da publicação deste aviso no «Diário da República», concurso para provimento de uma vaga de arquitecto de 2.ª classe, letra G (57 700$).

A este concurso poderão candidatar-se indivíduos que possuam licenciatura em Arquitectura e que satisfaçam os requisitos gerais previstos no artigo 6.º do Decreto Regulamentar n.º 68/80, de 4 de Novembro.

Os candidatos deverão apresentar, no prazo acima estabelecido, requerimento dirigido ao presidente da Câmara, com a assinatura sobre estampilha fiscal de 100$, do qual devem constar o nome completo, data de nascimento, filiação, naturalidade, estado civil, profissão, residência e número do bilhete de identidade, data e serviço de identificação que o emitiu, bem como o número fiscal de contribuinte.

Como método de selecção serão utilizadas a avaliação curricular e a entrevista.

Os candidatos deverão enviar os respectivos currículos acompanhando o requerimento de admissão.

Este concurso é válido apenas para a vaga existente.

Foi consultada a Secretaria de Estado da Administração Pública, nos termos do artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 43/84, de 3 de Fevereiro.

Paços do Concelho de Montemor-o-Novo, 9 de Março de 1987. — O vereador substituto legal do presidente, Henrique Gabriel Pinto de Sá de Carvalho.

1-1-3702

TEATRO VASCO SANTANA
Tel. 768609

TEATRO-ESTÚDIO de LISBOA
VEJA TEATRO ÀS 19 H
— A PREÇOS REDUZIDOS —

NOVO HORÁRIO: DE 3.ª a 5.ª às 19 h
6.ª e Sáb. às 21h30
Domingos às 16 h

SYLVIA PLATH- Quem a matou?

de BARRY KYLE
Trad. M.ª TERESA GUERREIRO
Dir. LUZIA MARIA MARTINS
Mont. FERNANDO FILIPE
INTÉRPRETES (ordem de entrada em cena)
CLARA JOANA * LUÍSA ORTIGOSO *
MANUEL MENDONÇA * MARIA DULCE

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

Sub. SEC

A BARRACA
Teatro Nacional D. Maria II (sala experimental)
Reservas tel: 32 22 10
37 10 78

CINEMAS

Uma cena do filme MATADOR, realizado por Pedro Almodovar. Interpretação de Assumpta Serna, Antonio Banderas e Julieta Serrano. Distinguido no FANTASPORTO 87 com os seguintes prémios: Melhor Realização, Melhor Actriz (Julieta Serrano. Menção Honrosa da Imprensa e Prémio Especial do Júri. Filme de qualidade, em exibição no Quarteto.

Alfas Triplex
— T. 806496

PERIGOSAMENTE JUNTOS
(m. 12 anos)
14.16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

O MENINO DE OURO
(m. 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

A MANHÃ SEGUINTE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16,45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

O MENINO DE OURO
(m. 6 anos)
13.45, 16.45, 18.45, 21.15 e 24.00 h

MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

A MANHÃ SEGUINTE
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Avila
— T. 539930

A VIDA É ASSIM
(Comédia)
(m. 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.15 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

OS MALUCOS DO ESTÁDIO
(m. 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitólio
— T. 372358

LUSA, SEXO FATAL
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

SEM PERDÃO
(m. 12 anos)
15.30, 18.30, e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824

PERIGOSAMENTE JUNTOS
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, e 21.30 h
A FRONTEIRA DA VERGONHA
(int. men. 13 anos)
24.00 h

Cinebolso

CONSULTÓRIO SEXUAL
Porno
(int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões
T. 324194

A LUTA DOS DESTEMIDOS
(int. m. 13 anos)
14.15, 16.30, e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

O SARGENTO DE FERRO
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
CAÇADA AO HOMEM
(n/acons. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha

8 MILHÕES DE MANEIRAS PARA MORRER
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Shezn

KALIDOR — A LENDA DO TALISMÃ
(maiores 12 anos)
15.30, e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

PEGGY SUE CASOU-SE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Condes
— T. 322523

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

O MISTÉRIO DO INVISÍVEL
(int. m. 18 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

LEMBRAS-TE DA ÚLTIMA NOITE?
(m. 12 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS
— T. 887255

SARGENTO DE FERRO
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078

JOEY
(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1

O CAMPO DO INFERNO
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O MENINO DE OURO
(m. 6 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

A FÁBRICA DE LOUCURAS
(m. 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

O CONFRONTO T. 541037
(maiores 12 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009

PERIGOSAMENTE JUNTOS
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 806847

Sala 1

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

A MOSCA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 24 h

Imperio
— T. 555134

SEM PERDÃO
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

THÉRÈSE
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Londres

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1

O MENINO DE OURO
(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h

Sala 2

A MANHÃ SEGUINTE
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas
— T. 574362

SEM PERDÃO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

COMANDOS EM FÚRIA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309

TORMENTOS DE CARNE
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933

ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÕES
Reabre brevemente

Politeama
T. 326305

MULHERES EM FÚRIA
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1

THERÉSE
(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
PAIXÃO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2

O MATADOR
(int. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30
CHRISTINE, O CARRO ASSASSINO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3

O LOCAL DO CRIME
(m. 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
O INTRUSO
(m. 16 anos)
23.30 h

A MANHÃ SEGUINTE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
EXORCISTA I
(m. 16 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192

O MISTÉRIO DO INVISÍVEL
(Int. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

O RAPTO DA CIGANA
(n/ac. m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1

O MENINO DE OURO
(m. 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

O REI DOS GAZETEIROS
(m. 12 anos)
14.30, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715

SEM PERDÃO
(m. 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

AS CHAVES DO PODER
(m. 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

SEM PERDÃO
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Torim
T. 706666

POLTERGEIST — O FENÓMENO
(não acons. men. 18 anos)
14, 16.30, 18.30 e 21.30 h

Voxmania
— T. 880808

POLTERGLIST II — O OUTRO LADO
(maiores 16 anos)
15.30, 18.15 e 21 h

Xenon
T. 368480

CORRIDA PARA O ABISMO
(m. 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Entre o Amor e o Medo», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «Voando sobre um Ninho de Cucos», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)
AMADORA — Babilónia — «Sem Perdão», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «FX — Efeitos Mortais», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos).
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Regresso à Escola», às 21.30 (m. 12 anos)
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «O Golpe do Génio», às 21.30 h (m. 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «O Menino de Ouro», às 17.00 e 21.15 h (maiores 6 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «Aliens — O Recontro Final», às 15.00, e 21.30 h (maiores 16 anos).
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Ran — Os Senhores da Guerra», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Corrida para o Abismo», às 15.30 e 21.45 h (m. 18 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «O Nome da Rosa», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «O Corcodilo Dondee», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Platoon — Os Bravos do Pelotão», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Sem Perdão», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «Comandos de Elite», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 18 anos)
ALMADA — Incrível Almadense — «Juventude Violenta», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)
CLUBE PIEDENSE — «Manhã Aterradora», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Socorro!», às 15.45 e 21.30 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «Uma Equipa dos Diabos», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Psico III», às 15 e 21.15 (m. 16 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Ana e as suas Irmãs», 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ODIVELAS — Cineodivel — «Em Busca do Tesouro Perdido», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos).

CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Poltengeist II – O Outro Lado», às 16 e 21 h (m. 16 anos)

ANTÓNIO ARAÚJO NA "S.FRANCISCO"

Na Galeria de S. Francisco - R. Ivens, 40 - inaugura–se hoje uma exposição do pintor António Araú - jo, que mostra obras recentes de - pois de, no ano passado, ter expos - to no Palácio Galveias uma retros - pectiva de trabalhos sobre Lisboa.

Uma vez mais, os seus caracterís- ticos nus aparecem emoldurados por janelas abertas sobre as ruas e vielas da nossa cidade.

Pintura com geometrias de silên - cios e azuis é como define a escrito - ra Matilde Rosa Araújo a obra do artista, afirmando: «É assim a Lis - boa de António, com asas transidas de gaivotas e pássaros de janelas pobres. Discreta e amarga doçura».

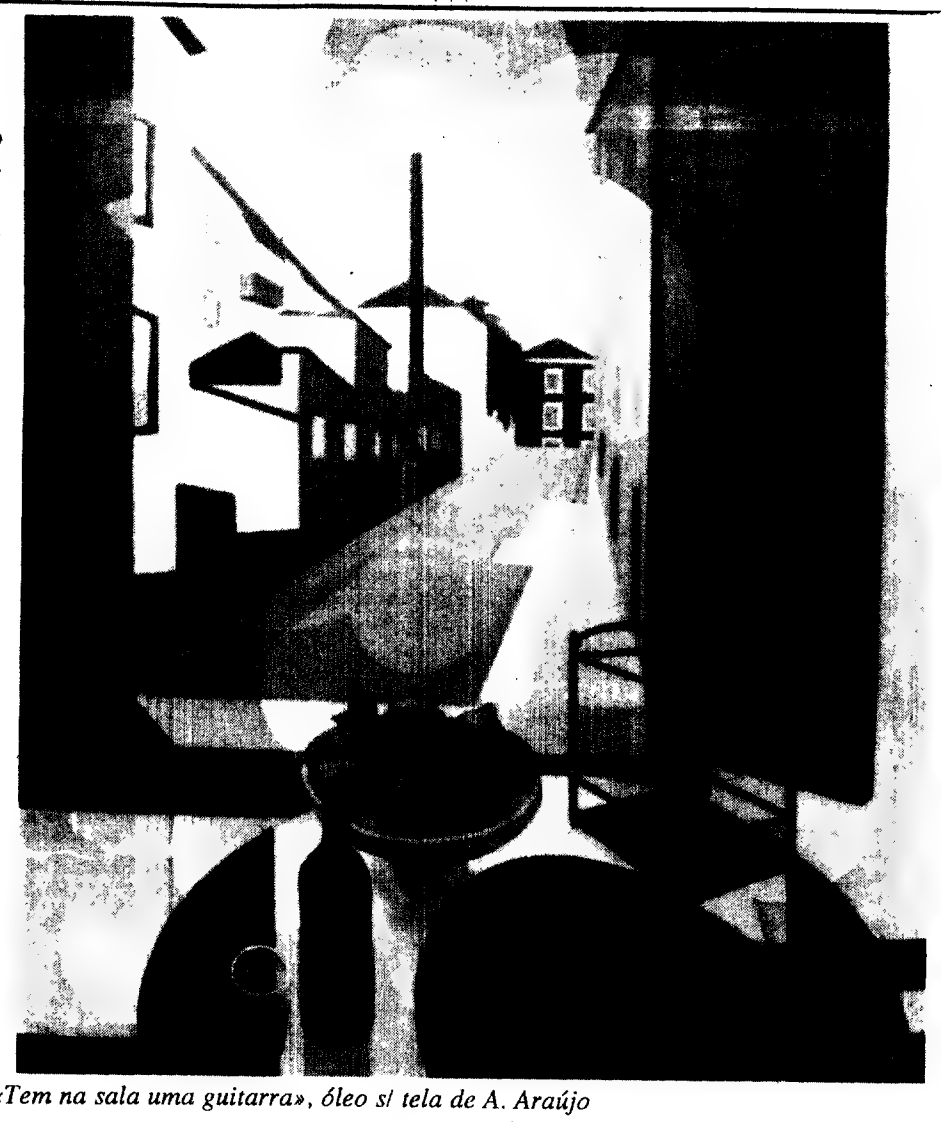
A jornalista Manuela de Azevedo, em crítica recente, escreve: «Os nus de António Araújo são belos, toca - dos de inocência e vivos. Nas co - res, nos temas, no desenho, o geo - metrismo, a linha curva, a hipérbole jogam com o figurativismo numa feliz harmonia entre a realidade e o sonho».

O pintor agora patente na Galeria de S. Francisco, foi em 86 galar- doado com o Prémio «Dr. Gustavo Cordeiro Ramos» pela Academia Nacional de Belas Artes, distinção atribuída ao autor do melhor traba - lho de Pintura patente em exposi - ções públicas. Foi também premia - do pela Sociedade Nacional de Be - las Artes, Junta de Turismo da Cos - ta do Sol e Galeria de Arte do Casi - no Estoril, que lhe atribuiu em 84 o prémio «José Teodoro dos San - tos».

António Araújo apresentou 15 ex - posições individuais e está repre- sentado em diversos museus em Portugal, Espanha, Brasil, México e Inglaterra.

Nascido em Lisboa, António Araújo foi discípulo do pintor Láza- ro Lozano e participou em diversas exposições colectivas em Portugal, Espanha, México e Brasil. Além das referidas 15 exposições indivi - duais, uma retrospectiva da sua obra decorreu em 86 no Palácio Galveias, integrada nas comemora - ções do cinquentenário do Grupo dos Amigos de Lisboa.

Esta exposição de António Araú - jo, pode ser visitada na Galeria de S. Francisco até 30 de Abril, de se - gunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.



«Tem na sala uma guitarra», óleo s/ tela de A. Araújo

EXPOSIÇÕES

• ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): exposição de Pintura de Maria Soares «Homenagem à Natureza», até 30 de Abril de segunda a sexta das 18 às 22, sábados das 15 às 19.

• ATELIER 2 (R. da Emenda, 66-3º): exposição de gouaches «Metamorfoses» de João Vieira. Patente até 30 de Abril, diariamente excepto sábados e domingos, das 10 às 13 e das 14,30 às 18.

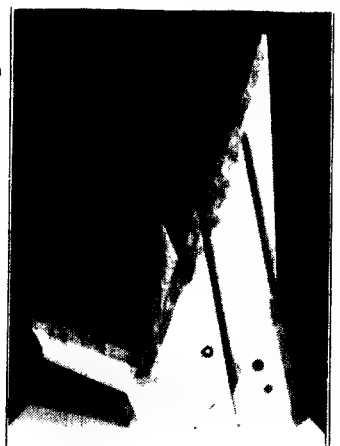
• GALERIA CODILIVRO (praceta dr. Nuno Pinheiro Torres, 2-A): «No Silêncio da Tarde», exposição de pintura e gravura de Marina, patente até 16 de Abril, de segunda a sábado das 15 às 20.

• GALERIA DA LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): Escultura e Joalharia de Gordilllo, até 24 de Abril.

• GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): exposição de desenhos de Rui Sanches intitulada «Preto e Branco». Simultaneamente, na sala do 1º andar, a exposição «Quesares» da artista brasileira Carmela Gross. De terça sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19

• MULTIFACE ARTE (R. Sousa Lopes, lote RS): exposição com trabalhos de Berrocal, Espiga Pinto, Emília Nadal, Francisco Simões e Manuel Cargaleiro.

• GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): exposição



Escultura de Gordillo, na Galeria Barata

de Pintura de Dominguez Alvarez.

• GALERIA DE ARTE «CAPITEL» (Leiria): exposição de Pintura de Iris Novvelli Cadete, patente até 13 de Abril.

• IAM GALERIA (R. da Misericórdia, 92-1º): exposição de Manuel Gantes pintura-formas pintadas-desenho. Até 22 de Abril, de segunda a sábado das 15 às 20.

• GALERIA «A MONUMENTAL» (Campo dos Mártires da Pátria, 101): exposição de fotografias de Mariano Piçarra, até 14 de Abril, de terça a domingo das 15 às 20.

• INSTITUTO ALEMÃO: «Ser ou Não Ser», uma exposição de Pintura de Ana Leonor, até 29 de Abril.

• SNBA (R. Barata Salgueiro): exposição com os mais recentes trabalhos de Pintura de José Ribeiro, até 12 de Abril.

• SNBA (R. Barata Salgueiro): Escultura de Álvaro Carneiro, até 26 de Abril.

• MUSEU NACIONAL DO AZULEJO: exposição de Cerâmica de Mário Castanheira, patente durante o mês de Abril.

• RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão): exposição de Pintura de Rui Cunha, até 30 de Abril, todos os dias das 12 às 24.

• GALERIA TRI^ANGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): esta galeria, agora inaugurada, apresenta uma exposição de Pintura com trabalhos de Espiga Pinto. Patente até 27 de Abril, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e domingo dia 26 das 15 às 20.

• CENTRO DE ARTE MODERNA (Gulbenkian): exposição de Fotografia de Manuel Magalhães. Dia 9 às 18,30, visita guiada por Bernardo Pinto de Almeida

Óleo sobre tela de Dominguez Alvarez

• ATRIUM DA IMPRENSA (R. da Horta Seca, 20): exposicão de aguarelas de José de Azevedo, até 28 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 20.

• GALERIA DE S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): exposição de trabalhos de António Araújo, até 30 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.

• ESPAÇO POLIGRUPO (R. Ivens, 14): exposição individual de aguarelas de Luisa Correia Pereira intitulada «Miríade». Até ao final de Abril, todos os dias úteis das 9 às 20, sábados das 9 às 14.

• PEQUENO FORMATO (R. do teixeira, 25 r/c): «Expresso do Norte», uma exposição de moderna Pintura da Galiza e Norte de Portugal, com trabalhos de Álvaro César Machado, António Melo, António Mouzo, António Olaio, Juan Martin de La Colina, Miguel D ´Alte, Nuno Santacruz, Pedro Maia, Seara e Soles. De segunda a sexta das 14,30 às 20, sábados das 15 às 19.

• PALÁCIO DAS GALVEIAS (Campo Pequeno): Colectiva de Fotografia Artística promovida pela Associação Portuguesa de Arte Fotográfica. Trabalhos de 23 fotógrafos, patentes todos os dias úteis das 10 às 13 e das 15 às 19, sábado dia 11 no mesmo horário.

• ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): Exposição retrospectiva da Pintura de Mário Botas, até 20 de Abril das 10 às 19 de segunda a sexta e das 10 às 13 aos sábados.

• BIBLIOTECA NACIONAL: «A Inquisição em Portugal» - exposição bíblio-iconográfica até 30 de Abril, de segunda a sábado das 10 às 17.

• SEDE DO MDM (Av. Duque de Loulé, 111-4º): exposição de Pintura de Maria Antónia Santos, até dia 27. Esta pintora tem o curso superior de Pintura da ESBAL, foi professora na Escola António Arroio e bolseira da Gulbenkian. Tem exposto, colectiva e individualmente, desde 1960, em numerosas cidades do país e do estrangeiro.

• GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23-A): «Bar Atlântico-Pinturas de Carlos Barroco», até final de Abril.

MÚSICA

• SPA (auditório maestro Frederico de Freitas): concerto às 18 horas com Clotilde Rosa (harpa), Carlos Franco (flauta), Lopes e Silva (guitarra) e Manuela de Sá (canto).

• LOUCURAS (Av. Álvares Cabral): Loucuras Tranquilas com Janita Salomé, As Meninas de Lisboa... e uma surpresa.

CINEMA

• CINEMATECA PORTUGUESA: «Francis Ford Coppola em Contexto» com o filme «Finian ´s Rainbow», às 21,30. Às 18,3o, Encontro com o Cinema Português – A Fotografia no Cinema Português, César de Sá – com «Um Homem às Direitas» de Jorge Brum do Canto.

• INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS: às 17 horas, documentários sobre o tema «Architecture Environnement Urbain».

TEATRO

• VILA FRANCA DE XIRA: o «Teatro da Rainha», grupo sediado nas Caldas, apresenta o espectáculo «Quem tem Farelos ?» de Gil Vicente, nas manhãs e tardes até ao próximo dia 10, nos espaços das escolas secundárias do concelho de Vila Franca de Xira. Com encenação, cenografia e figurinos de José Carlos Faria e música tocada ao vivo por Joaquim António Silva, o texto vicentino é interpretado por António Plácido, Isabel Leitão, Isabel Mu~noz Cardoso, José Carlos Faria e José Mora Ramos.

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ALTO DE SÃO JOÃO: Zional**, R. Morais Soares, 56-C; **BAIXA: Oliveira**, R. da Prata, 240 (T. 878415); **CAMPO GRANDE - AVENIDA DO BRASIL: Rainha Santa**, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (T. 765262); **CAMPOLIDE - ÁGUAS LIVRES: Rualto**, Ld.ª, R. Alto do Carvalhão, 5 (T. 651721); **ESTADOS UNIDOS - À CAIXA DE PREVIDÊNCIA 39: Celta**, R. Moura Guedes, 3-B (T. 890621); **MERCÊS DE DEUS: Romana**, R. Visconde Augusto de Melo, 7-A (T. 763800); **RATO: Albano**, R. da Escola Politécnica, 59 (T. 326750); **REGO: Prates & Mora**, R. da Beneficência, 91-93 (T. 773728); **SALDANHA - Avenidas**, Av. da República, 27-A (T. 533688); **TELHEIRAS - QUINTA DE SÃO VICENTE: Quejas**, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 21 (T. 7584144); **VALE DE SANTO ANTÓNIO: Santo António**, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (T. 862330); **CARNAXIDE: H. Amoreiral**, Pt. António Boto, 1 (T. 4104556); **ODIVELAS: Leitão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 980000); **PONTINHA: Pimenta**, Az. dos Bezouros, lote R (T. 991328).

REFORÇO — ALFAMA - SÃO TOMÉ: Ziler, R. de São Tomé, 54-56 (T. 862835); **AVENIDA D. RODRIGO DA CUNHA: Aeroporto**, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (T. 882384); **BENFICA - 2.º CIRCULAR: Benfiluz**, E. de Benfica, 444-A (T. 7141176); **CAIS DO SODRÉ: Central**, R. de São Paulo, 108 (T. 320389); **CALVÁRIO: Monge**, R. dos Lusíadas, 30-32 (T. 636704); **ESTRELA: Marques Freire**, R. de Santo António à Estrela, 96 (T. 665196); **JARDIM DOS ANJOS: Jaime de Matos**, R. Álvaro Coutinho, 8-10; **JARDIM CONSTANTINO: Portugal**, R. Rebelo da Silva, 11-13 (T. 543340); **OLIVAIS SUL: Lemos**, R. Cidade da Beira, lote 19 (T. 331692); **PRAÇA DE LONDRES: Algarve**, Av. de Roma, 7-B (T. 801478); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SALDANHA - HOTEL SHERATON: Oliveira Viegas**, R. Viriato, 29-29-A (T. 548968); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **OLIVAIS BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Almeida Araújo**, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Silva Inácio**, R. Gomes Teixeira, 45 (T. 2071862). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Moura Carneiro**, P. General Humberto Delgado, 16-C (T. 2243720). Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: Diogo**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2430100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Rosaio Pinto**, P. do Bocage, 98 (T. 22484). Permanente; **Nova**, R. General Gomes Freire (T. 22052). Permanente; **Alice**, P. do Quebedo, 6 (T. 23743). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 2101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João**, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2682186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imanil**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Carmele, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 4933303). Permanente; **Dias & Brito**, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 4940118). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ: Serra & Pinto**, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 4377619). Até às 22 horas; **CAMARATE: Fátima, Fetais**. Até às 19 horas; **CACÉM: Guerra Rico**, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 9244002). Permanente; **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato**, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, L. Afonso de Albuquerque, 24 (T. 2930058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

TEATROS

Comuna — Sala 2

P. Espanha (Telef. 7260818)
De 3.ª a sáb., às 21.30, e domingos, às 17 h.
«VICTOR OU AS CRIANÇAS NO PODER» de Roger Vitrac, Enc. de João Mota.

CAFÉ-TEATRO

Sextas e Sábados, às 24 h **«FARSA VOCÊ MESMO»** — um espectáculo de café-teatro — coordenação geral de Carlos Paulo e João Mota.

Oficina do Grotesco

R. da Palma, 268
5.ª, 6.ª e sábado, às 21.00; domingo, às 17.00

«MINHA MÃE E SUAS QUATRO FILHAS». Escrito e interpretado por Maria Morais.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, às 16.00

«A MULHER DO CAMPO», de William Wycherley. Pelo Teatro da Cornucópia. Música de José Mário Branco.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«ESCRITA EM DIA». Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«CÁ ESTÃO ELES», texto de César de Oliveira e Varela Silva.

Teatro Nacional D. Maria II

Pç. D. Pedro IV — Tel. 32 22 10
De terça a sáb., às 21.30; domingos, às 16.00
«ANATOL», de Arthur Schnizler. Enc. Ricardo Pais. Cen./fig. de António Lagarto. Música de António Emiliano.

Porto — Teatro Campo Alegre

R. Campo Alegre, 627 — Tel. 38 21 31
De 3.ª a domingo, às 21.45; domingo, às 16.00

«O MOTIM», de Miguel Franco; pelo Seiva Trupe. Encenação de Norberto Barroca. Intérpretes: António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha e Lourdes Rodrigues.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550

Quintas, sextas e sábados, às 20.30 e 23.00; domingos, terças e quartas, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Intérpretes: Carlos Miguel, Camacho Costa, Helena Isabel, Henrique Viana, Mariema, Paulo César, etc.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 Tel. 29130
De 5.ª a domg., às 21.30

«ATÉ AMANHÃ», Sobre textos de Jaime Salazar Sampaio. Pelo TASS. Enc. de João Manuel.

Sociedade Guilherme Cossoul

Av. D. Carlos, 61, 1.º — Tel. 66 59 06
Sábados e domingos, às 16.00

«MORTE NO BAIRRO», de Alfonso Sastre. Versão e encenação de Hermínio Fernandes. Interpretação do Grupo da Sociedade Guilherme Cossoul.

TEATRO ABERTO

P. de Espanha — Tel. 77 09 69
4.ªs e 5.ªs, às 21.30; domingos, às 16.00 e 21.30

«O JARDIM DAS CEREJEIRAS», de Tchekov. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cenografia de José Manuel Castanheira.

Teatro da Academia Almadense

R. Capitão Leitão, 64 — Tel. 275 21 75
Dias 9 e 10

«RÉUS E JUÍZES». Pela Companhia de Teatro de Almada. Representações especialmente para jovens do ensino secundário.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09
3.ªs, 4.ªs e 5.ªs, às 19.00; 6.ªs e sábados, às 21.30; domingos, às 16.00

«SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?», de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe.

Teatro Maizum

R. Santiago, 19, Alfama — Tel. 86 55 03
Na sala do IFICT
2.ª, 3.ª e 4.ª, às 19.00; 5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30.

«UM JIPE EM SEGUNDA MÃO», de Fernando DaCosta. Encenação de Adolfo Gutkin. Cenografia de José M. Castanheira.

Porto — Tearto

R. do Heroísmo, 86 — Tel. 57 32 65
5.ª e 6.ª, às 21.30; sábado e domingo, às 16.00 e 21.30

«MÉROPE — LIBERDADE OU MORTE». Pelo TEAR. Encenação de Castro Guedes.

Cascais — TEC — Espaço 2

Av. Marechal Carmona, 6-B — Tel. 286 79 33
De 2.ª a 4.ª, às 18.00; 5.ª e 6.ª, às 18.00 e 21.30; sábado e domingo, às 16.00 e 21.30

«ATO DA ÍNDIA E D'OUTRAS ANDANÇAS», de Guilherme Filipe, com base em Gil Vicente.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31
De 3.ª a sábado, às 18.30; domingo, às 17.00

«O PRANTO DE MARIA PARDA» e **«QUEM TEM FARELOS?»**, de Gil Vicente. Encenação de Blanco Xil. Cenários e figurinos de António Filipe.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37
Todas as noites, às 21.30, domingos e feriados, às 16.00

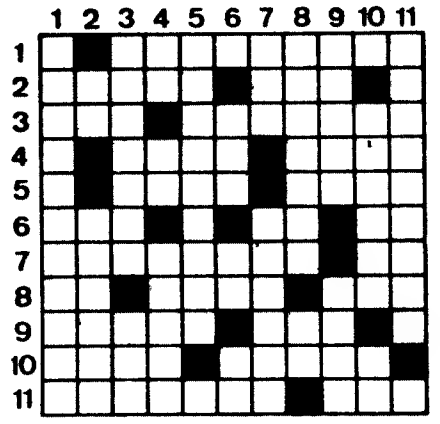
«AQUI HÁ FANTASMAS», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17 004

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Raptara.
2 Louco. Ânio.
3 Direcção. Compartimento onde se preparam os alimentos.
4 Apelido. Sonr.
5 Nas mitologias grega e romana, deus dos vetos, filho de Júpiter e da ninfa Menalipo. Tosta.
6 Figura que simboliza o povo americano. Primeira das três palavras que formam a voz onomatopaica imitativa de choro ou riso. Senhor.
7 Magnetizares. Nesse lugar.
8 Compaixão. Lavrar. Ilha do Estado da Baía.
9 Carro ligeiro, de duas rodas, usado na África do Norte. Rio da Rússia.
10 Oferecera. Vendera a crédito.
11 Doutrina (pl). Cidade do Sul da Nigéria.



VERTICAIS:

1 Infortúnio.
2 Interjeição do Brasil. Nome dado a várias colectâneas líricas de Ronsard, publicadas entre 1552 - 1578.
3 Coroa. Heroína francesa que foi queimada viva.
4 Espera deferimento. Satélite de Júpiter. Rio de Portugal.
5 Calcara bem.
6 Sufixo que designa abundância. Batráquio. Nota musical.
7 Executa. Homens ilustres por feitos guerreiros de grande coragem.
8 Procurais reproduzir o que outrém fez. Quiloampere (abrev).
9 Povo da Ásia. O mesmo que mãe-d'água.
10 Rei de Marrocos, em 1961. Entre os Sírios, o último mês de Verão.
11 Desceriam na água (os hidroaviões).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 003

HORIZONTAIS:

1 Finlândia. A.
2 Orão. Airoso.
3 Rim. Cave. Or.
4 Taprobana.
5 Urubu. Secos.
6 Nal. Rã. Ou.
7 Acabar. Ra.
8 Acrescer.
9 Eon. Air. Elo.
10 Adão. Gás.
11 Postos. Casa.

VERTICAIS:

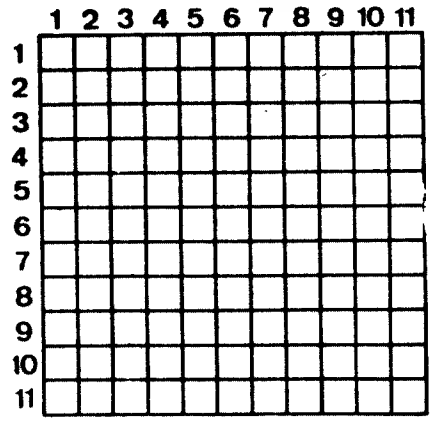
1 FORTUNA. É.
2 Iriara. Polo.
3 Nampula.
4 Lo. Rb. Ca. At.
5 Couraçado.
6 Naab. Abrias.
7 Divãs. Aero.
8 Irene. Rs.
9 Ao. Aço. CEGA.
10 Só. Ourelas.
11 Aoros. Arosa.

PROVÉRBIO: A fortuna é cega.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 833

HORIZONTAIS:

1 Nome de um adivinho do Egipto. Supremo sacerdote, entre os japoneses (ant).
2 Czar da Rússia, cognominado «O Terrível». O mesmo que mamaduras.
3 Cabo da costa da ilha da Madeira, no concelho de Câmara de Lobos. Interjeição de dor. Nosso Senhor.
4 Sufixo que designa abundância. Rénio (s.q). Freguesia do concelho de Castelo Branco.
5 Conjunção. Decímetro. Espera deferimento.
6 Viração. Batráquio anuro.
7 Terminaras.
8 Letra do alfabeto árabe. Homem alto e robusto.
9 Prefixo de negação. Altar cristão. Prefixo de negação.
10 Brisa. Açúcar que não coalhou bem (Bras).



11 Rio de Portugal. Sugam o leite materno.

VERTICAIS:

1 Osso malar. Última imperatriz da Áustria, e rainha da Hungria.
2 Preveniriam.
3 De preços altos. Nome de letra.
4 Divisão de uma casa.
5 Açaimaram.
6 Apelido. Estorvara.
7 Mulo. Pequena barra de oiro que serve de moeda entre os japoneses.
8 Cavaleiro da milícia turca. Sacode.
9 Preposição latina que designa movimento. Urdem.
10 Antiga moeda de Veneza. Preposição e artigo.
11 Grande porção de ossos (pl). Um dos pontos cardeais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15 832

HORIZONTAIS:

1 Massais. Mae.
2 Aliasses. Cl.
3 Ruminaremos.
4 Sia. Oramos.
5 Or. Os. Fé. Ta!
6 Sãos. Piaram.
7 Mito. Mr. Re.
8 Ri. Amam.
9 Atoaríamos.
10 Tas. Obi.
11 El. Trancoso.

VERTICAIS:

1 Marsos. Mate.
2 Aluíram. Tal.
3 Sima. Oiros.
4 Sai. Óstia.
5 Asnos. Ror.
6 Isar. Siba.
7 Serafim. Ain.
8 Semearam.
9 Mo. Moio.
10 Acostaras.
11 Eis. Amén. Io.

Rádio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.30: Panorama, da obra de Bernstein; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Correspondências; **17.40**: Efeméride musical; **18.00**: Orquestras; **18.40**: Música instrumental; **19.00**: Integrais; **19.26**: Música; **19.45**: 13.º episódio, do folhetim «Os Avieiros», de Alves Redol; **20.05**: Música; **20.40**: Música, para dois violinos; **21.00**: Histórias de música e outras; **21.30**: Orquestras de câmara; **22.00**: Música vocal comentada; **23.45**: Concerto sinfónico; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**:Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrisson Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Cantar português; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

Canal 2-Rde Nacional de FM Estéreo

TELEVISÃO

RTP 1

17.32 - Brinca, Brincando
«O Cão Vagabundo»

18.00 - Sumário
18.15 - Santa Teresa de Avila
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas

64º Episódio: - Marta acalma Mário e conta-lhe que o camião que Alberto conduzia transportava uma carga falsa e que a verdadeira encomenda está pronta para seguir e que será ele a leva-la ao cliente. Isabel vai a casa de João e conta-lhe pormenores do seu trabalho sobre o contrabando e comenta o facto de o nome da firma Rebelo & Filhos estar envolvido no assunto. Helena é informada pelo telefone de que desapareceu um dos camiões da firma, o que a deixa radiante a pensar já na forma como responsabilizar Marta. Luis sente-se triste com todos os problemas que estão a acontecer entre ele e a mulher, pois ainda a ama. Daniel tenta animá-lo e aconselha-o a falar com o cunhado e a convencê-lo a pôr Helena na direcção da firma e a repensar a posição de João que se tornou um ponto de discórdia entre o casal.

20.55 - ALF - Uma Coisa do Outro Mundo

7º Episódio: - Brian está a fazer sete anos e Alf ao lembrar-se do seu último aniversário em Melmac fica muito triste, pois fora nesse mesmo dia que o seu planeta fora destruido.

Fora também essa a última vez que Alf vira Rhonda - o grande amor da sua vida.

Alf pensa nos seus velhos amigos - e em Rhonda. Willie, ao vê-lo tão aborrecido, procura arranjar-lhe companhia através das ondas da rádio...

Realizador: Tom Patchett e Peter Bonerz

21.20 - Telemundo
22.50 - Pedro o Grande

2º Episódio: - A natureza russa, a Igreja e a própria família real dividida conseguem alcançar uma solução de compromisso para evitar conflitos: Ivan e Pedro reinarão em conjunto e a regência é atribuida a Sofia que mais tarde chama para com ela exercer o poder o seu amante, o principe Vasily Golitsyn.

Entretanto a adolescência de Pedro vai decorrendo, em regra fora de Moscovo, com a sua energia a virar-se muito menos para a educação formal do que para a navegação e para a organização de verdadeiras manobras militares em que os exércitos são formados por jovens da sua idade.

Produção e realização de Marvin J. Chomsky

23.25 - 24 Horas
23.55 - Remate

«O Tempo e o Vento» no 2º canal às 21,35

RTP 2

15.00 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.05 - 5ª Dimensão

125º Episódio: - Chris e Ruth Miller acordam a meio da noite com os gritos da sua filha Tina, uma menina de seis anos. Chris vai procurá-la mas não a consegue encontrar, embora continue a ouvir os seus gritos. Mack, o cão da casa, foge para baixo da cama de Tina e também desaparece. Um vizinho entra em casa dos Millers e diz-lhe que talvez Tina e Mack tenham caído numa misteriosa abertura para uma outra dimensão...

«África», uma série apresentada por Basil Davidson, no 2º às 22,20

20.30 - Uma Família às Direitas

101º Episódio: - Archie é avisada pela médica de que tem de emagrecer e toda a familia decide iniciar também uma dieta saudável.

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - O Tempo e o Vento

Mini-série baseada na triologia homónima de Erico Veríssimo e produzida pela TV Globo que durante 12 semanas tem encontro marcado na RTP-2 com os telespectadores.

22.20 - Africa

Basil Davidson é um dos mais distintos historiadores de África. Nesta série, por ele apresentada com a ajuda de muitos proeminentes africanos, são revelados a riqueza e os dramas da história africana.

AMANHÃ

RTP-1

17.32 - Brinca Brincando
18.00 - Sumário
18.05 - Santa Teresa de Ávila
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas
20.55 - Pedro o Grande
22.25 - Especial, Fernando Pereira
23.15 - 24 Horas
23.45 - Remate
23.55 - Pela Noite Dentro

RTP-2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.15 - Nino Show
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.55 - Montra de Livros
22. 00 - Trofeu
23.3 0 - Goya

AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 Pedro o Grande

RTP 2 Montra de Livros

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Brito de [illegible] 17
Cx.ª Postal n.º 1495 LISBOA
Telef. 41975/6

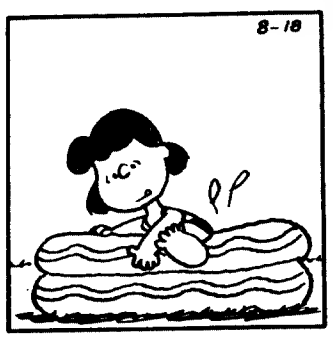
«Santa Teresa D'Ávila»

PORTE PAGO

DL

Fundador Joaquim Manso Director A. Ruella Ramos Director adjunto Fernando Pitteira Santos

DEPÓSITO LEGAL: 142/82



ÚLTIMA HORA

Os inventores portugueses que participaram no Salão Mundial de Inventores de Genebra ganharam uma medalha de ouro e duas de prata. O galardão de ouro foi obtido por um inventor de Coimbra, Vítor Lobo, por ter apresentado um aparelho que permite medir coeficientes de difusão da massa com rigor mas com simplicidade. As medalhas de prata foram obtidas por um dispositivo electrónico de segurança para automóveis e por uma estrutura de parqueamento de viaturas automóveis na vertical.

Letria promete sindicato sem querelas partidárias

O novo presidente do Sindicato dos Jornalistas afirmou ontem, no acto da sua tomada de posse, que aquela organização de classe «não é nem será de nenhum partido», comprometendo-se, por outro lado, a dialogar abertamente sobre os problemas.

No seu discurso de posse, Joaquim Letria focou ainda a necessidade de unidade dos jornalistas portugueses alegando que «à fernte do sindicato está uma equipa adulta que acha que os jornalistas podem vencer mais e melhor».

À cerimónia de posse assistiram dezenas de profissionais, de representantes da Comissão Parlamentar de Comunicação Social, dos Conselhos de Comunicação Social e de Imprensa, de direcções de jornais, de associações patronais e sindicais do sector, das centrais sindicais, da Casa da Imprensa e do presidente cessante da Asembleia Geral.

Com Joaquim Letria foram ainda empossados Emídio Rangel, como presidente da Assembleia Geral, e Figueiredo Filipe, no cargo de presidente do Conselho Técnico e de Deontologia.

O compromisso de Joaquim Letria, nas palavras que proferiu, foi largado ainda à melhoria das condições de vida dos jornalistas e do exercício da profissão e ao estabelecimento de um programa de formação profissional «que promova a necessária actualização de todos os jornalistas portugueses face às questões que a especialização progressiva impõe e a que as novas tecnologias obrigam».

«Comprometo-me a recorrer a todas as iniciativas que possam aumentar todas as formas de participação dos jornalistas portugueses em actividades que contribuam para recriar e consolidar um desejável e saudável espírito de classe», acrescentou.

Por sua vez, o presidente cessante, José Pedro Castanheira, salientou que com esta escolha, foi interrompido um ciclo de quatro anos da vida do sindicato em que «o valor que os corpos gerentes mais se esforçaram por respeitar e cultivar foi o da independência».

E, do seu ponto de vista, os frutos dessa política estão à vista, dado que foi possível a alternância.

José Pedro Castanheira salientaria ainda que «o Sindicato dos Jornalistas portugueses é o que apresenta uma taxa de sindicalizados mais elevada, sendo o único sindicato do mundo que reúne filiados de todos os partidos».

Entretanto, a nova direcção do Sindicato dos Jornalistas assinou ontem, com o Conselho de Administração da RDP, duas horas depois de tomar posse, um protocolo de acordo de aumento salarial para os mais de cem jornalistas daquela empresa pública.

O protocolo siginifica um aumento médio de 12 por cento nos vencimentos base dos profissionais da «Antena Um», do «Programa Dois», da Rádio Comercial e dos serviços de «onda curta». Os retroactivos devidos têm 1 de Janeiro como ponto de referência.

Prémio BIAL distingue duas médicas

O Prémio Bial de Medicina Clínica, no valor de 1 milhão de escudos, foi atribuído a uma médica do Centro de Saúde da Maia, arredores do Porto, divulgou o laboratório.

Maria Francisca Soutelo Soeiro de Carvalho, 33 anos, apresentou a concurso um trabalho sobre «Velhas doenças, causas novas» que se ocupa dos factores que condicionam a saúde e dão origem a doenças.

O trabalho será publicado pelos Laboratórios Bial, do Porto, numa edição de 15 000 exemplares, a distribuir gratuitamente à classe médica portuguesa.

O juri, constituído por professores universitários das escolas médicas portuguesas, atribuiu também o segundo prémio, no valor de 400 000 escudos, a uma médica do Porto, Ana Maria de Oliveira Branco, 28 anos.

Esta concorrente elaborou um estudo sobre «Equilíbrio hidroelectrolítico», do qual os promotores do concurso vão também fazer uma edição de 15 000 exemplares para distribuição gratuita.

BREVES

AGOSTINHO CASAROLI, cardeal e secretário de Estado do papa João Paulo II, chega a Lisboa dia 24 para participar, no dia 27, em Fátima, na cerimónia da sagração episcopal de monsenhor Alberto Tricarico. O cardeal Casaroli será o bispo consagrante da cerimónia, que terá como bispos co-cansagrantes D. Manuel de Almeida Trindade, bispo de Aveiro e presidente da conferência Episcopal Portuguesa e monsenhor Aldo Garzia, bispo de Gallipoli.

BEATRIZ COSTA é uma amiga fidelíssima do «DL». Entre as muitas pessoas que endereçaram cumprimentos pelo aniversário, pontual e gentil, destacou-se, uma vez mais, a talentosa e popular actriz. «Que o dia 7 seja um dia de festa e alegria...» — desejou-nos Beatriz Costa. Que sejam de festa e de alegria os dias de Beatriz Costa —, é o nosso voto. Voto que é extensivo a quantos nos saudaram: amigos, leitores, colegas.

AGA KHAN, chefe espiritual (Imam) dos muçulmanos, chega hoje a Portugal, onde ficará até ao próximo dia 12, a convite do Governo português. Durante a sua estadia encontrar-se-á com os membros da comunidade ismailita. Durante a sua visita Aga Khan encontar-se-á com o Presidente Mário Soares, com o primeiro ministro Cavaco Silva, com o ministro de Estado Eurico de Melo e ainda com outras individualidades governamentais e públicas. No programa consta uma visita à Escola Nacional de Saúde Pública, organismo onde a Fundação Aga Khan (Portugal) está actualmente a subsidiar um programa de aplicação da informática aos cuidados básicos de saúde.

CHARLES PASQUA, ministro francês do Interior, e o seu homólogo alemão federal, Friederich Zimmerman, assinaram ontem em Paris um acordo de cooperação policial entre os seus países. Pasqua declarou que, apesar dos «excelentes contactos» que existem entre as forças da ordem da França e da República da Alemanha Federal, o acordo é fundamental para a «busca da eficácia na luta contra o terrorismo».

JOSE SARNEY solicitou autorização ao Congresso Nacional brasileiro para visitar Angola, a Índia e a China, entre 8 e 19 de Maio. A visita a Angola, que anteriormente previa apenas uma escala técnica, durará 36 horas e é vista como consequência da prioridade concedida pelo governo brasileiro às relações com o continente africano, especialmente os países de língua oficial portuguesa.

ACÁCIO DA SILVA ocupa o segundo lugar da classificação geral da Volta ao país Basco, em bicicleta, depois de terminar a terceira etapa em segundo lugar, a oito segundos do vencedor, Martin Early, líder da prova e compatriota do irlandês Sean Kelly (terceiro lugar na etapa e na geral), chefe-de-fila do ciclista português.

Ensino especial mal pago

Representantes do Ensino Especial Particular acusam o Governo de estar a procurar «desmantelar» este tipo de ensino, devido aos reduzidos aumentos fixados para os professores.

A acusação consta de uma «carta aberta ao Governo» — a que a Lusa teve acesso — subscrita por representantes de 20 dos 27 colégios deste tipo existentes.

Os professores contestam que a Portaria que fixa os seus salários tenha determinado aumentos de apenas 7,9 por cento, quando os outros professores do ensino particular terão um acréscimo de vencimento de 14 por cento.

«Esta situação não é nova» — esclarecem os professores, lembrando que, desde há alguns anos, o Governo lhes estipula vencimentos inferiores aos dos restantes colegas do ensino particular.

Segundo o documento, esta diferença salarial «leva à inviabilização destes colégios, dado que os responsáveis dos mesmos se recusam a deixar degradar a qualidade de atendimento e apoio aos seus alunos».

Centro histórico de Aveiro considerado área crítica

A zona do centro histórico de Aveiro foi declarada área crítica de recuperação e reconversão urbanística pelo Governo, segundo um decreto hoje publicado no «Diário da República».

Segundo o diploma, impõe-se que «que se tomem medidas que permitam recuperar muitos prédios nela existentes, em adiantado estado de degradação, bem como dotá-la das respectivas estruturas urbanísticas necessárias».

Deste modo, a Câmara Municipal de Aveiro fica habilitada a «uma intervenção expedita» visando «promover as acções e o processo de recuperação e reconversão urbanística».

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

N.º 298

Clip

Prémios Pen Clube 1986

«Um Amor Feliz», de David Mourão-Ferreira, «Lira de Líquen», de Nuno Júdice, «A Palavra do Romance», de Maria Alzira Seixo e a tradução de «Morte a Crédito» (Céline), por Luísa Neto Jorge, são os premiados do **Pen Clube** para 1986 respectivamente em narrativa, poesia, ensaio e tradução, soube-se na terça-feira.

Dias de Melo na Vega

Mar Pela Proa, de Dias de Melo (uma continuação de **Pedras Negras**), reeditado pela Vega, foi ontem ao fim da tarde apresentado à Imprensa n Livraria Barata. O livro do escritor açoriano, colaborador do «Diário de Lisboa», foi comentado pelo jornalista Fernando Assis Pacheco. A memória dos baleeiros, a caracterização do mundo ilhéu e da sua população são os temas dominantes de Dias de Melo, em **Mar Pela Proa.**

Nos prelos da Dom Quixote

Eis como se apresenta o mês de Abril para a Dom Quixote: dentro de dias sai na Colecção Autores de Língua Portuguesa a segunda edição revista de **O Meu Mundo Não é Deste Reino**, de João de Melo, que o próprio autor descreveu, numa entrevista, do seguinte modo: «É a reconstituição de 500 anos da história dos Açores, desde o povoamento à actualidade». Protagonistas desta saga colectiva são os habitantes da freguesia açoriana de Nossa Senhora do Rosário da Achadinha.

A seguir, em homenagem a Stuart de Carvalhais, cujo centenário se celebra este mês em Vila Real, sairá um álbum especial, **Crónicas de um Stuart**, simultaneamente biográfico e antológico. Diz Osvaldo de Sousa no prefácio: «Escrever a biografia de um homem como Stuart é uma tarefa difícil, não só porque a sua obra é já uma referência mítica no conjunto da arte portuguesa, mas também porque a sua vida constitui uma autêntica lenda».

Stuart dedicou aos jornais — e entre eles, ao «Diário de Lisboa» — 54 anos da sua vida, criando para impressão, para a grande tiragem, e à pressa, milhares de desenhos muito dos quais são obras-primas que resistem ao tempo.

Também o CAM da Gulbenkian assinalará o centenário com uma retrospectiva antológica em Julho.

De Marguerite Yourcenar, o **Golpe de Misericórdia**, que a editora começou por publicar na Colecção Ficção Universal, surgirá este mês em formato de bolso, onde já tinham saído os **Contos Orientais**.

Na Colecção Viragem sai, traduzido por Tereza Coelho, **O Pós-Modernismo Explicado às Crianças**, de Jean François Lyotard. O título ironiza a respeito da polémica que se estabeleceu desde há anos em torno da noção de «pós-modernidade», sobre a qual homens como Eco já disseram que, de tão generalizada, passou a designar «tudo o que se quiser». Originalmente tratou-se de apontar uma ruptura estética, da arquitectura à literatura e às artes plásticas, mas o termo acabou por se expandir para caracterizar atitudes filosóficas, comportamentais, políticas. O texto de Lyotard constituiu um momento influente nessa polémica.

Outros dois títulos da Dom Quixote para este mês: **Das Terras do Império Vátua às Praças da República Boer** inaugura a colecção Memória Portuguesa. Diocleciano Fernandes das Neves é o autor aqui estudado, apresentado e comentado por Ilídio Rocha, sobretudo através de um texto que atravessa todo o livro, **Itinerário de uma Viagem à Caça dos Elefantes**. Diocleciano, amigo de Muzila e Gungunhana, diplomata, caçador, viajante, escritor, teve honras militares dos dois régulos na hora do enterro. Na Biblioteca de Economia e Gestão, sai **A Política Agrícola Comum e a Agricultura Portuguesa**, de Santos Varela.

Mas a surpresa do mês é a edição de **O Velho Gringo**, de Carlos Fuentes, na Ficção Universal. Trata-se da história do escritor americano Ambroise Bierce, que em 1913, velho e cansado, partiu par o México para morrr: «Ser gringo no México é de facto uma eutanásia», diz ele na sua última carta. E de facto, depois de entrar no país nada mais se soube dele. «O resto é ficção», diz Fuentes.

...E nos da Relógio d'Água

Também a Relógio d'Água está em «época forte»: depois do lançamento, em fins de Março, de **O Chinês da Dor,** de Peter Handke, sai dentro de dias na mesma colecção Ficções **Depois do Banquete,** de Yukio Mishima. Aqui, Mishima parte de um acontecimento real (como acontece frequentemente na sua obra) para desenvolver o personagem de uma mulher, Kazu, que se julga «invulverável a todos os perigos do amor» mas acaba apaixonando-sepor um velho político com quem atravessa um período eleitoral. Um político japonês que se julgou visado pelo autor chegou a mover-lhe um processo devido a este livro.

Ainda em Abril, mas na sua colecção **Universos Mágicos,** sairá de Selma Lagerloff aquele que é talvez o mais belo dos livros: **A Viagem Maravilhosa de Nils Holgersson através da Suécia,** em tradução de Maria de Castro Oswald e ilustrado por Ester Rego. Aqueles que o conheceram em criança ou em adolescentes sabem que se trata de um desses livros que se vão comprando sucessivamente ao longo de toda a vida, para o reler ou para o oferecer.

Ao mesmo tempo, a Relógio d'Água cria uma colecção de Filosofia que se inaugura da melhor maneira, com o **Foucault como o Imagino,** de Maurice Blanchot, prefaciado por Eduardo Prado Coelho. O segundo livro da colecção será **Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações,** de José Gil, que ér dado à estampa quase simultaneamente em França.

Para Maio e Junho, a editora tem programados **Ferreiros e Alquimistas,** de Mircea Eliade, **Paisagens Depois da Batalha,** de Juan Goytisolo, **Senilidade,** de Svevo e a reedição de **Tempo e Poesia,** de Eduardo Lourenço. Mais tarde, Patricia Highsmith e o seu único ensaio sobre o **Suspense,** a propósito do qual o Ler/Escrever publicou, há três semanas, uma longa entrevista com a autora, realizada por uma jornalista do **Le Monde.**

O Chinês da Dor

de Peter Handke

De Peter Handke, um dos mais importantes narradores europeus contemporâneos, acaba a Relógio d'Água de publicar **O Chinês da Dor.** É o terceiro livro de Handke traduzido em português — os primeiros foram **A mulher canhota** e **Uma Breve Carta Para Um Imenso Adeus,** na Difel. Aqui apresentamos as primeiras páginas do livro, na tradução de Maria Adélia Silva Melo.

Fecha os olhos e do negro das letras formam-se as luzes da cidade. Não são as luzes do centro da cidade, mas os lampiões brilhantes de uma das muitas novas urbanizações da orla sul. A urbanização é constituída por casas individuais de um andar e fica na grande planície, no sopé da Untersberg, que outrora foi uma represa natural e mais tarde se transformou em pântano — ainda há sítios pantanosos e pequenos lagos — e é agora conhecida por «Moos» (!), Leopoldskroner Moos. Os lampiões davam primeiro apenas uma luz fraca, mas depois brilhavam, com uma luz de um branco puro. Pelo contrário, os candeeiros em arco, de betão, que ficavam na periferia oriental da urbanização, no local onde se situava, em forma de curva, a estação terminal da linha de *trolley*, tinham uma luz alaranjada. Entre a curva do *trolley* e a urbanização, corre o canal que vem dos tempos da alta Idade Média e é alimentado pelo Koonigsee--Ache e por um ribeiro da montanha: é o Almkanal, ou só «o Alm». A urbanização situa-se já fora dos limites da cidade (quase à entrada vê-se a placa com a palavra Salzburg, cortada em diagonal) e chama-se «Urbanização dos Carvalhos». Ali, todas as ruas têm nomes de árvores: Rua dos Choupos, Rua dos Salgueiros, Rua das Faias, Rua dos Pinheiros. Só o caminho que vem do pântano ocidental, quase desabitado, continuou a ser o «Caminho do Lagar». Correspondem-lhe, dentro da urbanização, as cabanas de turfa de camponeses, muito antigas e agora em decadência ou usadas para outros fins.

Um *trolley* faz a curva na estação terminal, um carro comprido com uma articulação a meio. Saem várias pessoas, crianças da escola, pessoas da terra, estrangeiros (estes vivem nas poucas casas de madeira); todos têm pressa; só as crianças é que se demoram. As pessoas movimentam-se em grupo por cima da pequena ponte sobre o canal, seguidas por alguns jovens montados nas bicicletas que deixam durante o dia na estação. Entram em conjunto na urbanização. E esta, até aí quase sem pessoas, parece de repente povoada. Os cães correm ladrando para os portões. A cabine telefónica, à entrada da urbanização, até há pouco vazia e tristemente clara, escurece-se com pessoas que a vão utilizar e com pessoas que ficam à espera-lá fora.

Ainda não é noite. Como sempre na zona da cidade, as luzes acendem-se muito cedo. Na linha do horizonte, entre a Untersberg e o outeiro, a ocidente, ainda se vêem tiras cor-de--laranja. Por trás da Untersberg, que de resto já está escura, brilham os picos dos rochedos em forma de pirâmide, semelhantes a velas. Por sobre o vale cavado pelo glaciar, corre, em descida, o último funicular. O outeiro, mais longe, para lá da fronteira alemã, está azul-escuro; luminosas ainda, apenas as pregas de calcário na zona cimeira; no cume, o cintilar de uma cabana de montanha. Há lá, na realidade, dois cumes: o outeiro «grande» e o outeiro «pequeno», que, vistos de alguns quilómetros mais a norte, a partir da cidade de Salzburg, revelam nítida diferença. Mas aqui, no «Moos», um dos montes fica precisamente em frente do outro, e os dois formam uma pirâmide uniforme que se eleva livremente num grande círculo. A Gaisberg eleva-se também de forma semelhante, mas isolada, a oriente. Só que forma uma circunferência coberta de árvores, em vez de ser uma pirâmide nua, e, no cimo, em vez de bico, forma uma planura. A primeira estrela corresponde aqui à luz da cabana de montanha. No sopé da Gaisberg, já depois de se passar da terra estéril do pântano para a terra lamacenta que é mais fértil, corre o Salzach, na escuridão. Aí, na margem do rio, perto do cimo de um rochedo, que se chama «Urstein», veio uma vez ter comigo um homem que, lançando um olhar para o rochedo levemente saliente e para as cavernas calcinadas, me disse: «O mundo é velho, não é verdade, Sr. Loser?»

Com a luz daquele momento, fez-se calma. O vazio acolhedor de que tanto preciso, espalhou-se. Foi como que um esclarecimento, ou, se existisse esta palavra um «primo-balbuciar». A peça já não precisa da mão que a apoia. Na realidade não era calor, mas brilho; não se espalhou, antes cresceu em vaga; não era um vazio, mas um ser-vazio; menos o meu ser-vazio pessoal do que uma forma do vazio. E a forma do vazio tinha um nome: narrativa. Mas também impunha que nada acontecesse. Quando a narrativa começou, perdeu-se a minha pista: confusão de vestígios. O vazio não era nenhum segredo; na verdade ficou um segredo, que de vez em quando ordenava que se tornasse eficaz. Era tão dominador como apaziguador e a calma que tinha significava: eu não tenho de me exprimir. Tudo (todos os corpos) se retirou para o seu lugar diante dela. «Vazio!» era o que correspondia ao chamamento da musa logo no princípio da epopeia. Não causava arrepio, mas leveza e exuberância e surgia como uma lei: como é agora, assim será sempre. Na imagem era o vau.

O vazio povoou-se de figuras. Na rua da urbanização que a pouco e pouco escurecia, ia uma rapariguinha com calças azuis à golf precisamente na direcção da última lista amarela do céu. De um caminho transversal saiu uma senhora de certa idade em bicicleta, com uma bilha cheia de leite na mão (nas zonas de turfa há quintas isoladas). Um homem de idade foi da porta de casa ao portão do jardim e voltou para trás, tendo mudado de óculos ao ir e tomado o pulso ao voltar. O vento veio, como habitualmente, do ocidente. Tinha soprado forte pela tarde e agora era apenas uma brisa. As copas das várias árvores colocadas nos jardins umas atrás das outras baloiçavam para cá e para lá, ou então vergavam-se e erguiam-se, de modo que, com o passar do tempo, se ficava com a impressão do movimento regular de um tear ali colocado ou de uma serra. No canto do quarto rolava um novelo de pó, iluminado pelo candeeiro de pé, e no céu ainda brilhava ao sol um rasto esbranquiçado puxado por uma ponta de metal. No leito do canal boiam pedaços de musgo. Uma manada de veados salta o canal de escoamento de um prado de turfa.

Vivo em três assoalhadas na única casa de aluguer da urbanização, mesmo por detrás da ponte sobre o canal. A casa foi construída na década que se seguiu à guerra e só tem dois andares, sem elevador nem varandas. O rés-do-chão tem um supermercado; não há nas redondezas mais nenhuma loja. Quando vim para aqui morar, alguém me contou qual era a resposta que davam de minha casa quando perguntavam a minha nova direcção: «Vive agora na estação terminal da linha cinco, por cima do SPAR». (Esta informação não provinha da minha mulher nem dos meus filhos, mas de uma vizinha.) Os dois quartos ficam de facto no primeiro andar e durante a noite sente-se muitas vezes a trepidação dos frigoríficos. Um dos quartos dá para leste, para o canal e para a linha do *trolley*, por detrás da qual começa imediatamente a floresta de Morzg, que aqui, na zona de planície, é constituída na maior parte por abetos escuros e mata de corte; o outro tem uma janela para ocidente e outra para norte e dela se vê a cidade de Salzburg. Via-se agora o centro da cidade emergindo da planície de musgo como um clarão maior no céu, uma vez que as «montanhas da cidade», como eram chamadas as Festungsber, a Moncheberg e a Rainberg, a encobriam; nos picos, em redor, sinais luminosos para os aviões. Embora a poucos quilómetros de distância, Salzburg parecia ficar muito longe, com a planície pouco povoada e as montanhas da cidade de permeio; e estas surgiam como corcundas quase imperceptíveis, em forma de colinas: era difícil imaginar que eram constituídas, em quase todos os lados, por paredes de rochedos mais ou menos altas, e que quem quer que de lá caísse se precipitava para a morte. Na periferia da cidade velha estacionavam os autocarros dos turistas — longas filas durante o dia —, agora mais raros, e nos lugares que ficavam vazios ouvia-se melhor o sussurrar das fontes. Ainda não há muito todas as fontes da cidade eram alimentadas pela água do Almkanal, que agora só faz andar um ou dois moinhos e de resto serve apenas como ornamento; há planos para o deixarem aberto. As cúpulas das igrejas brilham acobreadas na luz do entardecer.

As fontes só há uns dias é que estão de novo em funcionamento. Durante o inverno ficam tapadas com madeiramentos e, pelas frestas, o olhar pode quando muito alcançar os olhos lavados ou as narinas de um único cavalo de pedra. No entanto, na Residenzplatz, que não está calcetada e tem a cor clara da terra, vê-se de novo completamente a quadriga, com as cabeças erectas ou voltadas para o chão, e aqui na urbanização surgem no fim do inverno as filas de lenha já mirrada fora das casas, no lugar onde, para os finais do outono, há arcadas já cheias de madeira até à abóbada. No meu quarto, que dá para leste, que é o quarto-de-cama, e que antes se chamava sala, há uma estante com várias prateleiras e uma gaveta só para fruta: também esta, no princípio do inverno completamente abarrotada, está agora bastante livre; já não há o aroma de maçã no quarto. O canal lá em baixo vai cheio e ainda mais triste com a água do degelo. Dentro de dias volta o tempo de verão. Mas simultaneamente as árvores ainda não têm folhas. Só os sabugueiros têm rebentos verdes, azuis nas pontas. Além disso, também corresponde ao tempo de inverno o facto de o sol continuar a pôr-se à esquerda do outeiro; a meus olhos, só é verão quando ele passa para a direita: a ponta da pirâmide forma uma espécie de marco do tempo ou de menhir.

«DEGELO», de António Júlio Valarinho, Edição Rolim, 1987

E STE é um livro para ler. Tal afirmação inicial não é nem um juízo de valor nem um «slogan» publicitário. Resulta, isso sim, da verificação da natureza escrita, da escrita de que o livro é feito. De facto são os valores de uma escrita que está a fazer-se, que logo sobressaem aos olhos do leitor. Leitor esse que se sente assim responsabilizado no seu próprio acto de leitura. É uma escrita para ler, descobrindo a própria leitura pouco a pouco, página a página ou em tentativas repetidas. Textos que se não entregam ao primeiro contacto, antes acabam por impor ao leitor a necessidade da construçãodo seu próprio sistema de leitura, isto é, de penetração, de entendimento, de relacionamento significativo com a matéria escrita, com os textos, na forma específica em que estão escritos.

É portanto na construção, por tentativas desse sistema de leitura, que se encontrará a primeira proposta, ao mesmo tempo aliciante e difícil, deste livro. Tentemos pois a construção desse sistema, fazendo a primeira pergunta:

— Mas, que escrita é esta?

Sob os nossos olhos desenrolam-se blocos de texto, ora em corpo redondo, ora em itálico, sugerindo diferentes vozes locutoras; surgem aspas que se abrem e fecham, indicando talvez citações (falsas? verdadeiras?) e uma pontuação irregular, com espaços em branco, pontos e vírgulas insólitos, participação de vocábulos, traços, com óbvia intenção de colorir o texto com cambiantes de significação.

Estamos assim perante um texto que é sensível aos seus próprios elementos de construção e, é tomando-o tal como ele é, que devemos continuar a leitura. Para isso tentemos uma recolha dos sinais que essa leitura nos vai fornecendo. Em primeiro lugar recolhemos uma informação dispersa e desencontrada sobre lugares, nomes, épocas, mitos, referências culturais ou sinais pessoais que, ao longo do texto, se vão repetindo e variando de carga emotiva: talvez até de função semântica. São eles, por exemplo e sem qualquer ordenação especial: Breda, Verona, Aguirre, libélula, ítaca, líquen, Ulisses, Avejão, Tróia, sapal, Kilimanjarro, rio, argonauta, arroz, caranguejo, viagem, relógio de seda, caravela, serpente, Arthur, Gama, circe, ilha de Páscoa, Micenas, Creta, sal, minotauro, a muitos outros, destacando-se alguns pela sua frequência como Verona, Breda, Aguirre, libélula, outros pela carga cultural: ítaca, Ulisses, Creta, minotauro, etc...

... mas, não se poderá deixar de notar, desde logo, a importância funcional dos vocábulos viagem, rio, degelo e ilha, este com uma grafia especial, separando as sílabas por um espaço em branco.

A todas estas referências fragmentares, mas insistentes, somos levados a atribuir o valor de símbolos, na acepção de Peirce: sinais cuja relação com o objecto é arbitrária e convencional. De facto a sua função na escrita de Valarinho é ir criando um sistema de referências, ao longo do texto, cujo valor ou significado foi originalmente sentido e/ou determinado pelo autor da escrita, mas que, para o leitor, podem começar por parecer opacos ou vazios, indo a pouco e pouco adquirindo significados momentâneos ou variáveis, ao longo da viagem que a leitura deste livro é.

Outro tanto não acontece com a palavra ilha, com a sua grafia especial. Agora não se trata de um símbolo, mas sim de um ícone, isto é, dum sinal que tem uma relação visual indissolúvel e directa com aquilo que representa. A grafia de i lha, isolando as duas sílabas, é um nítido ícone do estado insular de isolamento e, no texto 7 do poema «No futuro depois do cerco» (pág. 26), assim como em muitos outros textos, encontram-se claras indicaçÕes da natureza lírica desse ícone, representação, textual-visual dum EU, singular mas dividido: i... lha; nte-se até que o autor ao usar o plural ilhas, não realiza esta fractura iconizante, por ela não ser obviamente pertinente. Mas outros sinais se oferecem à leitura, sendo agora a nossa atenção atraída pelas referências, umas directas outras indirectas, a um clima sonoro e musical que envolve todos os textos. São nomes de autores e intérpretes, títulos de composições musicais e até o explícito convite à audição de determinado trecho (como por exemplo na pág. 21). Não é por acaso que o primeiro dos 30 poems da série «DEGELO» (pág. 58) tem por título «ATMOSPHERE». Atmosfera, ambiente, fundo, meio de uma cultura audiovisual que nos envolve e da qual estas referências (em inglês) são os índices e os indícios funcionais dum certo tip de sensibilidade contemporânea, na qual a ilha se encontra e se perde, na qual o indivíduo em viagem se projecta e se dissolve. Desbravados os sinais que se entretecem no texto, pergunte-se agora pelo universo vocabular. Isto é, de que linguagem se constroem os poemas?

Uma simples amostragem, por exemplo no já referido poema «No futuro depois do cerco», encontramos um vocabulário predominantemente do tipo natural: em 75 linhas aparecem 46 (pelo menos) termos diferentes relativos ao mundo natural, vegetal, mineral, animal, geográfico e climatérico.

Mas, atenção, não se trata de imagens, já que, como se diz na pág. 46:

«O temp(l)o dos espelhos obviamente terminou»

Um dos poemas tem mesmo por título «Ser Mineral» e nele se projecta a dificuldade da escrita do EU, num tempo em que a sacralidade perdida das imagens se manifesta numa perplexa viagem entre a serra e o mar, através do rio e do degelo, «entre a integridade e a subjectividade (Como iz Marcuse) espaço de subversão, da experiência e da emergência de outro universo».

Ou, como diz Valarinho:

«mãos a tecer a outra / margem»

Tal linguagem vale evidentemente pelo que é, quer denotativamente ao modo realista quer conotativamente, na tensão subjectiva de entender o mundo, de ler os textos, que, de certo modo, entra em conflito, quer com símbolos fragmentares quer com os índices sonoros e impressionistas que são a estrutura imagética dessacralizada destes textos.

Mas, aí, teremos que pôr em jogo os vários níveis da leitura: a leitura do EU e a leitura do NÓS; a leitura da superfície que apenas na linguagem se reflecte, e a leitura de profundidade que a análise semiótica proporciona; a leitura impressionista e emocional e a leitura dos movimentos subtextuais ou até subliminares que coexistem e projectam o leitor também noutras esferas de entendimento.

Constituído por uma constelação de sinais: símbolos, ícones e índices à maneira de Peirce, o texto colora-se de referências entrecruzadas, desde as da experiência de i lha (de EU) com seu vocabulário natural, até à inevitável construção Poundiana, de montagem e colagem de textos e referências díspares.

Poderemos até distinguir claramente os três níveis de construção poética definidos por EZRA POUND:

a *melopeia* — ou seja o nível sonoro — quer na sonoridade do próprio texto de natureza rítmica e só raramente melódica quer nas referências culturais de ambiente e atmosfera que embebem todo o clima do livro.

a *fanopeia* — ou nível das imagens que, dessacralizadas, fora do tempo e do templo, invadem o texto sob a forma de SINAIS possíveis de entender semioticamente.

a *logopeia* — na especificidade verbal da escrita — dança do intelecto entre as palavras — jogo de ideias e de conceitos — na repetição e recorrência já referidas, sinais simbólicos que invadem todo o texto: Breda, Verona, Aguirre, libélula, rio, viagem, degelo, etc., etc... na sua plurissignificação adquirindo a marca barroca da agudeza, mas também da imperfeição. Imperfeição que o autor invoca várias vezes como valor estrutural da própria escrit, desde o subtítulo do poema «Sombra de Peixe» — teatro do tempo «**imperfeito**» até insistentes qualificações, como no texto-epígrafe (pág. 16):

«amor imperfeito, silêncio
imperfeito, névoa azul
com dois braços dourados
de um caranguejo branco
tempo imperfeito,
rio im
perfeito...»

mas também:

«cidade imperfeita»
«memória imperfeita»

ou na pág. 33

«imperfeita a sombra de um peixe,
deixa outro rasto imperfeito»

referências estas que valem por uma estética da imperfeição que á barroca e polissémica e induzem considerações que nos levam a colocar a terceira questão, nesta procura dum sistema de leitura do livro DEGELO:

— mas afinal que vivência suporta ou é suportada por este texto?

Ou melhor: Que marcas encontramos no texto duma vivência humana?

Conhecemos a atmosfera, a linguagem, as referências, os sinais.

Mas, Quem cria e/ou vive essa atmosfera?

— Quem fala essa linguagem?

— Quem necessita dar essas referências?

— Quem cria esses sinais?

— Quem reconhece e assume essa imperfeição?

tais perguntas, de natureza claramente não literárias e até não poéticas, seriam irrelevantes se esse Quem não aparecesse no texto, como parte estrutural dele. E aparece com a força dum ICOM: a i lha, e com a voz própria ocultada no disfarce do itálico — por exemplo na pág. 47:

"..... sou um
Rio sem margens. Uma i lha no
mar. O abismo é aquela porta à
nossa espera na outra
margem

ou no poema «THE END» (pág. 90)

«neste mar, para ítaca à sombra de
uma recordação, a neve cobrindo
as assas da libélula, afeiçoando-lhe
o rosto à maneira das margaridas.
todo
o silêncio é agora uma noz aberta
rasgada pelo fogo, mortos todos os
seus tripulantes. Estou ainda em
tróia, vou partir, mas não ulisses
;levo comigo a libélula de asas abertas
e sobre o gelo/as águas abrem-nos os
braços com toda a ternura dos deuses
.toda a memória do sal.

Em ambos os textos há um EU que fala/escreve e somos sibilinamente tentados a identificar esse EU com o autor. Tentação que não é necessária, mas que também não constitui um grave erro de leitura, se isso nos ajudar o nosso percurso por dentro do próprio texto.

Autor ou máscara, ou personagem, é mesmo o texto que nos dá um EU em viagem, ou um rio, ou um degelo, desde a serra até ao mar, porta do abismo. (pág. 45):

.molusco ferido, para que
margem se estendem
as tuas mãos?
Ser mineral, proscrito entre
rocha e água, silêncio
cereral, lágrima e sangue de
um rio que perdeu a
sua foz (...) tempo do tempo!
cada dia mais preso
a essa esfera aquática. Sobre
o seu eixo giram os
dias, as estações e o pensamento de uma libélula...

ou, (pág. 58):

«todas as noites... em Verona o degelo
acompanha os nossos sonhos...»

Assim se projecta o trajecto de um EU que como ILHA se concebe e como vivência de degelo e de rio se lança, desde uma originária serra até um mar imenso: fragmentos de memória — memória imperfeita, de rituais e factos, de sinais e indícios, de referências, cuja montagem constitui o único caminho de regresso possível ao poeta: a escrita.

Que a viagem é um paradigma poético — já desde homero o sabemos.

«Parte-se para voltar: volta-se para contar» disse Sampaio Bruno em 1912.

A viagem, que parte duma ilha e regressa à ilha, é a projecção do EU no espaço da deslocação: um espaço outro, de diferença mas também de re-conhecimento.

Projecção essa que adquire, no texto, o valor duma transformação através da qual se transforma também o mundo; isto é, se inventa de novo o mesmo mundo — ESCREVENDO-O.

Escrever: «acto de amor que é viajarmos sempre no precipício do futuro» — (pág. 35).

E.M. de Melo e Castro

Revistas

1.

A revista **Sílex** publicou recentemente o seu número 10. «Revista de Artes e Letras» (designação um tanto convencional, ou apenas despretensiosa), data-se este número de Setembro de 1986. Publicação trimestral, em teoria. Na prática, nem semestral tem sido. O primeiro número foi, salvo erro, em fins de 79 ou princípios de 80. Dez números em seis anos — poderá parecer pouca coisa. Talvez não. Dezenas de revistas destas apareceram nestes últimos anos e os dedos duma só mão sbram para contar as que atingiram tal números mesmo algumas que form lançadas com apoios de organismos ou instituições, como nem é o caso desta. E é importante que se fale de **Sílex** antes que ela deixe, definitivamente, de publicar-se, como parecem prenunciar alguns rumores ou informações, e, desde logo, o facto de, nos últimos anos, o seu reaparecimento estar a ser cada vez mais espacejado e irregular de número para número.

Este número 10 dedica boa parte do seu corpo textual à memória de Raul de Carvalho, ao mesmo tempo que anuncia idêntica atitude (de homenagem) para com outros também recentemente falecidos: Alexandre O'Neil, Nuno de Bragança, José Gomes Ferreira, Jacinto do Prado Coelho. No que haverá alguma coisa de estranho: uma revista que só sai de vez em quando talvez não tenha condições para realizar estes empreendimentos. Adiante.

O certo é que mais de duas dezenas de páginas deste número 10 tanto quanto (ou mais do que) homenagem ao autor de **Poesia Instante** (último livro, publicado no ano passado, e já postumamente), são também um acervo de textos importantes para uma bibliografia passiva de Raul de Carvalho, — e parece desnecessário dizer que tal bibliografia não é assim tão numerosa já que dispense estes contributos.

Avulta um trabalho de António Cândido Franco titulado «Raul de Carvalho ou as Paradoxais Exigências do Amor». O subtítulo é mais significativo na sua aparente modéstia indicativa: «algumas notas para uma iniciação à sua escrita e à sua obra». E textos como os de Albano Martins, Luís Fgundes Duarte, José Vultos Sequeira, Henrique Madeira e José Manuel Capelo têm pelo menos um valor homenageante a que amizade e dedicação dão mais força significativa, ou pelo menos intencional.

E há um inédito de Raul de Carvalho, reproduzido, oferecendo ao leitor a curiosidade de verificar que o poeta de **Mesa da Solidão** dava erros de ortografia (**ter-mos** em vez de **termos**, em «É ter-mos cuidado», e **louvar-mos** em vez de **louvarmos**, em «A quem nos louvarmos».)

Uma curiosidade, repita-se: — Pode muito bem ser que Raul de Carvalho, um tanto caprichosamente, os cometesse de propósito, e, de qualquer modo, tal tipo de erros não se deve sobrevalorizar, ou sequer valorizar, para além da simples anotação.

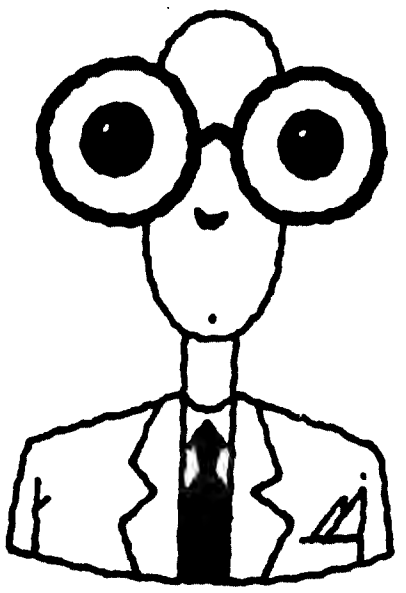
Expliquemo-nos. Aquém e além de que de algum modo se possa dizer que em poesia não há erros de ortografia, — porque tais erros só se podem assinalar num confronto com normas em vigor, e a poesia pode e deve **transgredir** ou desviar em relação a normas (não essas, precisamente, todavia, que tanto, só por si, não produz nenhum efeito especialmente qualificado), os chamados erros de ortografia, mesmo onde possam e devam ser assinalados, estão longe da gravidade que têm os de sintaxe. E estes têm cultivo de privilégio da parte de outros sectores que não propriamente os poetas, como se sabe.

Mas este número 10 de **Sílex** não é só Raul de Carvalho, e do restante corpo textual há pelo menos duas peças que justificam registo: «Achegas para História do Surrealismo na Península Ibérica», de José Francisco Aranda, e principalmente uma entrevista com o poeta (brasileiro) Walmir Ayala.

Na ficha técnica desta «revista de letras e artes» estão os nomes de Artur Lucena, coo director, Henrique Madeira e José Manuel Capelo como subdirectores, e um conselho de leitura: Alexandre O'Neil, António Ramos Rosa e João Rui de Sousa.

2.

Um dos nomes que aparecem a responsabilizar-se por **Silex**, Henrique Madeira, vamos encontrá-lo noutra revista, **Peregrinação**, esta agora «de artes e letras da diáspora portuguesa», juntamente com Dina Espada e Daniel



Lacerda, como coordenadores, Fernando Morais como secretário e José David Rosa, como director.

Parecerá tontaria com o seu quê de homenageante estar a citar nomes, mas a verdade é que, quase sempre, revistas assim são obra de muito trabalho pessoal feito com voluntarismo e dedicação e que quase sempre não tem qualquer compensação palpável (financeira, pelo menos).

Peregrinação publicou o seu primeiro número em Junho de 1983 e prometeu sair quatro vezes por ano. Com maiores ou menores dificuldades, tem cumprido tal promessa, porque acaba de sair o número (duplo) 14-15, com data de Outubro de 86/Março de 87.

Assinale-se que é a primeira vez que a revista publica um número duplo. Aparentemente, as dificuldades agravam-se, mas pode nem ser tanto assim, porque este número duplo é um grosso volum com o dobro de páginas das habituais.

A revista é um projecto, entre outros, duma cooperativa cultural criada por iniciativa de José David Rosa e outros portugueses no meio da emigração. A cooperativa passou a Fundação, Fundação Cultural dos Emigrantes, tem feito outras coisas — um encontro anual em Lisboa, no Verão, de artistas, escritores, professores e outra gente vivendo e trabalhando no estrangeiro. O encontro do ano passado foi especialmente importante, pelo programa: um ciclo de colóquios, conferências e debates, uma exposição de artes visuais, uns espectáculos. Deste encontro e da repercussão dele na Imprensa portuguesa dá conta um **dossier** que este número 14-15 insere, e onde, de passagem se diga, avulta a cobertura dada ao encontro especialmente por dois jornais, o **Expresso** e este **Diário de Lisboa.**

Na altura (melhor, um pouco depois) falou-se aqui deste encontro e da sua repercussão e assinalou-se o disparate de distorção que foi a cobertura dele feita pela RTP, que deu a iniciativa e a realização como sendo da Secretaria de Estado da Emigração, entrevistando, por isso, a respectiva titular. Pois não era, e nem a Televisão nem a secretária de Estado se preocuparam minimamente com esclarecer isso. Era, isso sim, resultado dum trabalho feito pela Fundação e pela revista, responsáveis e colaboradores.

O **dossier** do encontro ocupa neste volume duplo 45 páginas. As restantes, cerca de 125, são preenchidas com textos — ensaios, comentários, crítica, poesia, prosa de ficção, entrevistas, noticiário.

Avultam, entre outras coisas, entrevistas de Inês Barahona, Júlia Nery, Vicente Campinas, o texto duma comunicação apresentada ao encontro por Eugénio Lisboa («O Regresso Impossível do exílio às suas origens»), mais uma crónica de Fernando Venâncio enviada da Holanda, outra de Margarida Silva, dos EUA, um trabalho de Branquinho Pequeno sobre a «Imigração Portuguesa em França e metáfora automóvel», outro de Rafaella d'Intimo sobre «A Utopia Chinesa na Peregrinação de Fernão Mendes Pinto». Mas terá o seu quê de injusto estar a referir este ou aquele trabalho, quando em muitos há assinaláveis motivos de interesse que não cabe aqui pormenorizar.

E o mais importante é verificar que Peregrinação continua, apesar das dificuldades que facilmente se podem calcular.

3.

Peregrinação continua. **Sílex** talvez não, ao certo não se sabe. E seria redundante dizer que revistas assim fazem falta, que nem há muitas, que nem sequer são em grande número as que começam uma aventura de, muitas vezes, apenas dois ou três números. Por vezes menos, não mais do que um. É o caso de **Vandoma,** de que saiu um primeiro número aqui há dois anos e de que nunca mais se ouviu falar.

Vandoma era — e talvez seja este já o mais adequado tempo verbal — não propriamente uma revista literária, mas uns «cadernos culturais» que em Braga lançaram Marília Abel, Carlos Consiglieri e Vergílio Alberto Vieira, e o primeiro (até agora único, último, talvez) número apresentava 120 páginas com textos sobre, entre outras coisas (temas, assuntos), televisão (por António Faria), Dialéctica e Hermanêutica (Manuel Sumares), I República e Dissidências (Carlos Consiglieri), Museus (Marília Abel). Havia ainda entrevistas com Francesco Alberoni e Álvaro Lapa e textos de criação e ensaísmo crítico nos domínios da literatura, mais uma ou outra curiosidade, entre elas um desenho de António Ramos Rosa.

A generalidade dos textos ultrapassava as dimensões do jornalismo, situando-se no âmbito do ensaísmo crítico e analítico. Trabalhos de fundo — que, mais tarde, veremos citados como bibliografia.

O elevado nível de exigência e qualidade exibidos por **Vandoma** não aceita pacificamente a ideia de que o projecto tenha ficado pelo primeiro número. Todavia, parece que o projecto ficou por aqui.

Não será difícil compreender porquê. Falta de meios, desde logo. Era iniciativa particular, não havia apoios. Ora, estas coisas são tudo excepto rentáveis (financeiramente), e, não havendo mecenato, as hipóteses de continuidade e futuro são sempre muito problemáticas. É pena, mas não há muito a fazer, em particular. Algum organismo ou instituição, qualquer entidade, interessada, poderia entrar aqui (que é como quem diz, neste domínio, onde os casos assim são inúmeros) e desatar esse nó que se aperta à perdição dos primeiros investimentos falhados — e às vezes elevados, e nem sempre feitos com grande reflexão.

Luís de Miranda Rocha

«Hotel Lusitano» é especulação imobiliária

Sem desprezo por qualquer outra classificação, o mundo também se pode dividir em dois grupos perfeitamente estanques: os que já publicaram um livro e os outros.

Como é próprio da epistomologia sociológica, os primeiros barricam-se por detrás das suas obras e aos segundos compete forçar os muros e, conforme o possível, passar-se para o partido dominante.

Claro está, que este grupo não é homogéneo: quem escreveu um livro encontra-se mais a baixo de quem escreveu dois. Daí que aos primeiros se torne necessário escrever un segundo livro para que possam então gozar os prazeres de pertencer a uma elite, já desejada e adquirida por um público que só gosta do que é conhecido.

E é nesse momento que se tornam escritores, já não candidatos-a-estreantes nem estreantes-candidatos-a-escribas. Eis então chegada a época das obras-primas, das «obras de maior fôlego», «daquilo que sempre se quis fazer».

Assim pensa o herói de «Hotel Lusitano», um jovem americano

que, surpreendido pela presença de Carlos Lopes no podium da prova de Maratona, parte para o país mais barato da Europa com o fito de escrever uma novela com 24 mil palavras encomendada por um editor mais benévolo, levando o herói a

viver com a perpétua angústia de não ter imaginação («Uma história, uma história», pag.16; «contar uma história à minha maneira», pag.17; «o que eu queria era uma história, uma boa história», pag.73, «Uma narrativa que se vendesse», pag.95, etc...).

A obra, a editada pela Europa-América, tem o sabor, como disse o autor em entrevista na rádio, de um texto feito «para ser rápido», para ser lido em duas horas mesmo que nada fica depois, uma vez que ninguém compra um livro a um estreante se ele fôr chato». E, verdade se diga, se esse era o objectivo, então pode o estreante dar-se por satisfeito, pois foi inteiramente conseguido, no bom e no mau sentido.

A intriga montada tem a qualidade de ser seguida através de uma linguagem solta, por vezes nem sequer pensada e que é assumida tal como veio ao mundo.

Pena é que a acção se embrulhe num pano de fundo feito Lisboa vista pelo que se diz ser os olhos de americanos, espantados com a pequenez da raça, com o tom *felliniano* dos pedintes, o «patusco» da casa dos bicos e a contemplação maravilhada com o *savoir-faire* da cozinha portuguesa ensopada em gordura ou com «pescadas vestidas de fato de macaco» servidas em tascas muito típicas.

E para que nada faltasse, é fornecida uma resenha histórica do Portugal pós-25 de Abril em tom de entrevista conduzida, umas cenas sobre o poder dos polícias na penumbra do Cais do Sodré, a corrupção dos magistrados que aceitam favores, a fauna emporcalhada das prisões, uns toques modernos ao conservadorismo de alguns controleiros e ainda uma cena de amor em que o herói explica que «tinha de me concentrar para não vir logo» e em que a ficha dele entrou na tomada dela e acabaram por apanhar «um choque»!...

E se ainda depois de tudo, se acrescentar algumas, entre outras, expressões californianas como «Franclinamente, Portugal apeteceu-nos» (pag.28), «sim, mas alguma explicação deve haver - contrapus, catrapus»(pag.57) e «Iaaaaa-aahooooooooo!!!(...)Era hoje! Era hoje!»(pag.80), então cabe-nos louvar a frieza deste estreante que logrou entender os recônditos meandros da nossa indústria publicista e esperar que tal eficácia se volte a verificar, desta feita satisfazendo o público que pretensiosamente anseia por mais qualidade.

João Almeida

O Distraído

UMA madrugada cinzenta estendia-se sobre o mar como um lençol de nuvens. A única gaivota que se atrevia àquela hora sobre as águas acompanhava o trepidar abafado do motor do barco com um piar de esperança no sol. Um mar pardo, feito de pequenas ondas sucessivas era abertopela quilha num ruído cadenciado. A manhã abria-se à frente, cortando o seu caminho entre o nevoeiro que dispersava como que a indicar ao barco uma estrada de luz. Ia ser um dia claro, de vento fresco e piar de pássaros.

Agarrou com mais força a cana do leme e esforçou os olhos na direcção onde esperava que Viewpoint Rock aparecesse. Mal viu a mancha de um verde acinzentado a emergir de súbito da névoa como um navio fantasma, desligou o motor e sentiu o baquejar suave da proa na água e o nítido silêncio da manhã. O nevoeiro levantava muito depressa — talvez um pouco depressa de mais, murmurou para a gaivota enquanto apontava à esada de pedra que descia para dentro de água por trás de um grande penedo. «Pois é, ó maravilha da natureza — continuou para o pássaro que, borrifando-se no diálogo, voltejava para o largo — não acredito que esses sacanas estejam acordados a esta hora. Mas nunca se sabe...» Tocou na escada om toda a sua perícia de marinheiro, isto é, em cheio com a proa e espalhando-se ao comprido sobre o banco. Apesar do berreiro que ecoava impotente dentro da sua boca — fechada — conseguiu passar para os degraus, amarrar o barco, atirar raivosamente o chapéu de feltro à água, verificar se tinha a pistola e olhar em volta. Só se via uma das empenas da vivenda, com todas as janelas cegamente fechadas, lá no alto por detrás de um pinheiro. Subiu as escadas vagarosamente e de arma na mão como se deve fazer nestes casos, deitando um olhar de viés ao iate deles ancorado em sossego a rebolar-se na ondulação. Era muito lindo, todo branco e com um nome apropriado às circunstâncias: «O DISTRAÍDO».

Já lá no alto, pisou cautelosamente um renque de belas flores amarelas e encostou-se à parede da casa. À direita apresentava-se um caminho de pedras, ladeado de sebes aparadíssimas, que ia dar à porta principal, um monstro de madeira escura e obviamente muito pesada e renitente. Abanou a cabeça mas já não teve tempo de olhar para o outro lado. O cão era dos bons. Dos que disparam primeiro e falam depois. Caiu-lhe em cima e só não lhe abriu o pescoço com a dentada porque, por engano, filou a pistola que tinha levantado instintivamente. E foi então que disparou para dentro da bocarra do animal. Fez muito, mas muito barulho mesmo. Ia se bonito...

Peter Nero Wolf

Antifado chamado Portugal

QUE mau jeito teve o moço
testarudo e de mão brava
de se opor a sua mãe
que amava o Conde de Trava
sem perceber que o fazendo
punha o Minho de fronteira
entre nós os portugueses
e Galiza a companheira
pela qual o nosso amor
jamais se desmentirá
e decerto a qualquer hora
algum jeito se dará
já que a flor do verde pinho
na língua dêles se chora
pelo que o jovem pôs fora
gratos porém para sempre
porque nos deu Santarém
ousou armar-se em Zamora
e nos postou sôbre o Tejo
que já ia mar em fora
enquanto o rei repetia
o que não se teve um dia
se terá em qualquer hora
depois os filhos e netos
muito Sanchos muito Afonsos
talharam-nos Portugal
menos ternos do que intonsos
a bom ferro e bom foral
felizmente o Lavrador
pôde parar na função
compor jardim defendê-lo
a leste com pedra e cal
para oeste sôbre o mar
com muralhas de pinhal
e com tempo de pensar
e cuidar de haver marinha
nos arranjando o Peçanha
que muito século após
em sua directa linha
o Poeta de Macau
nos dava em onda final
com sua irisada espuma
da fala de Portugal
poeta sendo também
o nosso rei Dom Dinis
em seu paço de Lisboa
ou seu castelo do Lis
com as palavras domadas
mas as paixões em tropel
fazendo à fôrça bem santa
sua rainha Isabel
e o povo sôlto nas festas
da criança do imperador
e dos banquetes sem paga
e sem prisões de terror
mas quis Deus pairar de novo
por sobre as águas do mar
para que o mundo criado
se viesse a recriar
no se conhecerem homens
dum lado a outro da terra
e transformou o jardim
em cais de sonho que encerra
a mente que Deus é todo
mas tem o mar vida e morte
mas tem o mar vaga e lodo
e nos coube a nós em sorte
a glória ganhar vogando
para encontrarmos em terra
toda a tristeza penando
sempre as lágrimas de Inês
sempre o Cru e sua fúria
sempre o brilho das estrelas
velado por nossa incúria
teve que vir quarto Afonso
teve que vir duro Infante
teve que vir Dom João
de lua em quarto minguante
para que aos pães milagrosos
da boda em longe profundo
replicasse Portugal
multiplicado no mundo
e a Deus servindo que só
ainda que muito possa
tanto povo não criava
sem a fôrça que é a nossa
e bem o soube em seu tempo
tempo de sonho e de lida
Camões que levou a vida
por entre visões e dores
quando nos fez deuses gregos
em suas ilhas de amores
mas rolou ano após ano
sem haver aurora nova
um cume se levantava
logo passava a ser cova
noites e noites de borco
só a lama nunca o pé
pisando o solo a subir
que nos prometia à fé
quanta lágrima chorada
quanto esforço desprezado
quanta idéa feita nada
quanto peito destroçado
por tôda a parte lembranças
sombra só das esperanças
e foi tudo Afonso Quarto
com heterónimos vários
até que em setenta e quatro
sopraram ventos contrários
mesmo a si próprio contrários
em turbilhão de começo
de mundo a se construir
coitados dos inocentes
julgando nos confundir
como se ninguém soubesse
o navegar de bolina
o de obrigar o que é contra
a servir a nossa sina
mão no leme companheiros
ôlho ao rumo almas ao tudo
a vida é nossa é moldá-la
não me iludas não te iludo
sejamos os servidores
do Deus que está dentro em nós
a centelha imorredoura
do divino em mim e vós
e que nos leva a cantar
nosso canto de vitória
todo invenção e memória
entree tanta confusão
Vieira não te enganaste
e vai agora romper
a madrugada real
do sonho que tu sonhaste
e sonhou quem te sonhou
semente de universal
que ao universo tomou
mas dentro em si repartida
em tanto ser que nós somos
e só por medo estreiteza
o ser que somos não somos.

19.2.87

Agostinho da Silva

Excerto dum diário metalúrgico

• • • Um primeiro aviso? Como se a mão que primeiro me mantinha preso pela nuca começasse agora a apertar-me também o coração. Exactamente o que um pássaro deve sentir quando, apanhado dentro duma sala, o apertamos na mão, docemente, apenas o que baste para o não deixarmos fugir e ele perder-se ainda mais na sala fechada, embora só pretendêssemos ser firmes e incutir-lhe um pouco de confiança em nós, outros que o vamos levar até à janela, não sem que antes nos demoremos a oferecê-lo a uma criança que ali esteja para que lhe pegue e o solte ela — o que a criança recusa sempre, tão imediatamente a paralisia do pássaro dela se apodera. A criança aceitou apenas fazer-lhe uma festa excitada mas breve; teve medo do seu próprio desejo de esmagar o pássaro e do contrário, que o pássaro a esmagasse ao soltar-se. Apertamos então o pássaro um pouco mais docemente mas com firmeza redobrada — e largamo-lo nós em toda a segurança; na mão fica o calor, um calor parecido talvez com o dum suspiro exalado por nós mesmos à hora de morrermos quando crianças.

É o que sinto, um aperto no coração que já é doloroso pelo facto de ao acordar ele lá estar sempre; a dor

apanhou todo o ombro e desce pelo braço até à mão.

A falta de ar durante a noite. E pior: os pensamentos que me manda, os recados que o electrocardiograma não regista.

Carlos Leite

APE na mais completa penúria

Escritores querem Domínio Público Remunerado

A Associação Portuguesa de Escritores vive na mais completa penúria e a sua sobrevivência está mesmo em risco — eis, em síntese, a actual situação da APE.

A quotização dos sócios — cerca d setecentos, que pagam em média um pouco mais de mil escudos/ano cada — é manifestamente escassa para as despesas correntes da APE. Nem os mil contos anuais de subsídio oficial chegam para os gastos de funcionamento, que incluem, obviamente, os salários de três funcionários.

Grande parte do tempo e da imaginação dos elementos que compõem a direcção — Óscar Lopes, Fausto Lopo de Carvalho, Maria da Glória Padrão, José Correia Tavares, Carlos Eurico da Costa, Mário de Carvalho, José Jorge Letria, Maria Graça Varela Cid e José Viale Moutinho — é gasto exactamente a arranjar dinheiro para manter a sede, os funcionários e um mínimo de trabalho organizativo.

E por falar em sede: desde que saiu da Rua do Loreto para ir para a Lapa, onde funciona agora num prédio mais digno, os problemas da APE aumentaram. A manutenção custa mais e apesar da dignidade do edifício há por ali questões relacionadas com a estrutura do mesmo, a começar pelas infiltrações de água e insanáveis (até agora) conflitos com canalizações...

Apesar de tudo a vontade dos escritores dirigentes da Associação não esmorece. E a luta continua.

Domínio público

Neste momento, por exemplo, uma das prioridades da APE — velha de 15 anos, de resto — é conseguir o chamado Domínio Público Remunerado (DPR).

Traduzindo: cinquenta anos depois da morte de um autor, as suas obras caem no domínio público e nenhum editor paga direitos pela sua utilização (edição). É sabido que nem assim os livros baixam de preço...

Pois bem: a APE, aliás como a SPA-Sociedade Portuguesa de Autores, pretende que seja legislada a obrigatoriedade de uma cera percentagem sobre os preços das obras nessa situação reverter para objectivos quer de apoio à criação literária, quer de apoio ao associativismo dos autores.

Isto, de resto, acontece já em vários países europeus e de outros continentes — e há muito tempo. Os próprios estatutos da APE já consagram esse princípio desde 72 e numerosas têm sido as tentativas para que a lei portuguesa o contemple.

As peripécias que têm rodeado esta luta legal são numerosas e no tempo em que Lucas Pires foi ministro da Cultura foi publicado um decreto-lei nesse sentido.

Porém — e de aordo com informações prestadas por um membro da direcção da APE — tal decreto continha algumas imperfeições, nomeadamente a de excluir as obras de autores estrangeiros caídas no domínio público.

Assim, e depois de lhe terem sido introduzidas as alterações consideradas convenientes e de ter obtido o parecer favorável e unânime de Comissão de Cultura da Assembleia da República, tal lei foi a plenária de deputados para ser ratificada e... chumbou. Ao que se diz e ninguém duvida, as pressões dos editores foram demasiado fortes. E as pressões para que a situação não se altere continuam.

Actualmente Mário de Carvalho, que além de escritor (excelente e bem- humorado) é também advogada, trabalho para que novo decreto venha a ser urgentemente apresentado no Parlamento. No fundo trata-se de uma recolha do que já existe neste campo, naturalmente melhorado e actualizado. E se não houver surpresas tudo indica que a APE conseguirá os seus objectivos, tão justos eles são.

Outros objectivos

A luta da APE contudo, e como é evidente, não se esgota neste objectivo. A promoção social dos escritores portugueses e a divulgação e promoção da literatura portuguesa no nosso país e no estrangeiro são duas finalidades que também estão bem presentes no espírito dos seus dirigentes. O diabo é que com boa vontade e trabalho, mas sem dinheiro, nada — ou quase nada — se consegue.

E para arranjar dinheiro a APE está a organizar um espectáculo com António Victorino d'Almeida e José Jorge Letria; prepara um álbum de luxo e uma exposição de pinturas; estuda um projecto de edição de escritores clássicos esquecidos dos séculos 18 e 19; e no ar andam outras iniciativas que a seu tempo serão anunciadas.

«A questão é que mesmo que tudo isto seja bem sucedido os nossos problemas, no fundamental, continuarão por resolver» — disse ao LerEscrever um dos dirigentes da APE. «Estamos mesmo na penúria, os problemas são estruturais e sem o apoio regular e permanente do Estado dificilmente se sairá da 'crise'... E a questão do Direito Público Remunerado é fundamental. Esperemos que os interesses (ilegítimos) dos editores não venham a sobrepor-se mais uma vez aos interesses (legítimos) dos autores e do público em geral».

Ribeiro Cardoso

Óscar Lopes, actual presidente da Associação Portuguesa de Escritores, e a nova sede da instituição, na Lapa, em Lisboa

Prémio Revelação distingue jovem de 18 anos

UMA jovem de 18 anos, aluna do décimo segundo ano de Humanísticas, ganhou «exaequo» o Prémio Revelação de Literatura Infantil Juvenil, instituído conjuntamente pela Associação Portuguesa de Escritores e o Instituto Português do Livro e da Leitura.

Catarina Vieira Vassalo da Fonseca, que concorreu com o original «A Herança», é «herdeira» de dois nomes consagrados na literatura juvenil e infantil, Alice Vieira e Mário Castrim.

A outra concorrente galardoada com este prémio foi Maria da Graça Lagrifa Matos de Sousa, autora de «O Vale da Montanha Mágica».

O Prémio Revelação de Poesia foi atribuído a «Fragmentos Musicais», de Luís Alves da Costa e «Nostalgia», de Avelino José Costa de Sousa. Dos quatro prémios «Revelação», de 120 contos cada, não foi atribuído o Prémio de Ensaio «por falta de qualidade dos trabalhos concorrentes.» O Prémio Revelação de Ficção distinguiu «Vindimas do Capim», de José Augusto dos Santos Brás e «O Azul Deserto da Tarde», de Eunice Cabral.

O Prémio Aquilino Ribeiro, no valor de 150 contos, foi atribuído, também «exaequo», a «Aquilino Ribeiro em Paris e Memória(s)», de Jorge Reis e a «Refiguração Nobre de Aquilino», de Manuel Maximino de Almeida.

O DIREITO DE MORRER
SUICÍDIO E EUTANÁSIA
Um tema controverso
Um livro para um público adulto
Por
Álvaro Lopes-Cardoso

Tem o Homem o direito ao suicídio? Tem o Homem o direito à eutanásia? Tem o Homem o direito a morrer com dignidade, quando e como quiser?

Qual a posição dos médicos quanto à manutenção da vida de um doente terminal, para o qual não restam esperanças? Quem determina esse ponto? Que questões éticas e morais se levantam?

Ao editar este livro, Europa-América tem consciência da controvérsia que o tema irá gerar. Mas não é lúcida nem objectiva a posição de enterrar a cabeça na areia para não se enfrentar qualquer problema.

O objectivo da edição desta obra, da autoria de um conceituado juiz português, é o de trazer elementos de informação e de reflexão a um público adulto, com ideias já firmes sobre o Homem, a sociedade e a vida.

Um livro que, sendo do interesse geral, deverá ser de leitura obrigatória para todos os médicos e advogados, porque trata de um tema que a todos interessa e a todos afecta!

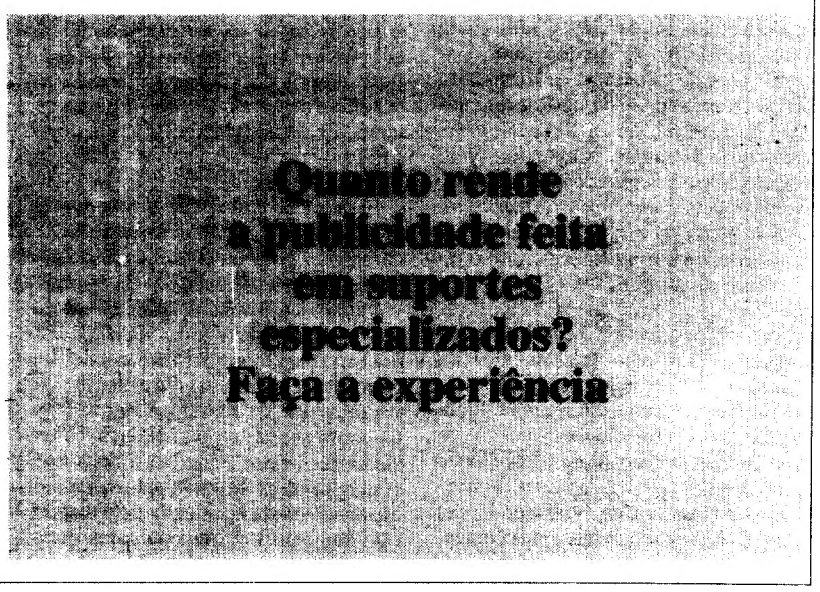
UM NOVO LIVRO DE AUTOR PORTUGUÊS

À VENDA
NOS BONS LIVREIROS

EUROPA-AMÉRICA...
...a memória no futuro

Na terça-feira

Sete Ponto Sete



O Norte da Pintura

Hugo van der Goes — a neutralização (2)

«(...) entre a transparência e a opacidade do branco existe um númer infinito de gradações indecisas... Pode-se dar o nome de branco à resplandecência perfeitamente opaca do transparente puro»

Goethe

ESTABELECIDAS as primeiras relacionações, eis-nos agora chegados ao ponto que queríamos mais detalhadamente abordar: o *efeito de suspensão/esbatimento* (antes mesmo de o procurarmos reinterpretar como efeito, também, de *neutralização-/feminização)* da pintura de Van der Goes.

Que sentido dar, com efeito, quer a esse esbatimento da cor quer ao efeito (que se lhe encontra frequentemente associado) de *interpenetração,* se não o da *indistinção,* dos espaços simbólicos e figurativos?

Antes de mais, vemos nesse efeito o abrandamento/apagamento da *Norma* (da *ordem* ao mesmo tempo da iconografia e do «simbolismo»); a simplificação, depuração dos traços seria, assim. nesta pintura, um processo de «levantamento» (enquanto suspensão: aerificação) da Representação a partir da restrição/economia das suas marcas de representatividade (e portanto, também, dos seus índices representativos) — um processo em que se manifestariam, por desimpedimento do campo, determinados aspectos *vagos* (i.e., tanto ausentes, não-manifestos, como apagados) e, se não oculto (pode haver ou não haver o seu recalcamento), pelo menos *não presente* da sua pintura *(Nota).*

Esta operação relacioná-la-emos antes de mais, com o *neutro* (a neutralização — e, o que não é bem o mesmo, as figuras do «neutro» — será um dos efeitos desse apagamento: uma marca que se escusa, que se dá como ausência ou manifestação de uma ausência através das suas cicatrizes «negativas», à superfície); só num segundo momento procuraremos relacionar esse *esbatimento* (desvanecimento, «fading», perda de si — e dos seus atributos, princípios) com a *imanência* (a manifestação, a vinda ao de cimo), mas ainda dentro do *Mesmo* (enquanto valor, sistema, corpo de referência da Norma, do Pai, do S imbolo — ou da Representação e da Pintura), de um *segundo princípio:* o do *feminino.* Melhor ou pior, procuraremos descrever esta *dupla operação* em acto como a *neutralização ou a feminização* (já que não passamos radicalmente para o outro princípio: o do feminino) da pintura.

Primeiro momento, portanto, o da *neutralização* (como esbatimento) da Norma (e dos princípios) da Pintura. Poderíamos mesmo falar de uma dupla neutralização/esbatimento: quer o de um princípio arcaico (o do *simbolismo)* ainda normativo (vd. as suas ressurgências na pintura de Van der Goes) quer o do novo espaço (sistema) «renascentista» (da *Representação;* da organização do espaço e do figurativo).

Como é que esse processo se manifestaria? Por um lado, através de um conjunto de operações (processos, efeitos) de *estranhamento* (Panofsky refere-se frequentemente a um «irracionalismo») do espaço (e da sua Representação na pintura). Operação que, de um modo simplificado, podemos descrever, no mínimo, como *tripla:*

a) *deposição de um palco* como denotação de uma teatralidade (do artificialismo de qualquer representação do espaço); com efeito, essa «teatralidade» tanto resulta numa acentuação da *construtividade* do espaço (constitui mesmo a sua *arbitrariedade* — eportanto *possibilidade de articulação* — dentro do novo espaço do *Signo:* vd. o jogo das verticais, enquanto efeito de monumentalidade e denotação abstracta da arquitectura nos dois painéis laterais do retábulo de Jacques III, Edimburgos — OU OS *LADRILHADOS* NAS TELAS DE UM Van Eyck) como, dentro de um processo de *(re-)integração do artifício* agora em «natura» (a *naturalização* do carácter geométrico e arbitrário do espaço que se substitui à significação *epifânica* do sentido), introduz a cunha de uma não homogeneização (global, «natural») do espaço e relança, no interior da própria pintura, um *hieratismo* (na articulação da significação com a representação e na re-«iconização» das figuras) necessariamente descontínuo (veja-se o muito citado exemplo da *Adoração dos Pastores* de Berlim em que dois profetas, um em cada canto do quadro, abrem dois reposteiros de modo a *nos restitu´irem o iá-lá* de uma cena, «teatro», cifrada desde o início);

b) *isolamento* (com efeitos de aerificação/espaçamento entre figuras) no seio do espaço (da cena) de *blocos erráticos* (descontínuos, puros); Panofsky a propósito do *Tríptico Portinari,* descreve a criação de um efeito de vazio com o *isolamento* do motivo central da Virgem e do Menino no centro da pintura (figuras inseridas naquilo que ele descreve como um «círculo de solidão» criado, em parte, pelo efeito de contraste entre o movimento — as «várias correntes de energias» que converge dos outros painéis, ou dos fundos, para o centro — e o carácter estático, «iluminado» do centro da pintura);

c) efeitos, convergentes (embora nem sempre coexistentes), de *queda* (deslizamento interno ou derrapagem) e de *interpenetração* (de indistinção mais do que fusão) dos espaços (a «distinção entre nterior e exterior é relegada em benefício de um espaço que já deixou de ser racionalizado», Panofsky, op. cit. p. 457).

Essa *queda* tanto pode ser *em aberto,* precipitando-se para o abismo (vd. o corpo de Cristo no painel da *St.ª Trindade,* retábulo de Jacques III — a que voltaremos — ou o do painel da Lamentação, díptico de Viena), do *deslizante* (o corpo da Virgem na *Morte...* de Bruges). Na *Morte da Virgem* a distribuição em *diagonal* da figura da Virgm (que, tal como sucede no painel da *St.ª Trindade,* faz baixar e inclina a linha horizontal inferior, figurada pelo estrado do quadro) é ainda acentuada pela disposição, também em diagonal, das outras

Hugo van der Goes, Adoração dos Pastores, retábulo dos Portinari

figuras que, como no painel da *Lamentação,* embora convirjam para o centro (a Virgem) deslocam-no ou continuam o seu movimento para um ponto *mais lateral, fora do eixo central* do quadro (cf. E. Panofsky, op. cit.). Teríamos assim uma *dupla descontinuidade* em acção nesta pintura: uma de carácter mais *estático* — os «blocos erráticos» a que já nos referimos — e outra *deslizante* que relança ou indistingue os fundos da pintura. A interpenetração e o irracionalismo dos espaços podem-se também traduzir pelo recurso a um processo *já datado* na altura: a redução das dimensões dos doadores em relação às dos santos patronos *(Tríptico Portinari,* p.ex.). Efeito ao mesmo tempo heráldico e de *monumentalidade* (Panofsky), mas também de *estranhamento* («irracionalização»), no espaço no essencial *já integrado* (Van Eyck, o políptico do *Cordeiro Místico)* da pintura. No *Tríptico Portinari,* p.ex., segundo Panofsky, «a escala das figuas não varia segundo as regras da perspectiva. Regras que, de qualquer modo, são escrupulosamente mantidas para os elmentos arquitectónicos — de modo a criar a ilusão de distâncias incomensuráveis para o homem» (op. cit., p. 333). De um modo geral, os comentadores tendem a sublinhar, sobretudo no último período da obra de Van der Goes, a persistência ou o retorno a um certo *arcaísmo* (vd. o díptico *O Pecado Original/A Lamentação)* ou à influência (à «maneira» de Roger van der Weyden. Panofsky, em particular, sem nunca «exorbitar» os traços *italianizantes* da sua pintura (que explica em grande parte pela influência do «círculo italiano» de Bruges), reduz-lo quase exclusivamente à composição das *fisiognomias* (em particular os rostos «seculares» dos *doadores).*

Do conjunto destes processos, assim, resulta tanto um «dégagement», uma aerificação interna das figuras (e da pintura: ela torna-se permeável, aberta, á porosidade vaga de um espaço), como uma *separação* do fundo (o fundo da Representação em pintura) da superfície (a pintura como materialidade, *tinta,* propriamente dita). Há o fundo — e a superfície. Sobre esse (ou melhor, imersa nesse) fundo (simultaneamente um *vazio* e um *princípio* — ainda que um aéreo princípio), a pintura, o que flutua, é uma *superfície.*

Panofsky, por exemplo, refere que Van der Goes procura fazer jogar entre si *dramaticamente* o contraste existente entre «um efeito máximo de profundidade do espaço (...) e um efeito máximo de particularização da superfície»: ter-se-ia, assim, «uma tensão não apenas entre uma forma tridimensional e uma bidimensional mas também entre a *superfície* e a *linha»* (op. cit.). A *precisão* (ou o efeito de relevo) do desenho de Van der Goes — que um seu contemporâneo, Jean Lemaire des Belges, caracteriza como «trez netz» — acentuaria mais essa pre-eminência (relevo) do traço e da linha *como* superfície: esse tipo particularmente marcado, incisivo, de desenho seria, sobretudo, o resultado de uma série de processos acumulados ao longo das várias fases por que passava a execução da obra (retoques gráficos, incisões, marcas de luz, o uso de tipos particulares de tintas — o «branco de chumbo», p. ex., como tom de base, favorável aos tons mais claros e puros).

Comentam os organizadores da brochura do Museu de Lovaina-a-Nova: «há um acentuado contraste, com efeito, entre o aspecto calmo e pensado do trabalho preparatório e o carácter dramático da obra uma vez acabada».

Só num 2.º momento vemos no *neutro* (ou melhor, nesse conjunto de efeitos de neutralização: do simbolismo, do normativo) a inscrição (ou a manifestação) como apagamento/evanescência de um outro princípio, o do *feminino.* O desocupado, o desvitalizado, o «neutro» seria, por abrandamento de marcas, no corpo do *mesmo* (desse sistema de valores), o índice de um outro princípio: o do *feminino. O melancólico,* deste modo, não é tanto o «outro» — ele não passa ainda para o campo do outro — como a *incompletude* de um «mesmo» que se recusa ou se escusa a ser completado ou refundido por outro princípio: estamos no horizonte já da Metáfora mas esta não se cumpre a não ser como o seu *eclipse* — isto é, o seu efeito nocturno, negativo, por subtracção ou apagamento, de uma ainda *metonímia.*

Fernando Guerreiro

NOTA

Distinguimos entre *índices figurativos* — com uma função mais propriamente denotativa (ou conotativa) do ponto de vista da Representação (encarada esta, sobretudo, como um conjunto de estruturas e de figuras de sentido) — e *marcas de representatividade* — índices, sobretudo, com uma função *auto-referenciada* ao seu próprio sistema e portanto metacrítica (índices que remetem, antes de mais, para o campo da Rep. enquanto organização, sistema, *Teoria).*

Quando o passado se projecta

«Projectar o Passado, ensaios sobre Arqueologia e Pré-História», de Vítor Oliveira Jorge, recentemente editado pela Presença, é, naturalmente, ujm trabalho especializado e de investigação. Porém, os indicadores sobre os livros mais vendidos dão-no como pertencendo ao pequeno grupo de textos que, para além da ficção, têm tido um bom acolhimento por parte do público leitor. Sendo mínimo, em todos os casos, o volume de exemplares vendidos em que tais indicadores se baseiam, a presença do ensaio de Oliveira Jorge naquele grupo pode significar sobretudo que, no universo escolar e paraescolar da História, o seu trabalho penetrou efectivamente. O «Ler Escrever» publica hoje um excerto da apresentação da obra, que permitirá aos leitores o conhecimento mais exacto do seu interesse.

O texto que ora se apresenta é mais um programa de reflexão, com tudo o que um programa implica de provisório, do que um corpo teórico relativamente estável. Na realidade, como procuraremos demonstrar, é preferível no actual momento esta atitude de abertura, resultante de uma posição crítica dirigida às próprias bases do edifício conceptual que tem recoberto o campo de investigação do autor. Tal atitude, diga-se desde já, torna-se necessária por circunstâncias históricas: esse campo, bem como a metodologia e os problemas epistemológicos que lhe são próprios, só começou a definir-se a partir do início da segunda metade deste século. Esse processo não chegou ainda a um estádio de equilíbrio suficiente, e a presente comunicação deve apenas ver-se como uma tentativa de contribuição nesse sentido.

É bem sabido como a nossa época tem vindo a pôr em causa — o que se verifica, aliás, ao longo de toda a história científica — o sistema das ciências que herdámos, e que tais ciências, compartimentações resultantes de uma configuração do saber hoje morta, não aproveitam já a uma reflexão epistemológica compatível com a dinâmica da pesquisa. Ora o campo de investigação do autor pode ilustrar de forma particularmente evidente esse facto: de natureza interdisciplinar, nem uma designação adequada possui, o que atesta estar ainda neste momento a constituir-se cientificamente. O que é sem dúvida útil para o que nos trouxe a este Colóquio, pois não devem abundar, se é que os há, casos como este no contexto das chamadas «ciências do homem».

A nossa reflexão partirá, assim, de um conjunto de fenómenos para definir uma teoria ou teorias explicativas possíveis dos mesmos fenómenos. Tal teoria ou teorias (que são hipóteses explicativas) dão por sua vez lugar a modelos, por elas sugeridos e capazes de as testar. Mas para que seja possível isolar um conjunto de fenómenos, é necessário um critério, que equivale a uma escolha de uma partição de partições possíveis de um conjunto de fenómenos mais amplo. Vemos assim que na base do conhecimento científico está sempre uma escolha, ou que, na expressão de Robert Blanché , o conhecimento «está aberto por baixo» como, aliás, por cima.

Isolaremos pois um conjunto de fenómenos: «todas as alterações no mundo material resultantes da acção humana», «os restos materiais da conduta humana», num período em que a mesma conduta não incluía a produção de textos escritos, e ao nível de todo o globo. Quer dizer, portanto, que estudamos um subconjunto do conjunto dos chamados testemunhos arqueológicos, tal como os definiu Gordon Childe . Por outras palavras, a nossa atenção incide sobre os restos materiais da acção de homens que pertenceram a comunidades hoje extintas, e que nos não legaram um testemunho que equivalha a um princípio de reflexão sobre a sua própria experiência, mas apenas os resultados materiais da mesma, e sobre a qual não temos informações de contemporâneos que já utilizassem a escrita. Genericamente, portanto, comunidades numa fase pré-histórica, de acordo com a designação corrente.

Esse estudo é, num primeiro momento, arqueológico. Por arqueologia entendemos a «disciplina que se relaciona com a descoberta, descrição sistemática e estudo de antiguidades», para utilizar a definição de David L. Clarke . Ela fornece-nos, portanto, um primeiro modelo dos nossos fenómenos, a que genericamente podemos chamar empírico, pois a simples descrição que o investigador faz dos seus dados é já uma forma de modelo.

A um segundo nível, o estudo do subconjunto de testemunhos arqueológicos explicitado integra-se no objecto de quatro «ciências» tradicionalmente constituídas, duas adentro da História e duas adentro da Antropologia. São aquelas, a história das técnicas (da qual nos diz respeito apenas o primeiro dos seus capítulos), definida no contexto geral das «ciências históricas» em termos lógicos ou de tema, e a pré-história, esta definida segundo um ponto de vista cronológico. Os mesmos dois pontos de vista têm correspondência em Antropologia (entendida aqui no sentido restrito de antropologia cultural), para a definição, respectivamente, dos estudos de tecnologia (de que, também, só um primeiro capítulo nos importa) e da paleoantropologia cultural, a que, como o título da comunicação o indica, daremos particular destaque nestas linhas, embora num sentido amplo que adiante se explicitará. Esta escolha tem uma justificação epistemológica, e implica uma crítica a cada uma das quatro «ciências» referidas, a qual tomba, para utilizar uma expressão de Jean Piaget, dentro do «domínio epistemológico derivado» do nosso próprio trabalho.

Importaria rever rigorosamente o estatuto epistemológico da História, ou das disciplinas históricas, como as designa prudentemente o mesmo Piaget , e cujo objecto é «a reconstituição e a interpretação do passado». Para esta tarefa têm-se elas servido de um esquema conceptual muito simples: trata-se de disciplinas que ou se atêm à narração do particular, em que não teria sentido a procura de regularidades ou «leis» e a utilização de métodos de experimentação ou de dedução, ou, como nota ainda Piaget, atingem realmente relações funcionais mais gerais, que imediatamente são anexadas por ciências periféricas, como a sociologia diacrónica.

Conviria também não considerar o factor tempo como um monopólio de tais disciplinas, nem mesmo como encontrando nelas — e referimo-nos ao seu objecto estrutural — um acento particular. O eixo do tempo, como o do espaço, cruzam-se em qualquer fenómeno de entre os estudados pelas «ciências do homem» (para nos limitarmos de momento a estas): considerar qualquer deles como sendo da preocupação exclusiva de uma disciplina ou conjunto de disciplinas equivaleria a entificá-los. Nesta ordem de ideias a dicotomia sincronia/diacronia, ou estrutura/génese, não tem obviamente sentido ao nível a que nos situamos (como o não tem, aliás, essa outra de conteúdo/forma): «(...) entre génese e estruturas há interdependência necessária: a génese não é nunca senão a passagem de uma estrutura a uma outra, mas uma passagem formadora que conduz do mais fraco ao mais forte e a estrutura não é nunca senão um sistema de transformações, mas cujas raízes são operatórias e resultam pois de uma formação prévia dos instrumentos adequados» (Piaget) .

Neste sentido — o da relativização do conceito de tempo em ciências do homem — estamos pois de acordo com Fernand Braudel quando escreve: «A história aparece-me como uma dimensão da ciência social, ela faz corpo com esta. O tempo, a duração, a história impõem-se de facto, ou dever-se-iam impor a todas as ciências do homem» . A esta luz, tem um significado essencialmente histórico a polémica antropologia/história que o estruturalismo desencadeou principalmente em França e em torno da obra de Lévi-Strauss. Aliás, já em 1962 Roger Bastide estava atento ao facto de os linguistas, etnólogos, economistas, procurarem «em novos tipos de estrutura, reencontrar o diacrónico». Mas a ideia do estudo das estruturas diacrónicas, a par das sincrónicas, longe de ser nova, vem desde a origem do estruturalismo, desde Saussure, para quem, no eixo da historicidade, no eixo do tempo, haveria um termo marcado (diacronia) e um termo não marcado (sincronia). E assim, colocadas as coisas no seu lugar, recompõe-se a razão de ser da utilização quase exclusiva de modelos sincrónicos pela linguística estruturalista subsequente, condição necessária na montagem de um método de estudo da linguagem: os linguistas foram os primeiros «(...) a reconhecer que, antes de alguém elaborar a história de um objecto determinado, antes de se pôr questões de origem, de evolução, de difusão, antes de explicar os caracteres de um objecto pelas influências externas (o carácter de uma língua pela estrutura da sociedade, ou o de uma ideologia pelas relações de produção, etc.), convinha primeiramente circunscrever, definir e descrever esse objecto» (Ruwet) . O mesmo significado tem, mais perto do nosso campo de trabalho, a pesquisa de Lévi-Strauss, e, em paleoantropologia cultural, a construção de tipologias — que visam «reconhecer, definir e classificar as diferentes variedades de utensílios que se encontram nas jazidas pré-históricas» (Bordes) — as quais, na opinião de Leroi-Gourhan , se devem basear, entre outros aspectos, numa morfologia analítica «independentemente do tempo, das culturas (...)». Essa morfologia analítica, ou, se quisermos, análise descritiva dos artefactos (que está numa relação de *feedback* com a construção tipológica) não esquece a interpretação histórica e cultural, antes a mediatiza em relação ao movimento actual da pesquisa. Por isso Jean-Claude Gardin, mentor da utilização em análise descritiva de critérios de segmentação análogos aos desenvolvidos inicialmente em fonologia, não se esquece de referir a existência de dois tipos de pontos de vista no nosso campo de trabalho: «(...) o ponto de vista puramente descritivo por um lado, em que nos contentamos com agrupar as matérias segundo critérios exclusivamente internos; e o ponto de vista histórico propriamente dito, em que tomamos em conta também as características externas dos monumentos, isto é, a sua situação respectiva no tempo, no espaço e mais genericamente no conjunto do contexto cultural que lhes é próprio» . Como é evidente, este último aspecto (também em relação de *feedback* com o primeiro), já se encontra a um segundo nível do nosso trabalho, de acordo com o esquema que vimos esboçando.

O que fica dito visa tornar claro o facto de como são igualmente necessários os modelos sincrónicos e diacrónicos na nossa pesquisa, embora, por vezes, a nossa atenção tenha de concentrar-se temporariamente nos primeiros para que, por um esforço de abstracção, se possa circunscrever melhor o objecto da mesma pesquisa. Situação essencialmente metodológica, em torno da qual seria errado tecer um debate filosófico, transpondo-a para um nível ontológico, ela esclarece-nos, todavia, sobre a necessária convergência das duas ordens de «ciências» apontadas, as antropológicas e as históricas, e sobre como seria impossível reflectir epistemologicamente sobre uma tal classificação desprovida hoje de sentido. Se o tem, é ele «universitário»; convém a uma reflexão adentro do «domínio epistemológico derivado» do nosso trabalho pô-la em causa; só assim se poderá fomentar uma interdisciplinaridade verdadeiramente frutuosa. Não se trata, pois, de promover uma discussão entre ciências diferentes e cantonadas no seu objecto próprio. Não um debate entre muros (que geralmente só serve para extremar posições): mas uma construção em campo novo e aberto, em que objecto e métodos, retroagindo uns sobre os outros, se vão adaptando às circunstâncias sempre novas da pesquisa, eis o que o autor propõe, a este como a outros níveis da construção científica.

Defendeu-se, pois, a necessária convergência da pré-história, da história que aborda o aparecimento e o primeiro desenvolvimento das técnicas, dos estudos que a antropologia cultural lhes tem consagrado e da paleoantropologia cultural. Concentrando agora a nossa atenção sobre esta última disciplina, convirá explicitar a razão por que foi preferida para figurar no título da presente comunicação, e servir de base a uma reflexão epistemológica.

Por paleoantropologia cultural entende-se a ciência que estuda os testemunhos arqueológicos como manifestações físicas de uma cultura, considerando que os padrões que nelas se distinguem traduzem padrões de conduta humana. Reconstitui e compara, pois, como afirma Paul S. Martin , sistemas sociais pré-históricos; isto é, recompõe uma estrutura social, tridimensional, a partir de uma estrutura fossilizada de elementos materiais colhidos no solo, numa dimensão bidimensional. Mas é agora a altura de perguntar, uma tal ciência não inclui necessariamente já a arqueologia? Decerto, mas enquanto esta, considerada em si mesma por abstracção, se relaciona com um trabalho meramente técnico (e por isso a arrumámos na base do nosso esquema), um trabalho «erudito», a paleoantropologia cultural dá uma orientação a esse trabalho que permite incluí-lo ao serviço de uma ciência integrada do homem. Se é a chamada escavação arqueológica que está na base da obtenção de material empírico, ela só se enriquecerá se orientada por um programa de pesquisa que integre a colaboração de tecnologistas, pré-historiadores, historiadores da técnica nas suas formas mais recuadas no tempo e paleoantropólogos da cultura, enquanto estas divisões se mantiverem. Quer dizer, esta perspectiva torna a mesma escavação polivalente, interessando todos esses cientistas, e, quando a convergência de perspectivas for uma realidade, interessando esse campo sem designação que o autor escolheu, e a que poderá vir a dar-se ainda o nome de paleoantropologia cultural. Mas sob condição, é claro, de uma ampliação do seu conteúdo semântico, isto é, integrando o eixo diacrónico e dando conta das preocupações especializadas dos estudos de história das técnicas e da tecnologia, que só no âmbito de todo cultural adquirem um significado científico. É neste sentido que passará a ser referida.

Tal paleoantropologia cultural seria uma ciência nomotética do homem, no sentido de Piaget, isto é, buscaria a formulação de «leis» enquanto «relações funcionais susceptíveis de verdade ou falsidade quanto à sua adequação ao real» . e o seu método definir-se-ia por uma combinação da dedução e da experiência. Por dedução queremos significar um raciocínio de tipo lógico-matemático, num sentido construtivo, isto é, permitindo ampliar a novos campos da observação teorias anteriormente formuladas e tendendo para uma axiomática (Blanché : «Um sistema axiomático (...) é pois a forma acabada que, hoje, toma uma teoria dedutiva.») Por experiência entendemos toda a experimentação («método científico, que consiste em provocar observações, feitas em condições especiais, com vista a controlar uma hipótese» — Cuvillier) realizada no campo, no decurso de escavações ou prospecções: no museu e laboratório e incidindo sobre testemunhos já recolhidos; através do método da tecnologia experimental(*); e através de observações da antropologia cultural sobre sociedades «primitivas» ainda existentes, com todo o controlo a que dados dessa natureza têm de ser sujeitos no contexto do nosso trabalho.

A paleoantropologia cultural é uma das ciências sociológicas, e adentro destas distingue-se, tal como a antropologia cultural, pelo seu método comparativo. Escreve Gardin: «Um processo de trabalho essencial da arqueologia (poderíamos dizer: da paleoantropologia cultural) é a comparação: tal objecto, tal monumento apresenta características análogas a tal outro, segundo uma ou outra de entre várias relações (matéria, forma, decoração, etc.), e esses paralelos, uma vez submetidos à crítica, são o fundamento da maior parte das "construções" teóricas desta disciplina: diferenciação das culturas, definição dos estilos, tipologias, etc.» . Ora é enquanto ciência sociológica que a paleoantropologia cultural se integra, já a um terceiro nível do nosso esquema, no grande conjunto das ciências psicossociológicas.

Os problemas que temos vindo a tratar até este momento inserem-se no primeiro dos dois conjuntos fundamentais de questões que, segundo Piaget, se colocam à epistemologia das ciências do homem: o da epistemologia de cada um destes domínios do próprio ponto de vista do cientista. Fundamentalmente abordámos um problema de classificação de ciências; o nível a que nos situamos permite-nos agora esboçar algumas das principais relações interdisciplinares da paleoantropologia cultural no conjunto das ciências do homem. A vastidão do assunto, e o facto de, a este nível, a reflexão se encontrar ainda nos seus inícios, obrigam-nos a circunscrevermo-nos a certas áreas relativamente óptimas, em que a mesma reflexão já começou a dar os seus frutos: a psicologia e a linguística. No primeiro caso, encontramos o problema da paleobiopsicologia humana, estudado por Alimen e Goustard : o segundo caso considerado levanta-nos o problema de uma semiologia geral. A importância destas duas ordens de questões tornar-se-á desde já mais clara se se acrescentar que da elucidação da primeira pode resultar o aproveitamento, para a resolução do problema do desenvolvimento da inteligência do homem ao longo da sua evolução filogenética, de certos aspectos da investigação psicogenética, particularmente a piagetiana, bem como dos estudos de psicologia animal, e em especial dos símios superiores. A segunda poderá escorar, a um nível mais baixo, uma opção metodológica: a utilização de modelos linguísticos em arqueologia. Só à medida que forem sendo esclarecidos estes aspectos iremos penetrando numa outra questão, já a um quarto nível do nosso trabalho: a formulação cibernética de certos dos problemas específicos que nele se deparam.

Não se trata, no primeiro caso, de considerar que o desenvolvimento psicogenético das estruturas repete necessariamente esse outro verificado ao longo da evolução filogenética: tal concepção seria simplista. Porém, a «permanência das leis do desenvolvimento mental», de que fala Piaget , assegura uma possibilidade de esclarecimento mútuo dessas duas ordens de questões. Por outro lado, é óbvio que em cada estádio de evolução filogenética reencontramos o problema de um desenvolvimento psicogenético próprio. O que nos importa aqui acentuar é que na base deste problema interdisciplinar está uma forma particular de encarar as diversas técnicas — de que a fabricação de utensílios é um aspecto particularmente importante — utilizadas pelo homem (no sentido mais amplo deste termo) desde o Paleolítico antigo, e cada uma das quais se define por uma sucessão necessária de gestos técnicos hoje reconstituível. Essa sucessão gestual traduz um «algoritmo» de conduta em que se revela uma certa organização estrutural com um duplo aspecto, neurofisiológico e intelectual. O primeiro destes aspectos relaciona-se com o facto de, em cada um dos estádios filogenéticos que podemos considerar no processo da hominização (desde os australantropianos do Paleolítico antigo aos neantropianos do Paleolítico recente), tal organização estrutural se articular com uma forma própria de adaptação do homem ao meio exterior (o estudo da tecnologia estabelece pois aqui uma ponte de passagem entre as ciências psicossociologicas e as biológicas, em cujos problemas epistemológicos não entraremos nesta comunicação). O que importa acentuar é que o problema focado se encontra ainda num começo de solução, havendo que rever cuidadosamente as noções de Henri Wallon, para quem uma psicologia genética que teria por fim «descobrir ou definir as origens da vida psíquica» estudaria, tais origens à escala da nossa espécie (através sobretudo do estudo dos símios antropóides), como à escala individual, ou seja, a transformação da criança em adulto.

Acabados de Chegar

■ O Lagarto do Âmbar, Maria Estela Guedes, ed. Rolim, col. Fantástico

Sexto livo de Maria Estela Guedes, estreia como autora dramática — o texto fornece o ponto de partida para uma adaptação teatral já agendada para finais deste ano em produção do CAM da Gulbenkian. Organizado em sucessivos momentos (cerca de 80) com capítulos curtíssimos, escrito na primeira pessoa, lê-se de um fôlego e constitui uma verdadeira surpresa. Ficamos à espera da encenação, que é anunciada juntamente com a saída do livro dos prelos de Maria Rolim Ramos.

■ Obras Completas de Raymond Chandler — vol. 3: «O Imenso Adeus» e «Fico à Espera», Ed. Livros do Brasil, Col. Vampiro Gigante

«O Imenso Adeus» é por muitos considerado como o melhor romance de Raymond Chandler e talvez aquele a que mais se apropria o título granjeado pelo autor» «Poeta da Literatura Policial». «Fico à Espera» é uma das 22 novelas escritas por Chandler, na qual um detective de hotel desafia uma organização de «gangsters». O volume agora publicado integra as Obras Completas de Chandler, que a Livros do Brasil tem vindo a editar.

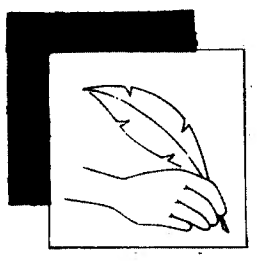
■ Obras Escolhidas E. Stanley Gardner e A.A. Fair - vol. 31: «O Caso da Testemunha Suicida» e «Pegar ou Largar, Ed. Livros do Brasil, Col. Vampiro Gigante.

Mais duas aventuras respectivamente protagonizadas por Perry Mason e Donald Lam. De assinalar que «O Caso da Testemunha Suicida» era, até agora, uma obra inédita em Portugal.

■ Vida e Obras de Dom Gibeão (Opus Milimetricum I), João Palma Ferreira, Livros do Brasil

Primeiro de uma trilogia de romances, «Vida e Obras de Dom Gibião» baseia-se em acontecimentos, pessoas e pensamentos em voga no sec. XVIII. O autor afirma, no entanto, que provavelmente muitas pessoas se reconhecerão nas personagens do livro agora publicado. João Palma Ferreira, que abandonara a ficção na década de 70. foi director da Biblioteca Nacional, da RTP e do Instituto do Património.

Maria Estela Guedes por Francisco Prata



■ Império do Sol, J.G. Ballard, Livros do Brasil, Col. Vida e Aventura

J.G. Ballard esteve preso em Xangai, quando da ocupação japonesa de 1942/45. «Império do Sol» é uma obra baseada nesta experiência. Como diz o autor, o livro «bebe nas minhas experiências em Xangai, durante a II Gurra Mundial e no Centro de Concentração Civil de Lunghua, onde estive internado de 1942 a 1945».

■ O Dia em que a Terra Gritou, sir Arthur Conan Doyle, Livros do Brasil, Col. Argonauta

Conan Doyle foi o criador de Sherlock Holmes, mas diz-se que preferia a este detective a personagem do prof. Challenger, cuja acção o leitor pode conhecer com «O Mundo Perdido», editado também pela Livros do Brasil. O prof. Challenger é também o protagonista deste «O Dia em que a Terra Gritou»... Não menosprezando os gostos de Conan Doyle, a verdade é que consideramos que Sherlock Holmes está muitos pontos à frente do cientista criado pelo autor.

■ O Crime Exige Propaganda, Livros do Brasil, col. Vampiro

Reedição de mais um caso investigado por lord Peter Wimsey, o protagonista criado pela escritora inglesa Doroty L. Sayers.

■ História Geral da Europa — vol. 1 — A Europa, das origens ao começo do séc. XIV, Pierre Grimal, J.P. Millotte, Marcel Pacaut, René Raynal, Publicações Europa América.

Primeiro de três volumes publicados sob a direcção de Georges Livet e Roland Mousnier. Dizem os autores: «as precedentes Histórias da Europa têm sido apenas, na maioria dos casos, resumos da história dos diversos Estados que constituíram e evoluíram no espaço geográfico entre o Oceano Atlântico e os Urales e entre o Mediterrâneo e o Oceano Glacial Árctico. O intuito dos autores desta obra, pelo contrário, foi o de indagar para cada época da História se os contemporâneos tinham consciência de que existia uma Europa...». Este primeiro volume é da autoria de Pierre Grimal, da Universidade de Paris IV; Jacques-Pierre Millotte, director de Antiguidades Pré-Históricas do Franco-Condado; Marcel Pacaut da Universidade de Lyon II, e René Raynal, da Universidade Louis Pasteur, Estrasburgo.

■ Crónicas de Prydain — O Livro de Três, Lloyd Alexander, Publicações Europa-América, Col. Ficção Científica.

Primeiro de uma série de cinco livros que constituem as Crónicas de Prydain, um planeta em perigo que Taran, ansioso por ser um herói, pretende salvar.

■ Adeus, Mr. Chips, James Hilton, Publicações Europa-América, Col. Livros de Bolso.

Publicado, pela primeira vez, em 1934, «Adeus, Mr. Chips», viu a sua popularidade reforçada com o filme de Herbert Ross, protagonizado por Peter Sellers e Petula Clark. James Hilton, que morreu em 1954, diz deste livro: «Adeus, Mr. Chips foi escrito em Londres numa semana nevoenta de Novembro de 1933. Sou avesso a empregar a palavra «inspiração», que, em excessiva frequência, é algo inexistente por que um escritor espera quando é preguiçoso; mas, para que conste, escrevi Adeus, Mr. Chips mais rápida, mais facilmente e com menos modificações posteriores do que tudo quanto antes escrevera ou vim depois a escrever».

■ Um Olhar na Escuridão, Mary Higgins Clark, Publicações Europa-América, Col. Pêndulo.

O passado «obscuro» de uma senadora norte-americana que se prepara para ser nomeada vice-presidente dos Estados Unidos...

■ Em Busca do Tempo Perdido-8.º volume: O Tempo Redescoberto, Marcel Proust, Publicações Europa-América, Col. Livros de Bolso.

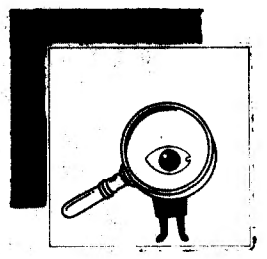
Último volume desta obra de Proust que André Gide, em 1912, recusou em nome da Editora Gallimard, o que o levou a dizer mais tarde: «a recusa desta obra constitui o mais grave e lamentável erro (...) e um dos mais dolorosos remorsos da minha vida».

■ Toro, Ritual de Amor e Morte, Jean Cocteau, Hiena Editora, Col. Cão Vagabundo

Em 1953, Cocteau faz uma viagem a Espanha e tem, logo a seguir, o primeiro enfarte do miocárdio. Durante a convalescença redige o texto agora publicado pela Hiena e que, na opinião de André Fraigneau, autor de Cocteau par lui-même, «marca ma mudança formal, das mais saborosas, na obra de Cocteau».

■ Maria! Não Me Mates, Que Sou Tua Mãe , Camilo Castelo Branco, Hiena Editora, Col. Memória do Abismo.

1848, Camilo Castelo Branco tem 23 anos de idade, está no Porto, praticamente sem dinheiro. Tomás Ribeiro conta como conseguiu o escritor ultrapassar a situação: Os jornais noticiaram então o assassinato de uma pobre velha, atribuído à sua própria filha, e dizem hoje informações insuspeitas que falsamente lho atribuíram. Camilo escreveu numa noite o pequeno livro que ia sendo consecutivamente, impresso. No dia seguinte a comovente narrativa, comprada sofregamente, salvava o poeta da bancarrota».



■ Quem Matou Samora Machel?, Alvaro B. Marques, Ed. Ulmeiro.

«Deitar um avião abaixo é fácil: o difícil é prová-lo», afirma um dos entrevistados do autor deste espantoso documento sobre a queda, em 19 de Outubro passado, do avião que conduzia o fundador do Estado moçambicano. Entrevistas,seleção de factos, notícias e documentos e a transcrição, em primeira mão, dos relatórios da comissão de inquérito internacioonal e das gravações das «caixas negras», preenchem no fundamental o livro de Álvaro B. Marques, um dos nais dedicados cooperantes, desde 1977, da República Popular de Moçambique. O autor apresenta todos os dados relevantes possíveis e deixa ao leitor a questão de decidir: Crime ou Acidente? Um documento necessário, um documento a não perder.

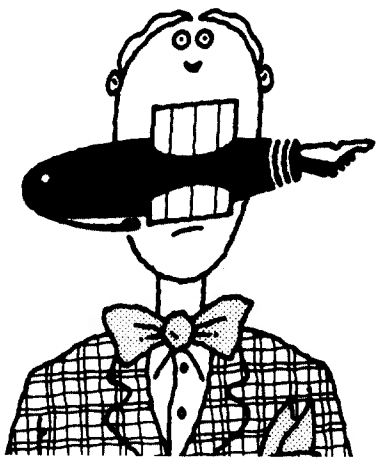
■ Correspondência de Camilo Castelo Branco, volume V, Obras de Alexandre Cabral, Livros Horizonte, edição patrocinada pelo Instituto Português do Livro.

Alexandre Cabral, o estudioso maior de Camilo, soma e segue: este V volume da Correspondência é constituído pelo epistolário do romancista para 10 homens de letras de prestígio na centúria oitocentista.

Deriva o interesse da colectânea — além, naturalmente, do que se relaciona com a epistolagrafia camiliana — do facto de os dez espólios agora recuperados na sua autenticidade) abarcarem um longo período de tempo: de 1851, carta a António Pedro Lopes de Mendonça, a 1877, a última que escreveu a Bulhão Pato.

■ Lusitânia, Almeida Faria, colecção O Camp da Palavra, da Caminho

Lusitânia é o terceiro dos quatro romances de Almeida Faria que narram a saga subjectiva de uma família alentejana, desta vez durante o período situado entre o Domingo de Páscoa de 1974 e o Domingo de Páscoa de 75. O livro divide-se em trê partes, centradas em redor dos acontecimentos de 25 de Abril, 28 de Setembro e 11 de Março. A acção alarga-se a Veneza e Luanda, abrindo caminhos para a errância do derradeiro romance, a ser editado brevemente para fechar a tetralogia: Cavaleiro Andante.



O eu nos outros

«Tricot» para António

UMA tão clara manhã não merecia uma tarde de chuva assim tão escura! O começo fora azul, limpo de nuvens, um toque solar em todas as coisas... O cauteleiro apregoava os números da sorte, a cidade desbobinava-se em todas as direcções, as pessoas saudavam-se num cruzar de olhos: que filme não era a vida naquelas primeiras horas! Agora, porém, era a chuva a encurtar o dia, os transportes atropelando-se, as montras chorando longas e longas bátegas: que filme a preto e branco não era a cidade toda!

— Ouviste...?

— Sim... Um tiro!

Henriqueta e Zita subiram do segundo ao terceiro andar, o fio do «tricot» pelos degraus, as agulhas nas mãos — e já do patamar do primeiro andar Florinda perguntava, tricotando:

— Que estrondo foi este, ó vizinhas...?

Estavam agora as três batendo à porta, e chamando pelo vizinho que, todos no prédio estranhavam, certamente que se matara, certamente que... José António, em roupão, abriu-lhes a porta:

— Que se passa...?

— Ouvimos um tiro e...

— E o quê...?

— Bem... O senhor não ouviu...?

José António, compondo o pijama, o ombro na ombreira:

— Ouvi, sim. Até acordei... Que chuva, hein...? E então eu com esta minha asma!

Indo-se, disseram as três:

— É mesmo, mesmo, um fantasma!

Pedro Alvim